



BANG! Nº 12 / MARÇO DE 2012

REVISTA GRÁTIS

UMA PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL DA SAÍDA DE EMERGÊNCIA

# BANG!

A REVISTA DE FANTASIA, FC, HORROR E OUTRAS ESPECULAÇÕES



JOÃO MONTEIRO APRESENTA-NOS  
A (VERDADEIRA) MÚSICA DO DIABO

CRÓNICAS DE ANTÓNIO DE MACEDO,  
DAVID SOARES E AFONSO CRUZ

ARQUIVO MORTO  
BD DE HORROR PARA UMA SOCIEDADE FELIZ

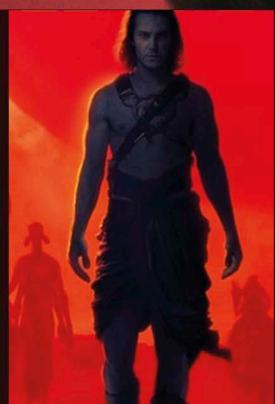
TEME A ESCURIDÃO: UM CONTO DA SÉRIE PREDADORES DA NOITE  
PELA MÃO DA RAINHA DO ROMANCE PARANORMAL

E AINDA  
ENSAIOS  
CRÍTICAS  
CONTOS PREMIADOS  
E MUITO MAIS...

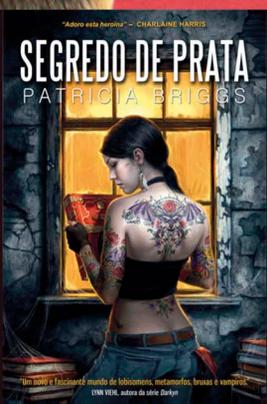
## SHERILYN KENYON



VER RAY  
BRADBURY AOS  
QUADRADINHOS  
JOÃO LAMEIRAS  
DISSECA AS  
ADAPTAÇÕES  
PARA A NONA  
ARTE DO MESTRE  
DA FC



DA PULP FICTION  
COM 100 ANOS  
PARA O CINEMA  
INSPIRADO EM  
AVATAR  
JOÃO SEIXAS  
APRESENTA-NOS  
EDGAR RICE  
BURROUGHS



TEMOS 50  
SEGREDOS  
ESCANDALOSOS  
PARA CONTAR.  
PERDÃO...  
PARA OFERECER.  
VEJA NO  
INTERIOR.

# OS JOGOS DA FOME

## OFERTA DE T-SHIRT

- Oferta na compra de *Os Jogos da Fome*
- 20% desconto nos restantes livros da coleção

EXCLUSIVO  
FNAC

13,41€



Preços, promoções e oferta válidos na Fnac de 15 de março a 04 de abril de 2012.  
Oferta limitada ao stock existente.

Mais livros com ofertas exclusivas em [fnac.pt](http://fnac.pt)

## “PARA QUE SERVEM AS EDITORAS?”

Éis uma pergunta cada vez mais alardeada nos dias de hoje. É curioso observar como o trabalho editorial é romantizado na cabeça de muitas pessoas e alvo de tantas atenções. Já vi críticas a livros em que o interesse do crítico incidia mais no trabalho de produção da editora do que nas qualidades do próprio livro. Não que o trabalho de produção não seja importante, mas nunca terá uma visibilidade maior do que o autor e a sua obra. Já vi editoras a serem culpadas da iliteracia e ignorância dos leitores por alimentarem o mercado com os mesmos livros. A verdade é que todos têm uma palavra acerca do trabalho de editoras nos dias de hoje, seja justo ou não.

Mas, hoje em dia, a questão com que abri o editorial adquire uma maior importância na medida em que vivemos num tempo em que alguns estão determinados em convencer o mundo de que as editoras são instituições não mais necessárias e podem ser facilmente postas fora da equação.

Longe vão os dias em que Virginia Woolf e o seu marido, Leonard Woolf, se dedicavam à impressão manual dos livros na editora em que ambos fundaram, a Hogarth Press, um trabalho árduo mas que permitia à autora distrair-se do seu conturbado mundo interior.

Nos últimos cinco anos as editoras tiveram que se adaptar a novas tecnologias vorazes que forneceram plataformas inovadoras de leitura, criando toda uma nova experiência de leitura, pessoal e ao mesmo tempo impessoal.

Não seremos luditas como Jonathan Franzen, em rejeitar inflexivelmente os e-readers e e-books, mas é uma indústria nova que está a despertar com ela vozes que clamam a morte do papel e, como todas as novas indústrias, carece de leis, regulação, e o caminho é desbravado apenas à medida que enfrentamos os obstáculos e somos assolados pelas dúvidas.

Mas voltando à questão principal: Para que servem as editoras? Afinal temos visto cada vez mais a proliferação de edições de autor e cursos sobre “como publicar/editar o seu próprio livro”. Alguns poderão argumentar que as editoras publicam muito lixo, persistindo aquela noção romântica das editoras como instituições culturais sem fins lucrativos e cujo único objectivo é

encontrar o próximo profeta literário que irá anunciar o fim dos tempos.

Não sei responder à minha pergunta com uma verdade universal, mas olho para muitos livros nas livrarias e vejo aí a resposta. Olho para o dinheiro investido num bom acabamento, num papel suave e opaco, numa tradução competente, num design gráfico emocional e apelativo, num autor fascinante e é aí que observo a reacção de admiração da parte dos leitores e encontro parte da resposta, mas não a verdade absoluta.

Neste momento, a Amazon, o líder incontestável de vendas de e-books, está a fomentar uma estratégia de domínio e monopólio do mercado de e-books em que decide impor unilateralmente as margens de receitas, forçando muitas editoras a descontos agressivos, tornando insustentável o seu trabalho um trabalho profissional e dispendioso. De toda a matemática de produção de um livro, o editor é o que dispensa mais dinheiro e é forçado muitas vezes a suportar os descontos tão desejados pelos leitores. Se o editor não consegue obter algum tipo de lucro, não consegue continuar a fazer o seu trabalho nem dar-se ao luxo de escolher o que quer publicar. O mundo de edição tenta adaptar-se rapidamente aos tempos para depois ver uma política destrutiva tanto para autores como editores a dizer-lhes na cara que não verá retorno adequado ou merecido e se protestar desaparecerá dos sites de vendas.

Numa casa onde vivam amantes de livros sabemos que o bibliófilo irá parar muitas vezes defronte das suas estantes, absorto em contemplação, e secretamente embevecido pela maravilha que compôs na sua casa. Hoje em dia, teremos que procurar uma nova definição de bibliófilo que olha embevecido para a sua lista de e-books e a maravilhosa harmonia e design de um aparelho concebido para os ler. Tanto um como o outro procuram o prazer da leitura. Pois seja em que meio for, um e-reader ou impresso, sabemos que de cada vez que abrimos um livro, as nossas expectativas são elevadas, a nossa curiosidade é intensa, e não sabemos o que nos espera.

Mas sentiremos o mesmo se forem ou-

tros agentes no mundo de edição a decidirem que autores podemos ler e que valham o nosso tempo? Serão eles capazes de definir diversas linhas editoriais e gráficas de modo a contribuir para cada livro de uma outra forma que não seja uniforme e impessoal? Conseguirão tomar decisões baseadas não apenas em lucro ou best-sellers? Conseguirão alimentar os egos dos autores de forma personalizada sempre que o autor telefona ou envia um e-mail? Conseguirão marcar uma posição? Não sei.

Como disse, o caminho apenas é desbravado quando somos assolados pelas dúvidas. E neste momento, elas são muitas e ameaçam ainda mais o horizonte. Pode chegar um dia em que revistas como esta serão impedidas de serem publicadas por não serem consideradas lucrativas mas, por agora, podemos afastar essas nuvens negras por um momento porque as editoras ainda são um elo imprescindível no meio.

\*\*\*

A revista Bang! passará a ser quadrimestral, saindo três números por ano. Em 2011 tinha sido publicado o mesmo número, mas estávamos convencidos, poucos como somos, de que tínhamos alguma habilidade secreta de super-heróis para produzir quatro números por ano, e ainda fazer tudo o resto – produção, marketing e a gestão da vida quotidiana de uma editora com todas as suas confusões, sucessos e azares. Mas revistas como esta precisam de muito carinho e gosto em estar horas e horas a trabalhar em equipa: a paginar, escrever, enviar dezenas de e-mails, criar o grafismo, ocupar cada página branca com algo surpreendente. Porque independentemente de tudo o que possam pensar sobre o nosso trabalho, posso garantir que só fechamos cada revista no momento em que sentimos que construímos algo de que nos orgulhamos. **BANG!**



Safaa Dib é coordenadora editorial da editora Saída de Emergência. Juntamente com Rogério Ribeiro, organiza a convenção anual do Fórum Fantástico.

# ilustrador da capa

José Alves da Silva



## 1. General Rhino (2011)

O lançamento da versão 4.2 do Zbrush trazia muitas novidades. A 3D Total publishing encomendou-me um artigo com uma imagem que exemplificasse a utilização das novas ferramentas do software. Foi assim que nasceu esta imagem.

## 2. Boxing Kangaroo (2010)

Esta imagem foi criada para um artigo da revista 3DCreative, ensinando como desenvolver um personagem cartoon em 3D com o uso do software 3DStudio Max.

## 3. Tequila Tatu (2011)

Criada para ilustrar um artigo para a revista 3D Creative. O objectivo era representar um animal com defeitos humanos. Um tatu alcohólico amante de tequila pareceu-me uma boa ideia.

## 4. Barrio Guy (2010)

A exploração de uma linguagem escultórica em que a angulosidade dos planos fosse reveladora das características psicológicas do personagem levou à criação desta imagem. A dureza dos planos procura espelhar a dureza do próprio personagem.

## 5. Mouse Love (2009)

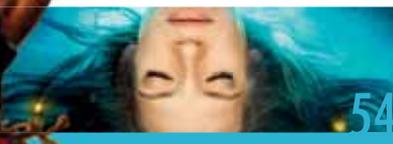
A imagem que marcou um ponto de viragem na minha vida. Venceu o 1º prémio do CGSociety Challenge XXIV sob o tema "Secret Agent".

**F**ormei-me como Arquitecto pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa em 1996. Sempre tive grande interesse pela criação digital de imagens. Terminado o curso, co-fundei a empresa Pura Imagem com o objectivo de aplicar as técnicas de representação tridimensional ao estudo e apresentação de projectos de Arquitectura. Ao longo de 12 anos trabalhei na representação 3D de projectos, ganhando familiaridade com as técnicas de modelação, texturização, iluminação e animação. A criação de personagens e ilustração começou como um hobby. No entanto, todas as técnicas aplicadas à simulação de Arquitectura eram válidas para a criação de personagens em 3D. Em 2009, ganhei o 1º prémio (Master Award) do CGSociety Challenge XXIV, o mais importante concurso de imagens promovido pelo maior site mundial dedicado a 3D ([www.cgsociety.org](http://www.cgsociety.org)). A exposição pública resultante dessa vitória propiciou os primeiros contactos nessa área que me apaixonava mas que eu pensava ser impossível de seguir como carreira profissional.

No final de 2009 tomei a decisão de me dedicar a tempo inteiro à criação de personagens. Desde então tive a oportunidade de colaborar com clientes, na sua maioria internacionais, na ilustração de campanhas de publicidade e criação de personagens para filmes e jogos, e ter o trabalho publicado em livros como o *Exposé, Exotique, d'Artiste*, *Digital Art Masters* e revistas da especialidade como a *3D World*, *3D Artist* ou *3D Creative*.

Para mais informações  
[www.artofjose.com](http://www.artofjose.com) **BANG!**





## Não Ficção

- 02 Ilustrador da capa  
José Alves da Silva
- 10 Fantasia e Realidade: Anjos, Velhos e Novos  
David Soares
- 12 Enciclopédia da História Universal  
Afonso Cruz
- 14 Mais Alguns Livros Míticos e Vários Outros (Falsos ou Não) - 1ª Parte  
António de Macedo
- 18 O Homem Ilustrado: Ray Bradbury em BD  
João Lameiras
- 30 Os Autores de Ouro da Literatura Fantástica - Burroughs e Marte: A Geografia da Imaginação  
João Seixas
- 40 A (Verdadeira) Música do Diabo  
João Monteiro
- 54 Fringe  
Inês Botelho
- 69 Os Livros das Minhas Vidas  
Luís Filipe Silva

## Ficção

- 08 O Polvo  
Rita Fernandes
- 22 As Coisas  
Peter Watts
- 50 Concurso de Mini-Contos  
Vários Autores
- 56 Teme a Escuridão  
Sherrilyn Kenyon
- 66 Arquivo Morto  
Gilmar Fraga e Paulo Stenzel
- 74 As Portas do Diabo  
David Soares
- 76 Entre Lolita e Margarita  
J.B. Machado



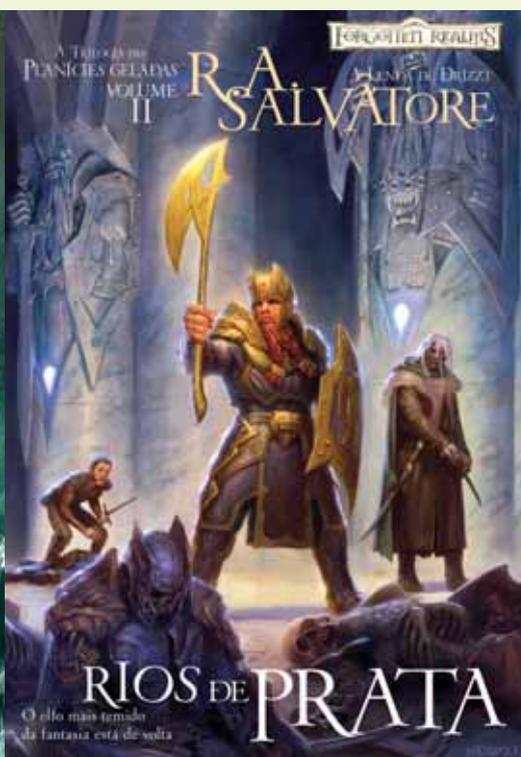
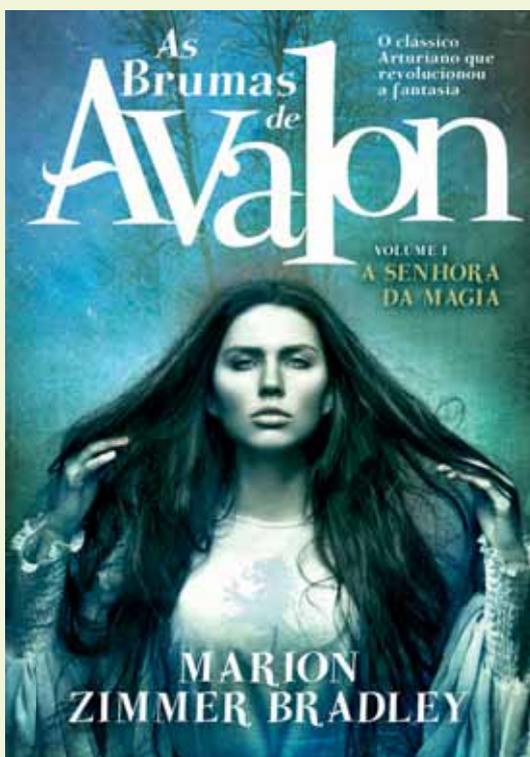
PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE A COLEÇÃO BANG! OU A EDITORA SAÍDA DE EMERGÊNCIA VISITE-NOS EM: [SAIDAEEMERGENCIA.COM](http://SAIDAEEMERGENCIA.COM)

Revista Bang! 12 / Março de 2012 ISBN: 978-989-637-420-4 Propriedade: Edições Saída de Emergência. Todos os direitos (e mais alguns) reservados. Director e escravo das galés: Luis Corte Real Editora (procurada pela Interpol): Safaa Dib Direcção de arte e catering: Saída de Emergência Colaboradores explorados nesta edição: Ana Alexandre, André Leitão, Inês Botelho, João Barreiros, João Lameiras, Ester Cortegano, João Monteiro, João Seixas, Luís Santos, Nuno Reis, Rita Santos, Rui Baptista, Samuel Andrade, Tiago Ramos. Autores e outros convidados sem voto na matéria: Afonso Cruz, António de Macedo, António Nunes de Almeida, David Soares, Fernando Queirós, Gilmar Fraga, H. S. Coelho, Igor Rosa Dias de Jesus, J. B. Machado, José Alves da Silva, Luís Filipe Silva, Morgana de Avalon, Nuno Lopes, Paulo Stenzel, Pedro Martins, Peter Watts, Rita Fernandes, Rui Monteiro, Sherrilyn Kenyon. Redacção e solário: Rua Adelino Mendes, nº152, Quinta do Choupal 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal Impressão (gralhas incluídas): Printer Portuguesa Tiragem de revirar os olhinhos: 8500 Copyright: Textos e imagens propriedade da editora e/ou dos respectivos autores, etc etal. Nota: os preços das lojas Fnac anunciados nesta revista consideram-se correctos salvo erro, gralha tipográfica ou intervenção alienígena.

# colecção bang!

só literatura fantástica

[Resumo das novidades Por Luís Corte Real / editor]



Elfos, vampiros e Avalon. Três pilares da literatura fantástica regressam este trimestre

## ***A Senhora da Magia*** **Marion Zimmer Bradley**

Em 2011, a Saída de Emergência anunciou que adquirira os direitos de publicação de toda a obra de uma das autoras mais consagradas no campo da fantasia e cujo nome já dispensa apresentações, Marion Zimmer Bradley. O acolhimento a esta notícia não podia ter sido mais entusiástico e, finalmente, começamos 2012 com a apresentação das novas edições portuguesas

desta autora sob alçada da Saída de Emergência.

Não podíamos deixar de começar por dar a conhecer a uma nova geração um dos seus clássicos intemporais, *As Brumas de Avalon*, dividido em quatro volumes. Mais do que se centrar nos homens que se tornaram famosos nas lendas que vieram das Ilhas Britânicas, Zimmer Bradley recria a história de Avalon e a criação de Camelot focando nas mulheres por detrás do trono que viriam a influenciar o curso dos eventos. As vidas de Morgaine, Igraine, Morgause e Vivienne giram em torno de Artur mas serão elas a tecer as teias de intriga e magia que irão imortalizar um dos maiores guerreiros de sempre.

A publicação da obra de Zimmer

Bradley será regular e não deixará de incluir outras das suas séries mais populares, como Darkover.

## ***Rios de Prata*** **R. A. Salvatore**

A nova trilogia do elfo negro que se iniciou com *O Fragmento de Cristal* continua com *Rios de Prata*. Os fãs de R. A. Salvatore saberão que esta é a trilogia original que deu origem a toda a fascinante lenda de Drizzt do Urden que seria desenvolvida em volumes posteriores. É na Trilogia das Planícies Geladas que o elfo negro faz a sua primeira aparição ao mundo (a trilogia *Pátria, Exílio e Refúgio*, embora narre as origens de Drizzt, foi escrita

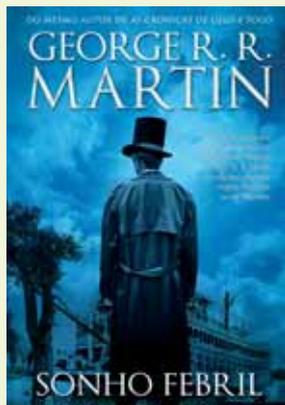
posteriormente); uma figura enigmática e misteriosa, temida pelos habitantes da superfície devido ao facto de pertencer a uma raça sanguinária e cruel, implacável na luta mas um companheiro feroz, leal e que fará tudo para salvar os amigos das garras de assassinos e inimigos. Um verdadeiro clássico da fantasia, esta trilogia encerra com *A Jóia Encantada*, a ser publicado em Maio.

## **Despertada** **P.C. Cast & Kristin Cast**

*Despertada* de P. C. Cast & Kristin Cast é o 8º volume da série da Casa da Noite. O 1º volume, *Marcada*, lançado em 2009, foi um dos títulos mais vendidos da editora e conseguiu atrair muitas das fãs de literatura de vampiros sedentas por novos autores, na ressaca de Stephenie Meyer. As aventuras de Zoey Redbird, a eleita da Deusa Nyx, há muito que ultrapassaram os limites da Casa da Noite e estenderam-se a outras regiões onde Zoey combate as forças vampíricas do mal com a ajuda dos seus amigos. Mas mais do que as tensões latentes na história, os fãs têm-se sentido bastante cativados pela relação entre Stevie Ray e Refaim, dois seres vastamente diferentes entre si mas inevitavelmente atraídos um pelo outro.

## **O Cavaleiro** **de Westeros & Outras** **Histórias** **George R. R. Martin**

Cerca de 100 anos antes da guerra civil narrada nas Crónicas de Gelo & Fogo, George R. R. Martin iniciou a publicação de uma série de noveletas situada no mundo de Westeros, centrada nas aventuras de um escudeiro cujo sonho era prestar juramento como cavaleiro de Westeros. Num tempo em que a dinastia Targaryen ainda ocupava o Trono de Ferro, o escudeiro encontra um rapaz misterioso que irá mudar a sua vida para sempre. A colectânea contém não só a noveleta como uma selecção de alguns dos melhores contos da carreira de George R. R. Martin, verdadeiras pérolas de ficção. Nesta obra encontrarão histórias



sobre uma cidade, há muito dominada por uma elite de lobisomens, onde ocorrem horrendos acontecimentos, uma batalha no passado que pode alterar o futuro, um magnata excêntrico com gosto por espécies exóticas que vai ser confrontado com o que não esperava, um padre em crise de fé num mundo distante, uma história de sobrevivência num planeta onde é sempre inverno, uma mulher que vasculha universos inteiros em busca do amor perdido e muito mais. A edição será apresentada a 18 de Abril de 2012, em Lisboa, com a presença do próprio autor, e estará em pré-venda exclusiva. Não percam esta oportunidade única de conhecer um dos grandes mestres da literatura fantástica. E para celebrar a visita do autor ao país, decidimos também oferecer uma nova capa de um dos seus títulos mais populares fora do mundo das Crónicas. *Sonho Febril* terá nova sobre capa nas livrarias no mês de Abril. Para quem ainda não leu, este é um clássico de vampiros muito antes de toda a angústia adolescente de Stephenie Meyer ter

# GEORGE R. R. MARTIN

## O CAVALEIRO DE WESTEROS & OUTRAS HISTÓRIAS

INCLUI AVENTURA NO MUNDO DE  
A GUERRA DOS TRONOS



tornado a figura do vampiro mediática nos últimos anos. Conheçam a história de Abner Marsh, capitão do lendário barco a vapor Fevre Dream e a sua jornada inesquecível pelo rio Mississípi...

## **Segredo de Prata** **Patricia Briggs**

Mercy Thompson é uma heroína bem diferente do que fomos habituados a ler. Ela é forte, independente, é mecânica de automóveis para ganhar a vida, mas é também uma metamorfa com a habilidade de se transformar num coiote e ser imune a grande parte da magia das criaturas sobrenaturais que a rodeiam. Aquilo que a torna tão especial é também aquilo que a coloca em constante perigo. Não bastasse isso, é vizinha do lobisomem alfa, Adam, por quem nutre sentimentos contraditórios. Mercy já enfrentou a rainha dos vampiros, seres feéricos perigosos, alcateias de lobisomens ameaçadoras e já passou por situações psicológicas extremas que teriam deixado qualquer mulher de ras-

▲ George R. R. Martin está de volta com uma antologia que apresenta os seus melhores contos, incluindo um passado mais dramático da História de Westeros. Está também de volta com o relançamento daquele que é considerado o seu melhor romance: "Sonho Febril".

tos, mas ela tem uma coragem e uma força inspiradora e matura que tornam a leitura viciante.

No 5º volume, *Segredo de Prata*, Mercy tenta devolver um livro mágico mas descobre que este contém segredos que as fadas farão tudo para proteger. Como se não fosse suficiente enfrentar o mundo implacável e perigoso das fadas, Mercy ainda tem de lidar com o lado depressivo do seu amigo Samuel (mas será só um amigo?), cada vez mais atormentado pelo conflito entre a sua natureza humana e animal. Conseguirá Mercy encontrar uma forma de manter o seu mundo e amigos ilesos?

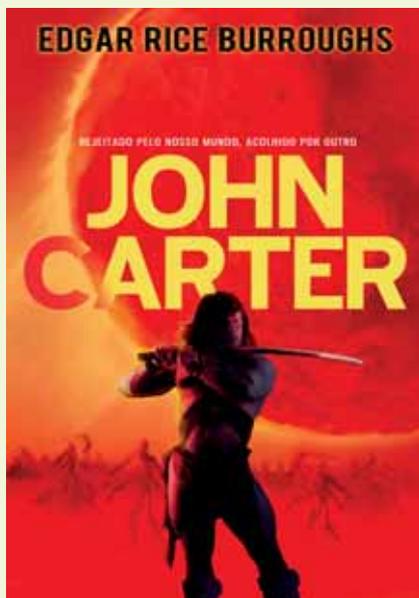
## **John Carter** **Edgar Rice Burroughs**

Uma estreia total na colecção Bang!, já tardava em figurar na nossa colecção o nome incontornável de Edgar Rice Burroughs. Mais conhecido em Portugal pela sua criação de Tarzan, o rei dos macacos, Burroughs foi também o criador da personagem de John Carter, o protagonista da série Barsoom. Em *John Carter*, Edgar Rice Burroughs constrói um mito da era moderna que marcou de forma indelével gerações de leitores e influenciou as obras de incontáveis criadores. Publicado agora pela primeira vez em Portugal numa edição comemorativa do seu centenário, com introdução contextualizada do crítico literário João Seixas, é a oportunidade única de conhecer pela primeira vez um clássico intemporal. O lançamento do livro irá coincidir com a estreia do filme John Carter nas salas portuguesas em Março, uma adaptação que promete rivalizar com as super-produções de fantasia e ficção científica norte-americanas dos últimos anos.

## **Sombras Radiantes** **Melissa Marr**

Melissa Marr dá seguimento aos seus contos de Fadas numa história sombria e arrebatadora de tentação e consequências, e de heroísmo quando menos se espera. Os leitores irão ser seduzidos por um universo perigoso, de cortar a respiração, um mundo de fadas totalmente imaginado, em que até os amantes de não-ficção (ou de livros sem fadas) vão querer ingressar.

Em *Sombras Radiantes* é-nos apresentado Ani, metade humana e metade Fada, deixando-se esta levar pelos seus apetites. Esses mesmos apetites também atraem inimigos poderosos e aliados incertos, incluindo Devlin. Ele sabe que é o único que pode manter Ani a salvo das suas irmãs. E se falhar, será o único responsável pela sua morte. Mas Ani não é de se deixar



proteger enquanto os outros lutam as suas batalhas por si. À medida que se tornam mais íntimos, uma ameaça maior coloca em perigo todo o Mundo das Fadas.

## **O Avatar de Kushiel** **Jacqueline Carey**

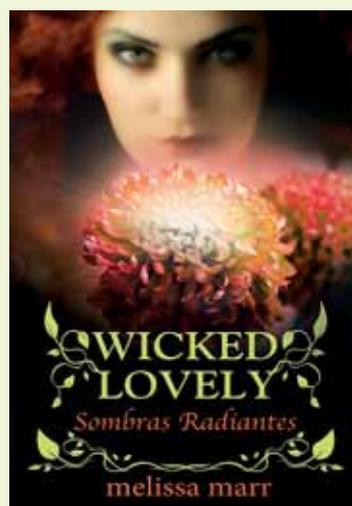
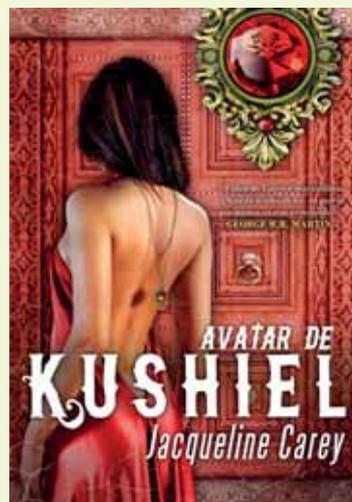
Março é também o mês em que será publicado a novidade “O Avatar de Kushiel” de Jacqueline Carey, um mundo repleto de sensualidade e perigos. Naturalmente rico em aventuras, com um enorme elenco de personagens bem construídas, esta comvente e robusta história apelará igualmente a amantes de fantasia e ficção erótica.

Não percam esta oportunidade de viajar à Terre D’ange e acompanhar Phèdre, atingida pelo Dardo de Kushiel e eleita para toda a vida a experimentar a dor e o prazer como uma coisa só.

## **Uncharted,** **O Quarto Labirinto** **Christopher Golden**

Uncharted segue as aventuras de Nathan Drake, o ladrão aventureiro que anda em busca de ruínas antigas, artefactos inestimáveis e riquezas incalculáveis. A série Uncharted da Sony já vendeu quatro milhões de cópias até hoje.

Conhecido pelas suas sequências de acção de cortar a respiração, pelos mistérios profundos e originais, e pelos personagens encantadores, Uncharted faz a sua passagem natural para o papel, para alegria dos fãs de todo o mundo. Escrito de forma autêntica e extremamente fiel aos jogos, os fãs de Uncharted não vão querer perder a última aventura épica de Nathan Drake. **BANG!**



### ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DA COLECÇÃO BANG!

165. Rios de Prata – Trilogia das Planícies Geladas  
R. A. Salvatore
166. A Senhora da Magia – As Brumas de Avalon, vol. 1  
Marion Zimmer Bradley
167. Despertada  
P. C. Cast & Kristin Cast
168. Mago – As Trevas de Sethanon  
Raymond E. Feist
169. Avatar de Kushiel  
Jacqueline Carey
170. Wicked Lovely – Sombras Radiantes  
Melissa Marr
171. Segredo de Prata  
Patricia Briggs
172. John Carter de Marte  
Edgar Rice Burroughs
173. Sangue Ardente  
Charlaine Harris
174. Uncharted – O Quarto Labirinto  
Christopher Golden
175. O Cavaleiro de Westeros & Outras Histórias  
George R. R. Martin



UM CONTO DE  
**RITA FERNANDES**

# O POLVO

*Sentado na sua poltrona assemelhava-se a um polvo mole, velho e incolor, de tentáculos pendidos na direcção do chão. Já não sabia sequer morder ou mover-se em gestos repentinos ao avistar um isco estaladiço; era agora mais inofensivo que uma sardinha tonta arrastada pelas correntezas do mar.*

**P**assava os dias em frente à janela, afundado nessa poltrona de fazenda e ácaros, como se boiasse sobre ela, sobre si mesmo e sobre a única casa que algum dia tinha conhecido. Dizia-lhe o filho de meia-idade: meu pai, há lugares com pessoas como o senhor, não tem de ficar para sempre aqui. E aquelas palavras faziam-lhe comichão por dentro, uma comichão incomodativa que lhe dava vontade de engolir as próprias mãos e deixá-las coçar tudo com toda a força. Mantinha a (com)postura, cada dia mais torta, e respondia: não há outro lugar onde queira morrer.

A casa, mais velha que ele, era agora lugar para reencontro de fantasmas: lá

estavam os seus pais, de repente tão jovens, a rirem baixinho na cozinha. Ele quase adivinhava o tosco bigode do pai a escarafunchar no pescoço da mãe, tal qual o ouriço-do-mar remexe as areias mais profundas do oceano, enquanto ela continuava a cortar as cenouras para dentro da panela enorme da sopa. Ao mesmo tempo, conseguia ouvir os irmãos, pouco mais velhos que ele mas ainda tão jovens, a correrem no quintal da frente, sujos até às orelhas, por detrás delas também, mas incapazes de deixar que qualquer cansaço os derrubasse. Logo a seguir, lá aparecia a mulher, cheirosa, de avental vestido, a cantarolar junto à telefonia, enquanto limpava o pó aos candelabros, e os passos

do filho, no andar de cima, a tornarem-se mais pesados à medida que ia crescendo. Envolto no cenário, o velho homem sentia um cheiro fresco de ondas salgadas a rebentarem na costa e sentia-se, assim, secretamente acompanhado.

Era final da manhã e a campainha tocava. Ele levantava-se da sua poltrona e caminhava em passos curtos na direcção da porta, como se carregasse às costas uma carapaça pesadíssima; aliás, quase se conseguia vê-la, a balançar-lhe por trás, coberta de musgo. O chão de madeira, por baixo, velho e podre, rangia a cada passo. Mas ele lá ia, determinado, até abrir, por fim, a porta ao sorriso rasgado da criança pequenissi-

ma que o esperava impaciente em bicos de pés.

O pequeno vinha sempre no mesmo dia da semana, seguro pela mão do pai, que lhe dizia, antes de tocar à campainha: vê lá se hoje não cansas o teu avô, ele não tem a tua idade. Mal sabia o filho que o velhote ansiava, todas as semanas, pelo dia em que o garoto chegava cheio de vida, acompanhado pelo chocalhar de diferentes baldes cheios de conchas de todas as formas, e o cansava até à exaustão – dormia sempre tão bem nessa noite.

Nesse dia, como em todos, o filho de meia-idade pôs a mesa e serviu o almoço que, como sempre, trazia já pronto consigo. O avô, sentado ao topo da mesa, e o neto, junto a si, sentado em cima de mil almofadas, de forma a conseguir chegar ao prato, tinham o mesmo rosto: olhavam por cima dos copos e travessas e pensavam: tem mesmo de ser? As sobranceiras de ambos formavam arcos iguais, pendidas sobre a testa como se fossem anzóis muito firmes à espera da dentada fatal que os fizesse mexer. As bocas, como que penduradas na cara, eram as de achigãs tristonhos nas mãos dos homens. E os olhitos de ambos, pequenos pontos de luz no meio da velha sala da casa, miravam desinteressados as verduras, anteendo outras mil opções muito melhores do que perder tempo a comer.

Eram, assim, três gerações diferentes reunidas em volta de uma mesa, duas delas com um ponto em comum: a falta de apetite. O elemento presente da geração do meio, ali pai e filho ao mesmo tempo, lá arregalava os olhos e os outros dois metiam à boca o que lhes parecia suficiente para satisfazer tal vontade.

Nesse dia, não se ouviu comentar: meu pai, não acha que está na hora de deixar esta casa? Em vez disso, toda a casa se calou para ouvir a criança contar as novidades que tinha armazenado durante toda a semana para só desvendar junto do avô. E o velho homem cansado sentia ganhar pequenos rasgos de vida por cada palavrinha palrada pelo petiz que ouvia como se fosse a coisa mais importante do mundo.

Queria pegar no neto por uma mão e no filho por outra e levá-los às praias de outrora – aos mergulhos dados de cabeça mar adentro, sem frio ou medos, e às festas na pele dos banhos de sol quentes. Mexia um pé, por debaixo da mesa, depois o outro; sentia-os como dois portões antigos enferrujados pela falta de óleo nas dobradiças e abandonava o desejo. Não acompanhando o corpo a velocidade da vontade, optava por se juntar à criança e entravam juntos em mar profundo, sem

oxigénio ou barbatanas de prevenção, sem saírem sequer dos seus lugares. Passavam horas enredados em algas, corais e estrelas-do-mar, a fugirem de tubarões brancos e alforrecas e a fazerem troça das lagostas e caranguejos. Nisto, o filho de meia-idade levantava a mesa, olhava para as paredes manchadas da casa, abanava a cabeça em desaprovação, analisava o chão, lavava a louça suja acumulada dentro dum alguidar, abria um livro da estante, olhava de volta para os tectos e voltava a abanar a cabeça. Os outros dois, escafandros desatemidos em águas revoltas, nem se davam conta da acção terrena nas poucas vezes que vinham à superfície só para analisar as conchas trazidas nos baldes pelo mais pequeno.

Juntos, não se assemelhavam a duas crianças tontas a viajar pelo mundo do imaginário; eram, sim, dois verdadeiros cruzados dos mares convictos do seu papel. Bem imersos nas suas funções, viajavam tão longe que acabavam por descobrir territórios nunca antes visitados e espécies por catalogar. Não o podiam provar ao mundo porque não tinham imagens para mostrar; em contrapartida, tinham o privilégio de poder guardar um segredo como sendo um verdadeiro tesouro. Ensinava o avô ao pequeno: nem sempre para ter valor tem de ser reconhecido pelos outros. E a criança aprendia e aceitava, ao mesmo tempo que sacudia no ar mais um búzio vazio e o encostava, depois, ao ouvido.

Horas mais tarde, mil milhas mais tarde, era hora de as visitas desaparecerem. O velho homem saía a custo do seu lugar na mesa da sala, frio como se realmente o arrancassem de dentro de água a já horas tardias. Filho e neto, antes de irem, ajudavam-no a cair de volta na sua poltrona de estimação e despediam-se: até para a semana. O garoto largava um beijo pequenino como ele nas bochechas rugosas do avô e tirava uma concha do balde para lhe deixar nas mãos, enquanto o pai já o chamava à porta.

De volta ao seu assento, canoa segura atracada no cais, via os dois pela janela a ausentarem-se no mundo. Mirava a criança a afastar-se, presa pela mão do filho de meia-idade, e pensava: não me podia ter sido oferecido melhor companheiro. Descalço, olhava para os seus pés, joanetes enormes e unhas grossas de tanta idade, e era essa a última imagem que tinha antes de fechar os olhos, exausto.

Subia uns degraus para entrar noutra dimensão, onde se punha, então, a flutuar acima da própria cabeça, careca e repleta de pequenas manchas, réplica exacta de

a de um polvo gasto e murcho. Flutuava de braços abertos, com o corpo todo a ondular calmamente, junto com as ondas que lhe existiam por cima da cabeça, agora tão distantes das que tinha conhecido a rebentarem furiosas nas rochas. Submerso nessa bolha de água, voltava a ouvir o riso da mãe ao longe, a voz do pai a chamá-lo, a mulher a cantar-lhe de mansinho... Mas a casa e a poltrona de sempre eram já muito longe, os seus fantasmas também, quando, por fim, se deixava adormecer com um pequeno sorriso, ao mesmo tempo que pensava: será a minha melhor noite de sono.

Quando o filho de meia-idade e o neto o quiseram visitar, na semana seguinte, e, pela primeira vez, tinha ele partido a uma velocidade mais repentina do que qualquer um dos dois, perceberam logo que já não o iam encontrar, porque as conchas de todas as semanas estavam alinhadas em cima da poltrona, que se via pelo lado de fora da janela. O pai dizia: não te preocupes, ele foi para o céu. O pequeno, furioso, largava-lhe a mão e respondia: não, ele foi para o fundo do mar. **BANG!**



Rita Fernandes nasceu em 1989 em Lisboa. Foi na adolescência que percebeu que queria contar histórias. Entre cursos de escrita criativa e de literatura infanto-juvenil, nada lhe dá mais prazer que dar vida a personagens. É estudante finalista da licenciatura em Jornalismo na Escola Superior de Comunicação Social, onde colabora com o jornal 8ª colina. Em 2011 ficou classificada em 1º lugar no II Prémio Literário Cidade Poesia (São Paulo, Brasil), onde viu o seu conto editado na antologia "O Polvo e outras histórias".

Q

uando alguns leitores de 1955 leram os trechos respeitantes ao exército espectral de Dunharrow, instrumentalizado por Aragorn para derrotar os corsários de Umbar, no recém-publicado livro *The Return of the King*, de J. R. R. Tolkien, a terceira parte da trilogia de literatura fantástica *The Lord of the Rings*, deverão ter-se lembrado naturalmente dos ainda eminentes “Anjos de Mons”, os reforços celestiais que acudiram a um pequeno corpo expedicionário britânico, ajudando-o a fugir com segurança das mais numerosas tropas alemãs, na batalha travada perto da cidade belga de Mons, a 23 de Agosto de 1914.

Essa soldadesca sobrenatural era constituída por arqueiros ingleses mor-

de modo explícito que os agentes sobrenaturais «cintilantes» são os arqueiros fantasmas de Agincourt, liderados por São Jorge (de modo geral, os santos são personagens que não gozam de grande popularidade no culto inglês, mas, enquanto ícone nacionalista, São Jorge beneficiava do afecto popular). O bosquejo dos archeiros fantasmagóricos como sendo anjos foi desenhado pelos eclesiásticos que, poucos meses após a publicação da notícia, disseminaram-no entre as suas paróquias sob a forma de panfletos. Em principal, o relato intitulado *A Troop of Angels*, publicado a 3 de Abril de 1915 no jornal paroquiano *Hereford Times* do condado de Herefordshire, foi decisivo em estabelecer a identidade angélica dos intervenientes além-tumulares: nessa narração, uma jovem chamada Miss Marrable conta as experiências que dois soldados ingleses, presentes no corpo expedicionário salvo por “anjos” em Mons, lhe confidencia-

ram, inclusive uma descrição de como as tropas alemãs se paralisaram pelo terror ao serem acostadas pelo magote miraculoso.

Diversos jornais britânicos também reproduziram o texto original, discordando sobre ele com as mais imaginativas interpretações – chegou a revelar-se que o exército alemão ocultara a informação de que se encontraram flechas nos corpos dos soldados mortos a 23 de Agosto de 1914. Isolado no onfalo da voragem dessecretista, o autor da notícia continuava a ser interrogado por leitores ávidos de mais pormenores, porém o texto não era notícia nenhuma, mas um conto: uma ficção inventada pelo conhecido escritor galês Arthur Machen, que, desde 1910, trabalhava como jornalista para o *The Evening News*.

Machen sempre disse que o seu conto *The Bowman* era apenas uma ficção, sem nenhum referente real, mas isso não im-

# fantasia e realidade

## Anjos, Velhos e Novos por David Soares

tos na Batalha de Agincourt, ocorrida a 25 de Outubro de 1415, no local onde hoje se situa a contemporânea cidade e comuna de Azincourt, no Norte de França. Nessa batalha – episódio da famosa “Guerra dos Cem Anos” (na verdade, durou cento e dezasseis anos) –, o jovem rei inglês Henry V derrotou o numeroso exército francês liderado por Charles I de Albret, condestável da França, inaugurando um interregno na imperante hegemonia francesa; a fortuna de ser-se salvo por corajosos companheiros de armas, provenientes do outro mundo, inspirou, pois, a imaginação inglesa nas trincheiras da Primeira Grande Guerra.

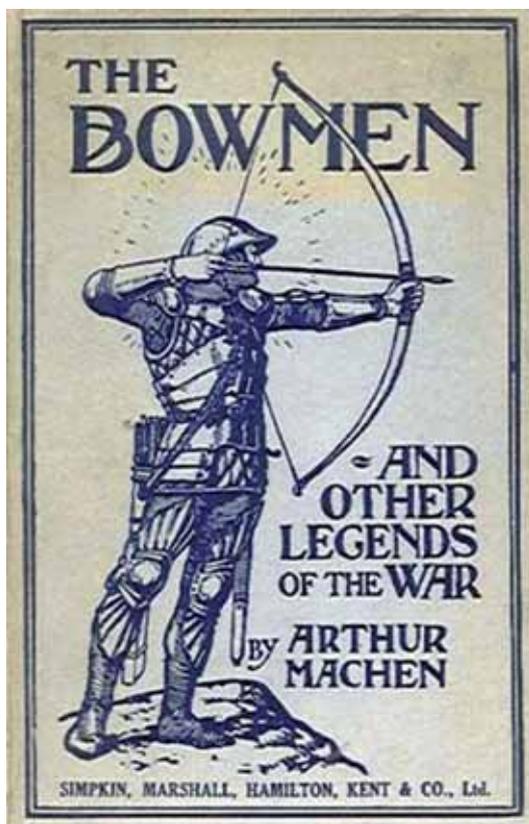
O relato estreou-se a 29 de Setembro de 1914 no jornal vespertino inglês *The Evening News* (o primeiro jornal do mundo a ter telefone), editado nessa altura pelo jornalista Walter J. Evans, mas não menciona nenhuns anjos; com efeito, a notícia, intitulada *The Bowman*, descreve



O fenómeno das aparições de Fátima pede para ser cotejado com o dos “Anjos de Mons”.

pediu que a lenda dos “Anjos de Mons” ganhasse com rapidez um ímpeto e uma dimensão incomuns, firmando-se com solidez na psique popular como um verdadeiro episódio de intervenção divina – aliás, não faltou quem insultasse o próprio autor por tentar denegrir com calúnias a verdade sobre os “anjos patrióticos” e até alguns soldados ingleses, sobreviventes da Batalha de Mons, contaram à imprensa que os “anjos”, de facto, os ajudaram a retirar-se do campo de batalha. Também em 1915, o conhecido escritor conservador Edward Harold Begbie publicou um livro intitulado *On the Side of Angels*, no qual acusou Machen de lucrar com verdadeiras visões espirituais, transmitidas telepaticamente por desgraçados soldados na frente de batalha e que ele sintonizara.

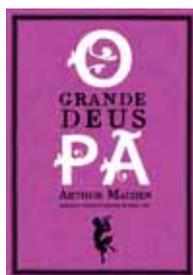
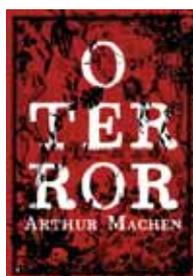
Em tempos de carestia, como o da Primeira Grande Guerra, é natural que os indivíduos desesperados sintam maior disponibilidade para encontra-



rem conforto junto de ideias marginais que refutariam em melhores circunstâncias. Em Portugal, por exemplo, o fenómeno das aparições de Fátima, cuja data principal de 13 de Maio de 1917 se inscreveu na sequência da partida do corpo expedicionário português para França, pede para ser cotejado com o dos “Anjos de Mons”.

Hoje, a secularização da sociedade não permitirá, certamente, um levantamento de massas de ordem similar em torno de um tema de natureza religiosa, mas os mecanismos que promovem a aceitação do inverosímil também funcionam com o pensamento político, como comprovou a emergência dos nacionalismos durante o século XX. Ao contrário dos nossos antepassados, somos demasiado rebuscados para acreditarmos nas chamadas grandes mitologias formativas, mas, por outro, talvez sejamos mais les-tos que eles a acreditar em informação contrafactual desde que ela vá ao encontro daquilo que sentimos, porque, hoje, os sentimentos substituíram os factos e qualquer ficção difundida sem análise poderá ser, tal como o conto de Machen, lida como sendo verdade histórica.

Por um lado não duvido de que isso acontecerá, mais tarde ou mais cedo. Por outro, prefiro não ser testemunha dos “anjos” que o século XXI poderá trazer. **BANG!**



Arthur Machen foi um dos grandes escritores do início de século xx. A sua obra é imprescindível à compreensão de autores como H. P. Lovecraft, Stephen King, Bram Stoker, Conan Doyle, Oscar Wilde, ou mesmo Alfred Hitchcock. Foi apontado por Luís Borges como a grande influência do realismo mágico. A Coleção Bang! publicou duas das mais marcantes obras do autor: *O Terror* e *O Grande Deus Pã*



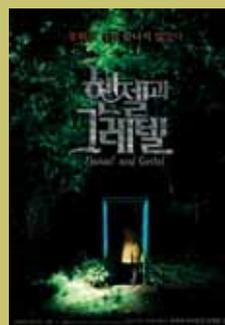
David Soares é autor dos romances “Batalha”, “O Evangelho do Enforcado”, “Lisboa Triunfante” e “A Conspiração dos Antepassados”. A revista literária Os Meus Livros considerou-o «o mais importante autor português de literatura fantástica».

NOT A FILM CRITIC  
<http://notfilmcritic.blogspot.com/>

HANSEL & GRETEL (2007)

PIL-SUNG YIM

★ ★ ★



Era uma vez, um rapaz que tinha medo da responsabilidade. E o seu medo era tão grande que durante um passeio solitário se distraiu e despistou-se para fora da estrada. Ele foi acudido por menina de capa vermelha e faces rosadas que o aliciou para dentro de uma floresta encantada. Lá, esperava-o uma casa onde os sonhos se tornavam realidade. Um local mágico, onde não existia doença, nem papões e podia comer cupcakes em todas as refeições. Enfim, ser feliz e despreocupado eternamente, à distância da imaginação de uma criança. Mas sob a aparência de felicidade está um poder demasiado grande para estar nas mãos de quem nunca amadureceu. O rapaz terá de escolher: viver para sempre na ilusão ou crescer? “Hansel & Gretel” é uma fantástica incursão no imaginário dos Irmãos Grimm, que representa tudo o que a sua obra deve ser: bela e negra ao mesmo tempo. / FilmPuff

SPLITSCREEN

[splitscreen-blog.blogspot.com/](http://splitscreen-blog.blogspot.com/)

TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO (1976)

TED BERMAN, RICHARD RICH

★ ★ ★ ★



Um conto de magia e espadas da Disney que não podia ser mais diferente de qualquer outro filme da companhia que criou o Rato Mickey. Inquestionavelmente o mais negro que já foi feito por esta companhia, Taran e o Caldeirão Mágico é um dos filmes de animação que qualquer fã de fantasia não pode perder. Quanto mais não seja, vale a pena ver por causa do vilão, the Horned King, que facilmente poderia ter vindo da mente de um dos mestres de low fantasy. A única razão pela qual pode perder pontos é por ser dedicado a crianças, pois se fosse virado para o público adulto seria certamente uma das melhores animações já feitas a nível do fantástico e provavelmente filme de culto. Ou talvez, quem sabe, tenha sido este filme a iniciar muitos no mundo do fantástico. / Ana Alexandre

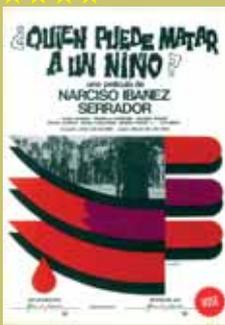
BELA LUGOSI IS DEAD

<http://belalugosiisdead.blogspot.com/>

¿QUIÉN PUEDE MATAR A UN NIÑO? (1976)

NARCISO IBÁÑEZ SERRADOR

★ ★ ★ ★



Baseado no romance de Juan José Plans, *El juego de los niños*, acompanhamos um jovem casal de férias que viaja até a uma ilha no sul de Espanha. A ilha encontra-se deserta mas rapidamente o casal começa a aperceber-se que os seus habitantes foram todos mortos pelas crianças, e um destino semelhante aguarda-os...

Logo no início do filme, o realizador confronta-nos com imagens verídicas exibindo os horrores a que as crianças são sujeitas na Guerra. Quem pode matar uma criança? Uma simples pergunta. Uma provocação? Ibáñez Serrador empurra o casal para um pesadelo claustrofóbico, ao mesmo tempo que os obriga a reflectir sobre a condição dos pequenos oponentes. E nos espectadores o nervosismo é crescente.

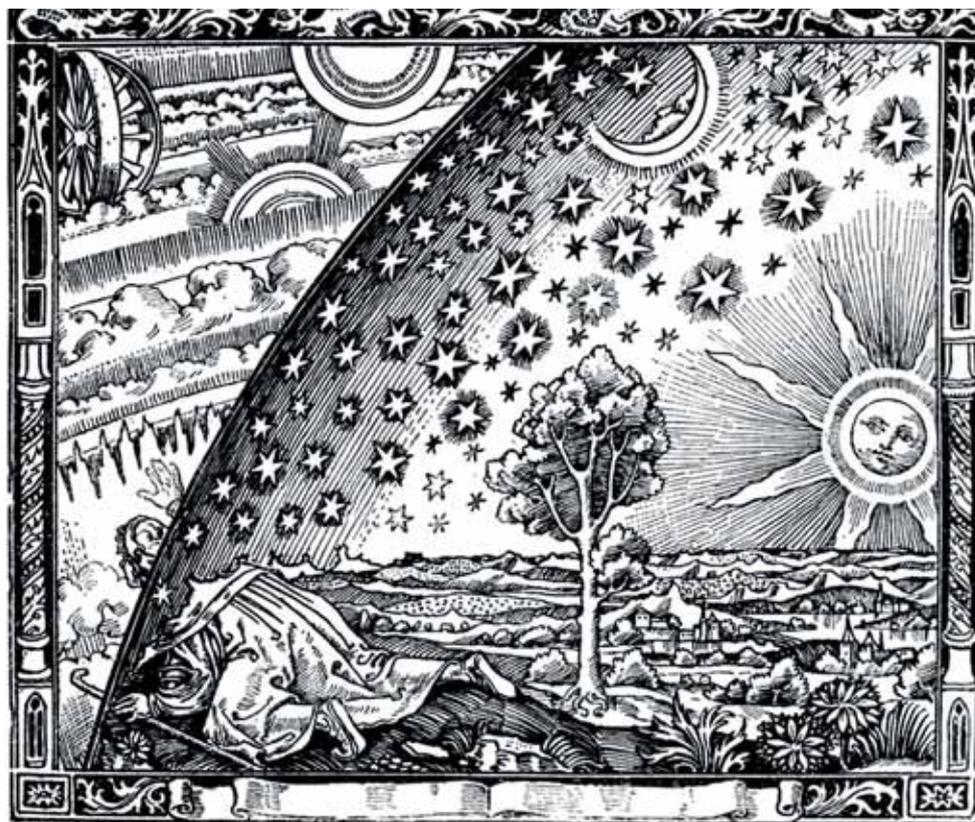
Apesar de uma premissa hoje, bastante comum, *¿Quién puede matar a un niño?* continua a ser uma das melhores obras do cinema de terror espanhol. / Rui Baptista

# enciclopédia da história universal

por Afonso Cruz

## Nascituros

Gomez Bota começou as escavações em Jerusalém no ano de 1891, numa das etapas da sua volta ao mundo, viagem que empreendera para provar que a Terra não é redonda, ou aproximadamente redonda. Levou uma vida a reunir provas de que o nosso planeta é, na verdade, uma espécie de espiral quadrimensional. Sobre as escavações, Bota escreveu – num pequeno livro que foi publicado já no século XX pela editora Eurídice! Eurídice! – que, durante as primeiras semanas de trabalho de campo, se deparou com um rio subterrâneo, um canal que identificou com o mítico Aqueronte. Afirma, no livro mencionado, que encontrou a porta do Inferno tal como Dante a descreveu. Para lá daquela porta, havia um cone em direcção ao centro da Terra, com os famosos nove círculos que se estendiam por muitos quilómetros, mas que eram perfeitamente visíveis do vestibulo. Ao contrário de Dante, não teve Virgílio nenhum a servir-lhe de guia, mas foi avançando com a sua equipa até lhe ser impossível continuar, devido ao calor que atravessava o centro da construção de pedra. «Não via os mortos, porque eles não se vêem com estes olhos», disse, «mas podia ouvir os seus lamentos, pois o nosso coração tem as orelhas necessárias para ouvir estas coisas».



Noutros tempos, cultivou-se uma heresia, dualista, gnóstica por vezes, maniqueísta: assentava na ideia de que existia outro deus.

Quando comunicou a sua descoberta, Gomez Bota foi preso sem quaisquer explicações, e as escavações foram encerradas pelas autoridades. Soltaram-no dois meses depois, expulsando-o do Levante.

No seu livro, afirma que nós, pateticamente, vemos os mortos como ossos enquanto eles, os mortos, vêem-nos como

fetos que ainda não nasceram. Olham para a nossa vida como nós olhamos para o interior de um útero. Diz ainda que «todas as viagens se fazem para dentro da morte e dos mortos, pois quanto mais vivemos, mais perto estamos de nos tornarmos antepassados».

# Prova da fragmentação do indivíduo usando apenas dois espelhos

Diz o criado de Mr. Abbott Abbott:

O meu patrão olha-se ao espelho e diz para o seu reflexo: “Que elegância, Mr. Abbott Abbott!” O seu reflexo, por sua vez, não vê Mr. Abbott Abbott, mas sim um novo reflexo sobreposto ao primeiro, uma imagem de uma imagem, e diz a mesma frase: “Que elegância, Mr. Abbott Abbott!” Sistematizando: o que acontece é que Mr. Abbott Abbott 1 (chamemo-lo assim) vê o seu reflexo, que é Mr. Abbott Abbott 2; que, por sua vez, não vê o original pois também se está a ver ao espelho; vê, isso sim, Mr. Abbott Abbott 3. Este, no espelho, vê Mr. Abbott Abbott 4. E assim até ao infinito. Quando só existe um espelho, os infinitos Mr. Abbott Abbott que compõem Mr. Abbott Abbott estão sobrepostos e parece existir apenas um reflexo, mas a verdadeira natureza do homem, uma multiplicidade infinita, pode facilmente ser percebida se neste exercício usarmos mais do que um espelho. Nesse caso, aparecerão todos os Abbott Abbott que a vista consegue alcançar, dizendo em uníssono: “Que elegância, Mr. Abbott Abbott!”

## Gnosticismo político

Na década de 1970, Paavo Lukkari, juntamente com vários outros artistas europeus, fundou um grupo de contestação social, chamado Metanoia, em que usava o gnosticismo de Andronikos fora do contexto religioso, aplicando-o à política. Para eles, não é um deus avaro e castrador, embusteiro e canalha, que governa as nossas vidas, mas sim um grupo de políticos corruptos, com as mesmas características do Deus gnóstico, que nos impede de criar, de perceber o caroço das coisas e nos mantém presos numa espécie de

Éden tecnológico construído com sofás e incapazes de reagir. Incapazes de perceber que podemos ter a responsabilidade de criar. O texto seguinte foi publicado por Lukkari nos primeiros anos do grupo Metanoia:

Noutros tempos, cultivou-se uma heresia, dualista, gnóstica por vezes, maniqueísta por outras: assentava na ideia de que existia outro deus, um que mandava neste mundo, material, carnal e sem espírito, um deus mau e trapalhão, em oposição a um outro, perfeito na sua bondade. Foram vozes de filosofias por vezes cristãs, mas na verdade mais antigas, e que sempre assombraram o espírito humano e que haveriam de perdurar pelo menos até à sexta cruzada, a dos Albigenses, a cruzada de cristãos contra cristãos, a tal em que Simon de Monfort tem, durante o cerco a Béziers, uma das frases mais famosas da História da perfídia humana. Quando lhe perguntaram como fariam para distinguir os católicos dos hereges, o dito duque e representante do papa Inocêncio III, respondeu: “Matem-nos a todos, Deus reconhecerá os seus”. E assim foi, hereges ou não, homens, mulheres e crianças foram mortos.

Uma das particularidades destas heresias é, portanto, a existência de uma outra divindade, que é muitas vezes identificada com o Deus do Antigo Testamento e que, segundo estas doutrinas, não era o verdadeiro Deus, mas um demiurgo orgulhoso, ou mesmo diabólico, que teria criado o mundo tal como o conhecemos e nele nos mantém escravos e prisioneiros. Séculos depois, temos de concordar com a heresia gnóstica, não teologicamente, mas socialmente. Somos governados por uma caterva de incompetentes que nos criaram este mundo social onde o cidadão é entretido com versões modernas do circo romano, enquanto os outros se entreveram num espaço artístico e poético, sem relevo carnal. Tal como o verdadeiro Deus gnóstico: estava nos céus, e partes suas estariam presas, em centelhas nos corações dos homens. Entretanto, a humanidade prestava culto ao Deus errado, ao falso, ao burlão, ao truão, enfim, ao estadista bem remunerado e que acumula vencimentos, uns em cima dos outros.

Somos obrigados a olhar e concordar, num contexto social, com Andronikos. Não existe só uma divindade, plena de espírito, existe outra, a que nos governa, um Mammon, uma divindade incompetente e bolsos cheios, de reduzidos valores intelectuais mas cheia da carne do século: a conta bancária e palavras como democracia e liberdade. Palavras que, quando

pronunciadas, fazem calar e matar, mas a pleno direito, com a legalidade do impostor, com a mesma voz dos deuses de pedra que exigem sangue. Existe realmente um deus dissoluto, uma divindade falsa, escatológica, refastelada num sólio e a quem acendemos incenso, ou em quem votamos, o que vai dar no mesmo.

## Lixo

O lixo mais caro é a última tecnologia. (Ari Caldeira)

## Opostos

«A vida não é o contrário da morte. O momento da concepção – ou do nascimento – é que, podemos dizer, é o oposto da morte. Demolir é o oposto de construir, mas demolir não é o oposto de lar. Então qual é o contrário da vida? Muito simples: é a vida de casado.»

Curiosamente, Miroslav Bursa, o autor da frase supracitada, haveria de abandonar a vida que levava – diz-se que seduziu largas centenas de mulheres –, comprometendo-se num casamento eterno: tornou-se monge num mosteiro da Bucovina, contraindo matrimónio com um cônjuge omnipresente e de quem se diz ser fonte de vida eterna. **BANG!**



É autor dos livros Enciclopédia da Estória Universal (Quetzal, 2009), A Carne de Deus (Bertrand, 2008) e Os Livros Que Devoraram o Meu Pai (Caminho, 2010 - Prémio Literário Maria Rosa Colaço). Recentemente publicou A Boneca de Kokoschka (2010) e O Pintor Debaixo do Lava-Loiças (2011). Além de escrever, também é ilustrador, cineasta e músico (compõe e toca na banda de blues/roots The Soaked Lamb). Vive no campo e tem dois filhos.  
<http://afonso-cruz.blogspot.com>  
<http://soakedlamb.com>

# MAIS ALGUNS LIVROS MÍTICOS E VÁRIOS OUTROS (FALSOS OU NÃO)

(PRIMEIRA PARTE)

TEXTO DE ANTÓNIO DE MACEDO



## OS «HOMENS DE NEGRO»

No meu artigo «Livros míticos ou a Biblioteca (quase) invisível», publicado na revista Bang! n.º 7, falei por duas ou três vezes na teoria da conspiração, que em regra faz sorrir os cépticos e os espíritos superiores.

Argumenta-se que há «conspirações» — o que se comprova pela História — mas não há «conspiração», no sentido singular, a tal conspiração dos «homens de negro» [1] que estariam por trás dos eventos mais marcantes da história do mundo e fariam parte de uma autoridade secreta acima da mais alta autoridade secreta que manipula governos, organizações, grandes multinacionais e monopólios, com um plano secreto por trás de outro plano secreto atrás de um outro plano ainda mais secreto que por sua vez controla secretamente os mais remotos e astutamente contraditórios planos secretos de acordo com o máximo dos máximos de todos os planos ultra-secretos (terão de desculpar-me, mas já me perdi...)

O mais esquisito de tudo isto é que eu, com todo o meu inato cepticismo místico, sinto por vezes uns minipruridos cerebrais que me alertam para a hipótese de que talvez sim, talvez seja verdade — talvez exista realmente uma superconspiração que nos superdomina e nos manipula como se fôssemos inadvertidas marionetas...

Senão, como se explicariam tantas aldrabices, pseudocientíficas e outras, que circulam por aí e, mais ainda!, como se explicaria a crença que nelas depositam alguns cérebros bem aparelhados, fidedignos, lúcidos e acima de toda a suspeita? [2] Farejame que a simples estupidez humana não explica tudo... pois não será ela, também, a própria estupidez humana, uma arma genética de que artemidamente se servem os tais misteriosos agentes conspiracionários? [3] Penso que se podem incluir nesta ambígua e volátil categoria uns quantos livros — uns autênticos, outros falsos — que me proponho aqui mostrar-vos (pelo menos alguns deles), e que, verdadeiros ou falsos, em não poucos casos provocaram estragos bem reais.

## VERDADEIRO OU REAL?

Antes de ir adiante convém atender ao seguinte pormenor: de um ponto de vista puramente sociológico — que é a minha área de especialização — o que conta não é tanto a distinção académica entre o *verdadeiro* e o *falso*, distinção que compete à Filosofia, à Ciência, à Lógica, à Teoria do Conhecimento, eventualmente à Teologia, mas sim a distinção entre o *real* ou *actuante* e o *não-real* ou *inactuante*.

Por exemplo: a crença em OVNI's pode ser *falsa*, mas os seus efeitos sociológicos são bem *reais* — só na Internet existem quase vinte milhões de *websites* com testemunhos, associações, editoras e livrarias, clubes, indústrias, empresas de cinema e TV e respectivos filmes e séries televisivas, literatura (tanto de ficção como de ensaios), colóquios e simpósios, instituições, congregações, artistas de um extenso leque de artes e ofícios, álbuns de BD, lojas paranormais, celebridades envolvidas, programas informativos e culturais, jogos de computador, DVDs, marcas comerciais, bandas de música pop, etc., etc.

Tudo isto mobiliza uma gigantesca massa sociológica e interfere em diversas áreas culturais, artísticas, sociais, económicas, filosóficas, religiosas e até políticas... movimentando milhões e milhões de euros. Ou seja, não devemos confundir o *real* com o *verdadeiro*, como

se comprova por esta simples amostra: o fenómeno é bem *real* e *actuante*, ainda que possa ser eventualmente *falso*. Por outras palavras: um fenómeno pode ser *cientificamente* falso, mas, ao mesmo tempo, *sociologicamente* real.

## A MIRAGEM DOS DIÁRIOS SECRETOS...

Enfim, para não me alongar em considerandos, começarei por vos apresentar um livro falso cujo aparecimento foi anunciado, com grandes parangonas e honras de sensacionalista autenticidade, pela revista alemã *Stern Magazin*, de 25 de Abril de 1983, ocupando toda a capa e com o título *Hitlers Tagebücher entdeckt* («Diários de Hitler descobertos»), ou seja: teriam sido finalmente encontrados os famosos diários secretos de um dos mais sinistros ditadores e genocidas do século xx, após aturadas pesquisas do jornalista e investigador da Stern, Gerd Heidemann!

Tratar-se-ia sem dúvida de uma descoberta bombástica, a ser autêntica tal revelação. No entanto... a notícia era boa de

se evidenciou que tudo não passava de um logro bastante inepto e grosseiro, com erros históricos e uma má imitação da letra do *führer*, que ainda por cima detestava escrever e ditava as suas cartas e outros textos a uma secretária. Logo se descobriu que o falsário era um tal Konrad Paul Kujau, conhecido ilustrador e falsificador, conluído com o jornalista Gerd Heidemann, que entretanto haviam recebido da revista *Stern* cerca de nove milhões de marcos pelos direitos de publicação dos 61 cadernos. Por sua vez *The Sunday Times*, de Londres, também já tinha desembolsado 400.000 dólares para o mesmo efeito, e a *Newsweek* só por um triz não chegou a comprar os respectivos direitos por um preço semelhante.

Claro que os dois burlões foram presos, julgados e condenados por fraude, falsificação e desfalque, em 1984, com pena de três anos e meio de prisão.

Fim da história.

Que pena! Se fosse verdadeira, seria sem dúvida uma história devastadoramente promissora...

Ora aqui está um exemplo de um livro falso que não fez mal a ninguém, a não ser aos burlões, que foram presos, e aos edi-



Capa da revista *Stern*, proclamando a descoberta dos diários de Hitler

tores da *Stern*, Peter Koch e Felix Schmidt, que tiveram envergonhadamente de se demitir.

mais para ser verdadeira. Nem merece a pena determo-nos nos maquiavélicos propósitos que transpiram daquela garbulha copiada de frases de discursos sortidos de Hitler entremeadas com assustadoras invenções porque a fraude foi descoberta rapidamente.

Apesar de algumas divergências iniciais entre alguns dos peritos que examinaram os 61 cadernos supostamente manuscritos com a caligrafia de Adolf Hitler, datados de 1932 a 1945, abarcando «treze anos da mais sombria experiência humana», segundo o semanário novaiorquino *Newsweek* que durante o entusiasmo inicial começou por engolir a patranha, em pouco tempo

tores da *Stern*, Peter Koch e Felix Schmidt, que tiveram envergonhadamente de se demitir.

## NAZISMO E MAGIAS NEGRAS: LENDAS E NÃO-LENDAS

Bem sei que aqui na revista Bang! navegamos nas retroversas ondas das ficções fantásticas, mas infelizmente nem tudo o que se relaciona com Hitler e o nazismo é tão grotescamente simples, fantasiado e inofensivo como o que acabei de sumariar.



## Ruínas actuais da fortaleza cátara de Montségur, investigadas por Otto Rahn

As relações de Hitler com magias (de preferência negras) e outros sortilégios tornaram-se um lugar comum sobretudo depois da explosiva aparição do livro *Le Matin des magiciens*, de Louis Pauwels e Jacques Bergier, publicado em 1960 e que marcou uma época, e no qual, entre outras misteriosidades, se esmiuçavam as origens mágico-ocultas do nazismo [trad. port.: *O Despertar dos Mágicos*, ed. Bertrand]. O fascínio de Hitler pelas sociedades secretas e ocultistas já vinha de trás, basta relembra-los que por volta de 1920, no DAP (*Deutsche Arbeiterpartei*), Hitler se encontrou com Dietrich Eckart, um dos membros-fundadores da Sociedade Thule (*Thule-Gesellschaft*), um grupo ocultista de exaltação germanizante e racista que apoiou o DAP e daria origem, mais tarde, ao partido nazi organizado pelo futuro ditador. Eckart tornou-se o mentor de Hitler, imbuindo-o com as suas ideias e apresentando-o a figuras eminentes de Munique.

Mas foi principalmente a partir da publicação da obra de Pauwels e Bergier que proliferaram dezenas de livros sobre o assunto. Entre os mais emblemáticos desta colheita, e mais ou menos da mesma época e anos seguintes, contam-se *Hitler et les sociétés secrètes: Enquête sur les sources occultes du nazisme* (Paris, 1969), de René Alleau, e *Hitler et la tradition cathare* (Paris, 1971), de Jean-Michel Angebert, nos quais se insistia nas sociedades secretas envolvidas e nas negras magias associadas às antigas

religiões da suástica, bem como as suas influências directas em Hitler e no nazismo.

De realçar também a importância que tiveram, neste movimento, dois misteriosos livros do ainda mais misterioso Otto Rahn (1904-1939), medievalista alemão que acreditava que os Cátaros haviam sido os guardiães do Santo Graal e que esse prodigioso objecto recheado de sobrenaturais virtudes continuaria escondido algures no sul de França, talvez nas abruptas montanhas onde ainda hoje se podem ver as ruínas da fortaleza cátara de Montségur. Os dois livros a que me refiro são *Kreuzzug gegen den Gral* (1933) e *Luzifers Hofgesind* (1937). [4]

As ideias de Otto Rahn excitaram a entusiástica adesão de Heinrich Himmler, um dos mais altos dignitários do nazismo e senhor absoluto da temível SS (*Schutzstaffel*). Em 1937, Himmler ofereceu a Hitler, como prenda de aniversário, os livros de Otto Rahn, que foi integrado na SS como investigador. As convicções defendidas por Rahn são exploradas com a espectacularidade que todos conhecemos em pelo menos dois filmes do arqueólogo-aventureiro Indiana Jones, personagem criada por Steven Spielberg e George Lucas: *Raiders of the Lost Ark* (1982) e *Indiana Jones and the Last Crusade* (1989), ambos realizados por Steven Spielberg [5], onde se exploram dois dos grandes mitos cristãos, a Arca da Aliança (judaico-cristão) e o Santo Graal (célti-

co-cristão), e as cúpidas apetências dos nazis para se apoderarem desses fabulosos objectos propiciadores de um poder ilimitado.

Saltemos porém da ficção para a sombria e palpável realidade: na biblioteca privada de Hitler encontrou-se, entre muitas outras curiosidades, um tremendo livro de magia que não é fictício — este é mesmo real! —, intitulado *Magie: Geschichte, Theorie, Praxis* [*Magia: História, Teoria, Prática*], da autoria de um tal doutor Ernst Schertel, publicado no município de Prien (Baviera) em 1923. Esse exemplar tem o aliciante de se encontrar anotado pelo próprio punho de Hitler, com marcas verticais suas, a lápis grosso, nas margens das páginas, referenciando as passagens mais satanicamente revelatórias dos maléficos intuitos que já fervilhavam pelo hitlerístico cérebro. Trata-se de um precioso exemplar, sem dúvida, que se conserva na John Hay Library, da Brown University, em Providence, Rhode Island (EUA). [6]

Do seu autor, Ernst Schertel (1884-1958), sabe-se apenas que escreveu romances e peças de teatro versando ocultismo, e ensaios na mesma linha, e pertenceu ao movimento do revivalismo mágico e ocultista germânico dos primeiros anos do século xx. É um autor menor em cuja obra e actividades se incluem sado-masiquismo, danças extáticas, nudismo e vislumbres de magia sexual, provavelmente inspirado pelas obras mágicas e

ritualísticas de Paschal Beverly Randolph (1825-1875). Houve um comentador que considerou Ernst Schertel como a versão germânica de Aleister Crowley, mas tal não passa, evidentemente, de excesso de entusiasmo por parte do comentador alemão — Schertel nunca teve nem um centésimo da visibilidade de Crowley, apesar de Hitler o ter seguido como «mestre mágico».

O exemplar a que me refiro tem uma dedicatória ao *führer* escrita pelo próprio punho de Schertel, cuja tradução reza mais ou menos o seguinte: «A Adolf Hitler - com veneradora dedicação, do Autor». Para não abusar da paciência e da boa vontade de quem se vai penosamente extenuando por estas linhas, apenas cito quatro das passagens realçadas por Hitler, para amostra:

«Todo e qualquer universo mágico-demónico está centrado nos grandes indivíduos, dos quais brotam as principais concepções criativas. O mago está rodeado por um campo-de-força de energias paracósmicas, e tal como já o dissemos, ele actua, no mais alto grau ectrónico, sobre a dinâmica cósmica» (pág. 78).

«Satã é o princípio criativo, que estabelece e incrementa os valores, e de início aparece-nos como o mal; em contrapartida, Seraph é o pólo que efectiva os valores da permanência e da preservação, e ao qual chamamos o bem. Satã é o guerreiro fertilizador, que tanto destrói como constrói, ao passo que Seraph constitui a posse e a paz. Portanto, Satã e Seraph não são adversos, mas sim polaridades contrapostas, como as duas faces da mesma moeda» (pág. 80).

«O egoísmo pode ser bom, e o altruís-



Uma página do livro *Magie: Geschichte, Theorie, Praxis*, anotado, na margem, por Adolf Hitler

mo pode ser mau. Ser prestável torna-nos grandes, mas ser dominador torna-nos maiores» (pág. 81).

«Quem não transporta em si a semente demónica, nunca dará nascimento a um novo mundo» (p. 92).

Se Hitler descodificou ou não o que realmente queria dizer, ou se apenas interpretou estas e outras nebulosidades consoante o que os seus incandescentes vapores cerebrais lhe quiseram fazer crer, deixo à consideração e ao arbítrio do arguto leitor, certamente mais arguto do que eu, que apenas me limito a avaliar pelos catastróficos resultados da II Guerra Mundial. [7] **BANG!**



António de Macedo, escritor, cineasta e prof. universitário, nasceu em Lisboa em 1931.

Inclui na sua extensa filmografia dezenas de documentários, programas televisivos e filmes de intervenção, bem como onze longas-metragens de ficção. Paralelamente, especializou-se na investigação e estudo das religiões comparadas, de esoterologia, de história da filosofia e da estética audio-visual, e das formas literárias e filmicas de «speculative fiction», temas que tem abordado em inúmeros colóquios e conferências, e em diversas publicações. Foi homenageado pelo 30.º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, em Setembro de 2001, pela relevância da sua carreira e pelo contributo prestado à cultura cinematográfica portuguesa.

[1] Refiro-me, claro, aos famosos «les hommes en noir» que o anatemizado Jacques Bergier popularizou em 1971 na sua obra *Les livres maudits*, que na época incandesciu muitas imaginações, e mesmo depois.

[2] Se acham que exagero, façam o obséquio de ler o implacável livro *Impostures intellectuelles*, dos professores universitários de Física Alan Sokal e Jean Bricmont (Paris: Éditions Odile Jacob, 1997), que sendo embora de 1997 continua infelizmente actualizado, e deveria ser de leitura obrigatória para quem não queira deixar-se enganar por todas as intelectuais que nos são impingidas como dogmas... No mesmo sentido vai um livro mais recente do prof. Jorge Buescu, doutorado em Matemática pela Universidade de Warwick, *O Mistério do Bilhete de Identidade e Outras Histórias* (Lisboa: Gradiva, 11.ª edição 2007), sobretudo as pp. 159 a 199.

[3] Para quem queira ficar devidamente elucidado das misteriosas razões estatísticas da estupi-

dez humana, recomenda-se a leitura do divertido e esclarecedor livro de Carlo M. Cipolla, *Allegra Ma Non Troppo* (Oeiras: Celta Editora, 1993), sobretudo o capítulo «As leis fundamentais da estupidez humana», pp. 45 a 81.

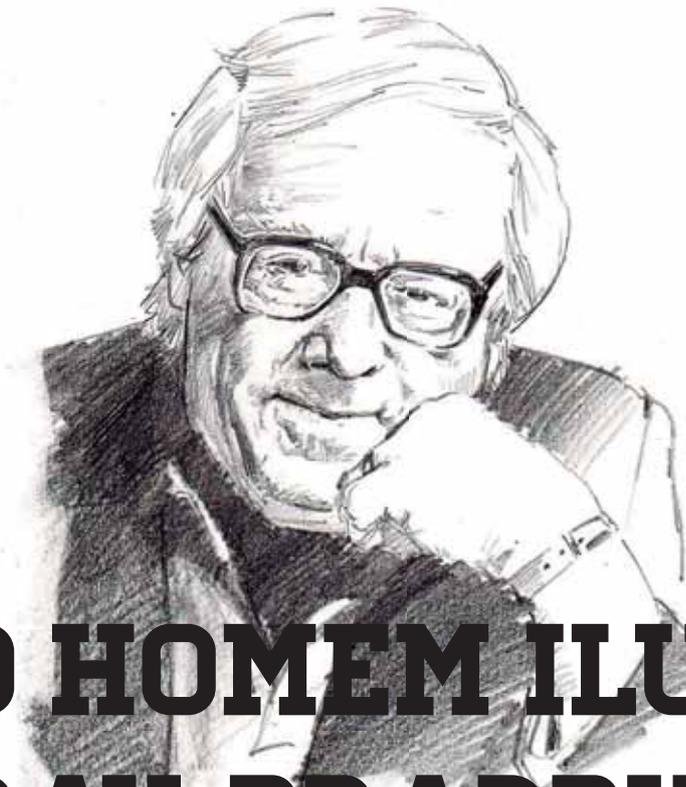
[4] Ambos estão traduzidos em português, numa tradução aliás bastante boa e cuidada: *Cruzada Contra o Graal* (Editora Hugin, 2000), e *A Corte de Lúcifer* (Editora Hugin, 2002). — Infelizmente a Editora Hugin faliu em 2005 e hoje são raridades que somente se encontram (quando encontram...) em alfarrabistas. No entanto, para quem queira dar-se ao trabalho de se deslocar à Biblioteca Nacional, em Lisboa, ambos os livros estão disponíveis para leitura com as seguintes cotas, respectivamente: L. 66910-V. e R. 22088-V.

[5] Em Portugal, esses filmes foram estreados com os títulos: *Os Salteadores da Arca Perdida* e *Indiana Jones e a Grande Cruzada*.

[6] Existe tradução em inglês, integral, com as passagens que Hitler marcou impressas em

bold: Dr. Ernst Schertel, *Magie: History. Theory. Practice. Annotated by Adolf Hitler*. Trad. ing. por Cotum Research Staff. Introd. J. H. Kelley. Ed. Cotum, 2009. — Apesar de ser uma tradução num inglês um bocadinho macarrónico, consegue mesmo assim dar uma ideia aceitável do texto original e do conteúdo e intenções das referidas passagens.

[7] Sabe-se que durante a II Guerra Mundial os serviços secretos britânicos contrataram o astrólogo suíço Louis de Wohl (1903-1961) para tentar antecipar as jogadas bélicas de Hitler. Aparentemente os ingleses não acreditavam em predições astrológicas, mas sabiam que Hitler sim, acreditava, e tinha astrólogos ao seu serviço para lhe indicarem as configurações astrais mais propícias para os seus ataques. Ora, se os ingleses também as conhecessem, podiam precaver-se calculando onde e quando o ditador nazi faria as suas investidas... E ainda há quem diga que a magia e afins não têm utilidade nenhuma (!)



# O HOMEM ILUSTRADO: RAY BRADBURY EM BD

TEXTO DE JOÃO LAMEIRAS

Um dos mais célebres escritores de ficção científica de sempre, o norte-americano **Ray Bradbury** é também um dos autores que mais tem visto os seus trabalhos transpostos para outros suportes, do cinema à Banda Desenhada.

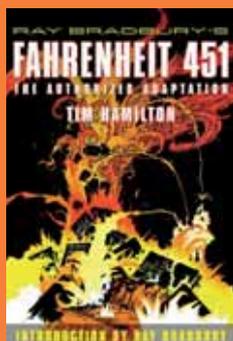
Quem não se lembra de *Fahrenheit 451*, o genial filme que François Truffaut realizou a partir do romance homónimo de Bradbury, exemplo maior de uma série de adaptações ao grande e ao pequeno ecrã? É verdade que a escrita eminentemente visual de Ray Bradbury, em que o terror e a ficção científica funcionam como eficazes metáforas da natureza humana, a isso se presta, mas acaba por ser também a consequência de um amor recíproco entre este autor e as histórias aos quadrinhos.

É o próprio Bradbury,

que chegou a escrever o argumento para uma versão cinematográfica não concretizada do *Little Nemo* de Winsor McKay, a confessar o seu amor pelos comics nos seguintes termos: “Como posso negar a influência exercida sobre a minha vida pelos autores de comics e os seus trabalhos? É uma longa história de

amor que começou tinha eu 3 anos de idade e nunca mais terminou, influenciando a minha vida, a minha imaginação e a minha escrita.

Sem Buck Rogers, descoberto quando tinha nove anos, nunca teria desejado voar para o futuro com tanta intensidade. Sem as tiras coloridas de Tarzan que eram publicadas todos os domingos, nunca teria lido com tal entusiasmo as obras de Edgar Rice Burroughs sobre a viagem de John Carter a Marte, que inspiraram, aos doze anos de idade, o meu primeiro romance.” (...) “Coleccionei o Prince Valiant durante mais de 30 anos e escrevi autênticas cartas de amor a Harold Foster, o seu criador, chamando-lhe o maior desenhador de comics que conheci em toda a



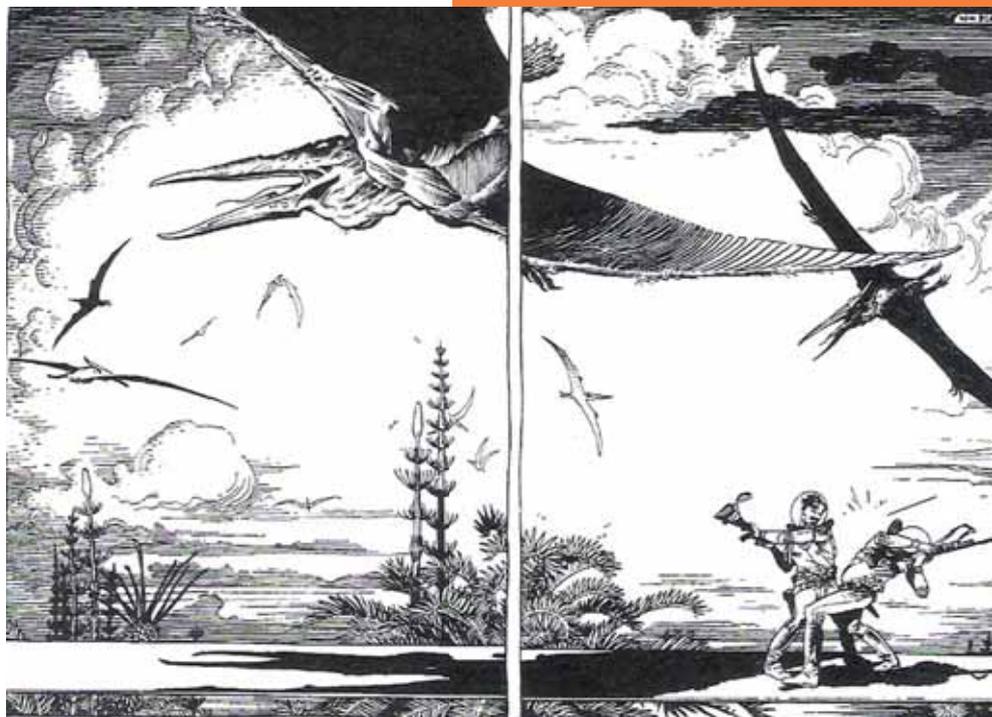
*Fahrenheit 451* de Ray Bradbury, retrato de um mundo distópico onde os livros não têm lugar



*Fahrenheit 451*, a temperatura a que o papel dos livros arde, retrata uma sociedade americana cada vez mais disfuncional

minha vida. Como recompensa, Foster mandou-me dois gigantescos originais das páginas dominicais do *Príncipe Valiant*, que levarei comigo para o túmulo”.

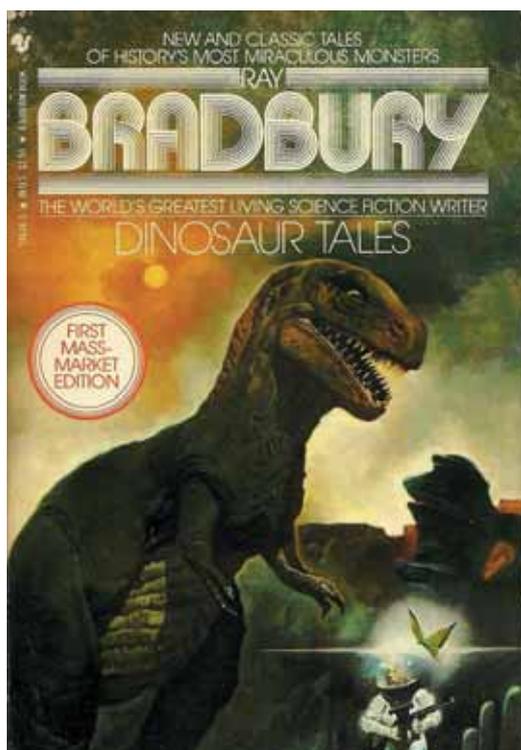
Se Bradbury sempre foi um leitor assumido e entusiasta de BD, esta só começaria a utilizar os seus contos como fonte de inspiração, na década de 50, graças à editora EC Comics, célebre pelos seus comics de terror e de ficção científica, ilustrados pelos melhores desenhadores americanos da época, como Jack Davis, Bernard Krigstein, Graham Ingels, Wallace Wood e Al Williamson. Um dos primeiros exemplos foi *Home to Stay*, uma história desenhada por Wally Wood e publicada no nº 13 da revista *Weird Fantasy*, adaptando *Kaleidoscope* e *The Rocket Man*, dois contos incluídos no livro de Bradbury, *The Illustrated Man*. E foi o próprio Ray Bradbury que telefonou a William Gaines, o editor da EC Comics para lhe dizer que a história da EC era melhor que os seus contos originais que lhe tinham servido de base, “*embora não tão boa que não tivéssemos que lhe pagar direitos de autor*”, acrescenta Gaines. A partir daí, com a benção do próprio Bradbury, sucedem-se as adaptações dos contos originais, desenhadas pelos melhores autores da EC, que assinam



O célebre conto *A Sound of Thunder* de Bradbury adaptado para BD por William Stout

aqui alguns dos seus melhores trabalhos para a editora, como no caso de Wood, com *Mars is Heaven*. Infelizmente, o trabalho incontornável da EC Comics nunca teve a devida divulgação em Portugal e as adaptações que os seus desenhadores fizeram de Ray Bradbury não são excepção. Por isso, é ainda mais digno de atenção *O Papa Defuntos*, um álbum da Editora brasileira L& PM, distribuído em Portugal na década de 90, em que Jack Davis, Graham Ingels, Wally Wood, Bernie Krigstein e Jack Kamen adaptam contos de Bradbury.

Bem mais recentes, do início dos anos 90, são as *Ray Bradbury Chronicles*, uma série de adaptações publicadas nos EUA pela editora Topps e que resultam da iniciativa do editor Byron Preiss que conseguiu reunir um vasto leque de autores contemporâneos, dos dois lados do Atlântico, que nos dão a sua visão das histórias de Bradbury. Embora desigual, como todas as antologias, esta antologia reuniu a nata da BD americana (de Mike Mignola a P. Craig Russel, de Kent Williams a Richard Corben, de Timothy Truman a Dave Gibbons) a que se juntam os



Os melhores contos sobre dinossauros pelo autor foram adaptados para BD com ilustrações de Moebius e William Stout



Ilustração de Daniel Torres para um dos contos das *Crônicas Marcianas*, *Encontro Nocturno*

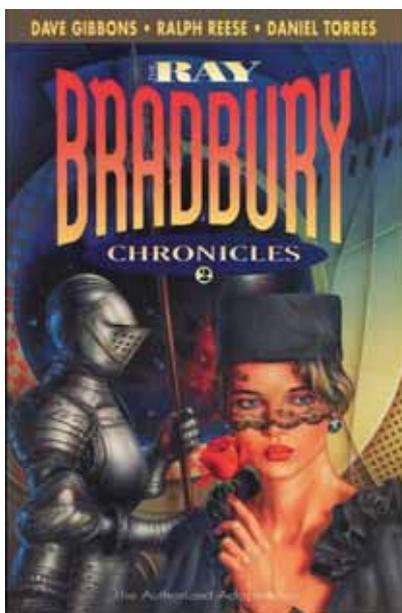


*Marte o Paraíso!* Por detrás do título idílico, os astronautas irão descobrir uma verdade muito mais cruel...

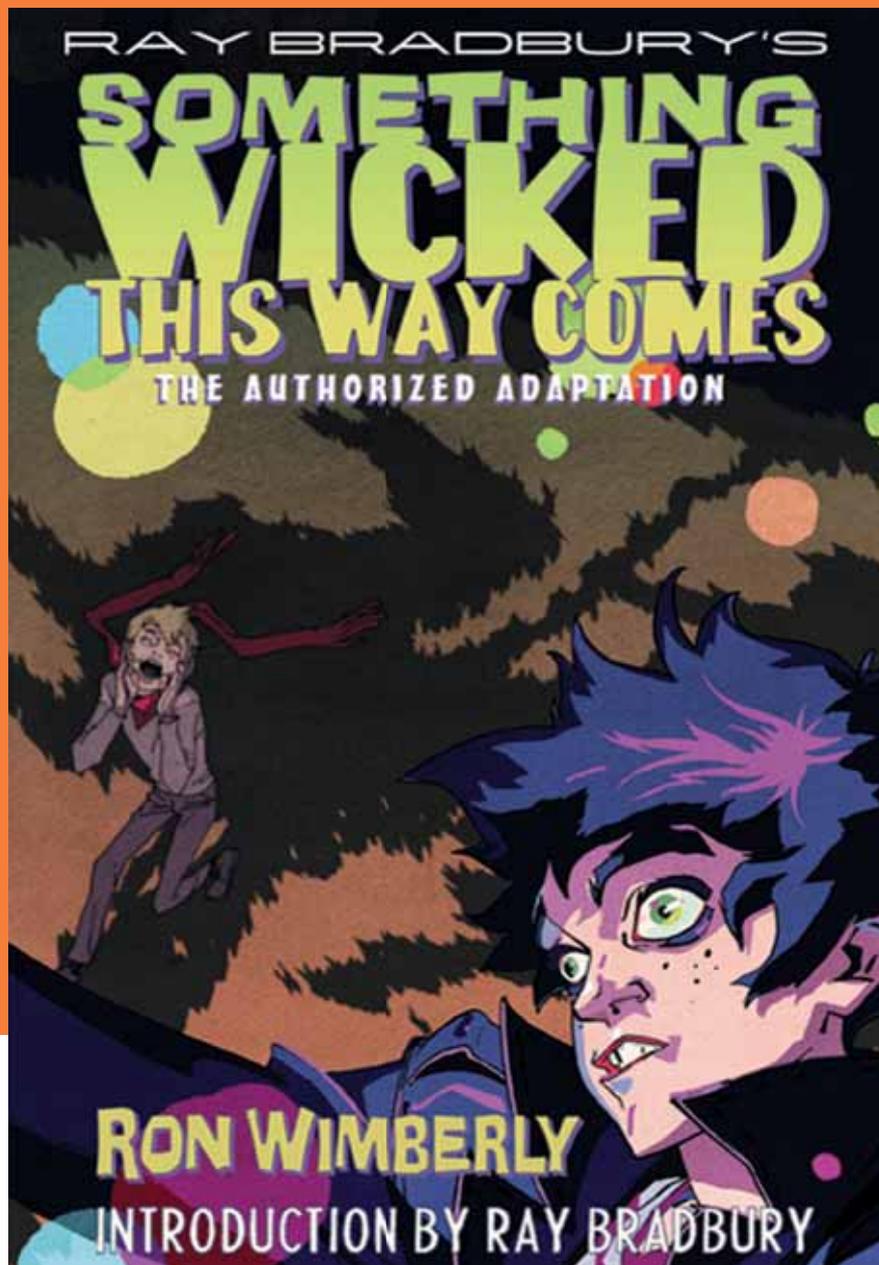
espanhóis Vicente Segrelles, desenhador de *O Mercenário*, Toni Garcés e Daniel Torres, o criador de *Roco Vargas*, série de ficção científica “retro” parcialmente publicada em Portugal pela Meribérica.

Cinco dessas adaptações foram publicadas em Portugal, entre 1999 e 2001, na 2ª série da revista *Seleções BD*, coordenada por Jorge Magalhães. Nessas adaptações, assinadas por Vicente Segrelles, Dave Gibbons, Toni Garcés, Daniel Torres e Marc Chiarlo, que os leitores portugueses puderam descobrir nas *Seleções BD*, há duas verdadeiras pérolas: *Vem à minha Cave*, um conto sobre uma discreta e silenciosa invasão extraterrestre, ilustrado por Dave Gibbons, o desenhador de *Watchmen*, que com o seu traço clássico e planificação cerrada, traduz de forma admirável o clima de grande “suspense” da história e *Encontro Noturno*, o conto das *Crônicas Marcianas* adaptado por Daniel Torres. Uma bela história sobre dois personagens de diferentes eras, que ocasionalmente se cruzam numa estrada, que Bradbury considera como uma das suas histórias favoritas e que Daniel Torres trata com grande delicadeza e beleza, graças a um traço de grande elegância, valorizado por umas cores etéreas, perfeitamente adequadas a uma história em que espaço e tempo se confundem.

Mas, para além de todos os nomes que Byron Preiss conseguiu reunir neste projecto, outros desenhadores de nomeada tiveram oportunidade de dar uma correspondência visual às palavras de Ray Bradbury, como foi o caso de Moebius e de William Stout, com as suas ilustrações para a colectânea *Dinosaur Tales*, que reunia os melhores contos sobre dinossauros escritos



A colonização de Marte por humanos na sequência da devastação da Terra originou alguns dos melhores contos da carreira de Bradbury

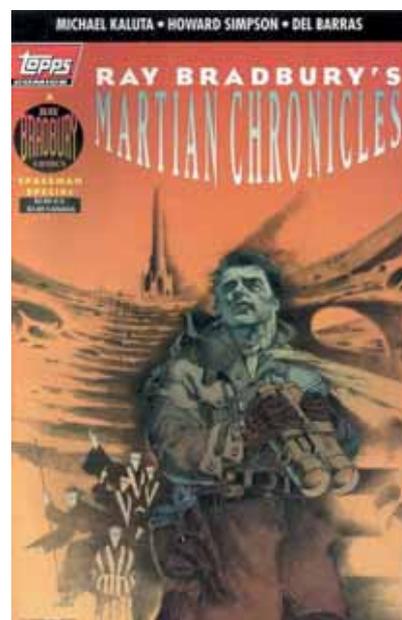


pelo autor americano, incluindo o célebre *A Sound of Thunder*, já adaptado

para a BD por All Williamson e por Richard Corben, em duas versões bem díspares, mas igualmente conseguidas, sobretudo quando comparadas com a patética adaptação cinematográfica realizada por Peter Hyams em 2005.

Também o português José Carlos Fernandes transpôs para a BD os contos de Ray Brad-

O clássico de Ray Bradbury sobre um misterioso circo que desperta a curiosidade de dois adolescentes será publicado pela Saída de Emergência



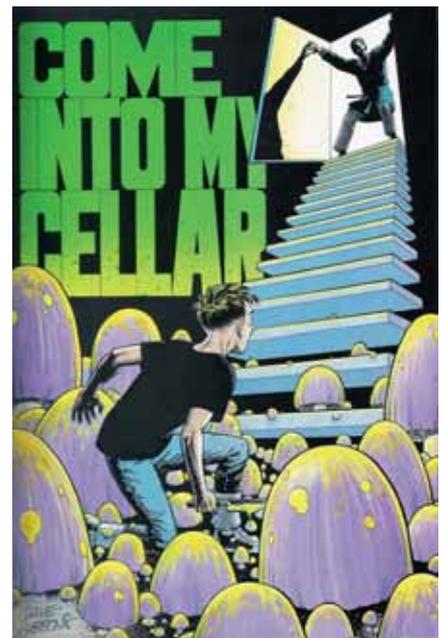
Antologia que reúne algumas das melhores adaptações de BD do grande clássico de ficção científica, *As Crônicas Marcianas*



bury. Antes de se sentir com capacidades para escrever as suas próprias histórias, Fernandes “treinou a mão” adaptando contos de Gabriel García Márquez e de Ray Bradbury. E se a adaptação de *O Dragão*, se revela bastante incipiente quando comparada com a versão de Segrelles, este tipo de trabalho revelou-se uma notável escola de aprendizagem, conforme o próprio Fernandes admite, e outras adaptações posteriores, como *O Dia em que Choveu para Sempre*, podem perfeitamente ombrear com os trabalhos recolhidos por Byron Preiss, em termos narrativos e de planificação.

Mas as adaptações dos textos de Bradbury à BD não param. Para além das ilustrações que Dave McKean, que já tinha desenhado uma das capas de *Ray Bradbury Comics* da Topps, fez para *The Homecoming*, também *Fahrenheit 451* foi adaptado à BD por Tim Hamilton, numa muito conseguida adaptação, que não foi a única recente, pois em Julho de 2011, saíram mais duas adaptações, de *Something Wicked this Way Comes*, desenhada por Ron Winberly e de *The Martian Chronicles*, ilustrada por Denis Calero.

Tal como o autor, que aos 91 anos de idade, mantém um invejável dinamismo, também a obra de Ray Bradbury se mantém bem viva. Nos contos e romances que escreveu, ou nas Bandas Desenhadas que os adaptam. **BANG!**



*Vem à minha Cave*, um conto sobre uma discreta e silenciosa invasão extraterrestre, é uma das melhores adaptações de Bradbury ilustrada por Dave Gibbons



*Este texto é dedicado ao Jorge Magalhães, que pela primeira vez me convidou a escrever sobre Ray Bradbury.*

João Lameiras é Mestre em História da Arte pela Universidade de Coimbra. Tem desenvolvido uma vasta actividade no campo da Banda Desenhada, como conselheiro editorial, tradutor, argumentista e crítico para diversas editoras e publicações e é sócio-gerente da Livraria Dr. Kartoon. Escreve com frequência no seu blogue <http://porumpunhadodeimagens.blogspot.com>

**2010**

FINALISTA DO  
PRÉMIO BSFA

VENCEDOR DO  
PRÉMIO SHIRLEY  
JACKSON

**2011**

NOMEAÇÃO DO  
PRÉMIO HUGO

FINALISTA DO  
PRÉMIO LOCUS  
PARA MELHOR CONTO

NOMEAÇÃO DO  
PRÉMIO THEODORE  
STURGEON



# AS COISAS

UM CONTO DE  
PETER WATTS

TRADUÇÃO DE LUÍS SANTOS  
TÍTULO ORIGINAL: THE THINGS

**E**STOU A SER BLAIR. FUJO PELAS TRASEIRAS ENQUANTO O MUNDO ENTRA PELA FRENTE. ESTOU A SER COPPER. REGRESSO DOS MORTOS.

ESTOU A SER CHILDS. GUARDO A ENTRADA PRINCIPAL.

OS NOMES NÃO INTERESSAM. SÃO MARCADORES, NADA MAIS. TODA A BIOMASSA É INTERMUTÁVEL. O QUE IMPORTA É QUE SÃO TUDO O QUE SOBRA DE MIM. O MUNDO QUEIMOU O QUE RESTAVA.

VEJO-ME PELA JANELA, A AVANÇAR PELA TEMPESTADE, USANDO BLAIR. MACREADY DISSE-ME PARA QUEIMAR BLAIR SE ELE REGRESSASSE SOZINHO, MAS MACREADY AINDA JULGA QUE SOU UM DOS SEUS. NÃO SOU: ESTOU A SER BLAIR E ENCONTRO-ME À PORTA. ESTOU A SER CHILDS E DEIXO-ME ENTRAR. COMUNGO BREVEMENTE, COM GAVINHAS QUE SE CONTORCEM A PARTIR DOS MEUS ROSTOS E QUE SE ENTRELAÇAM: SOU BLAIRCHILDS A TROCAR NOTÍCIAS DO MUNDO.

O MUNDO DESCOBRIU-ME. ENCONTROU A MINHA TOCA POR BAIXO DO BARRACÃO DAS FERRAMENTAS, O SALVA-VIDAS POR ACABAR, CANIBALIZADO A PARTIR DAS VÍSCERAS DE HELICÓPTEROS MORTOS. O MUNDO ESTÁ OCUPADO A DESTRUIR O MEU MEIO DE FUGA. DEPOIS VIRÁ À MINHA PROCURA.

SÓ ME RESTA UMA ALTERNATIVA. DESINTEGRO-ME. ENQUANTO BLAIR VOU PARTILHAR O MEU PLANO COM COPPER E ALIMENTAR-SE DA BIOMASSA EM PUTREFAÇÃO QUE EM TEMPOSE CHAMOU CLARKE. TANTAS ALTERAÇÕES EM TÃO POUCO TEMPO EXAURIRAM-ME PERIGOSAMENTE AS RESERVAS. ENQUANTO CHILDS JÁ CONSUMI O QUE RESTAVA DE FUCHS E ESTOU PROVIDO PARA A FASE SEGUINTE. PONHO O LANÇA-CHAMAS ÀS COSTAS E SAIO PARA A LONGA NOITE ANTÁRTICA.

ENTRAREI NA TEMPESTADE PARA NUNCA MAIS VOLTAR.

**A**ntes de me despenhar fui muito mais. Fui explorador, embaixador, missionário. Espalhei-me pelo cosmos, conheci mundos incontáveis, comunguei: o apto recriava o inapto e todo o universo progredia em incrementos mínimos rejubilantes. Fui soldado, em guerra com a entropia. Fui a mão com que a Criação se aperfeiçoa.

Tanta sabedoria que tive. Tanta experiência. Agora não sou capaz de me lembrar de tudo o que soube. Só recordo ter tido esse conhecimento.

Contudo lembro-me de me despenhar. A queda matou de imediato quase toda esta ramificação, mas parte dela conseguiu afastar-se dos destroços: alguns trilhões de células, uma alma demasiado fraca para as controlar. A biomassa amotinada arrastou-se para longe, apesar das minhas tentativas desesperadas de me manter coeso: pequenos fragmentos de carne em pânico que desenvolveram por instinto os membros de que se recordaram e fugiram sobre o gelo ardente. Quando recuperei o controle do que restava, os focos de incêndio tinham-se desvanecido e o frio regressava. Mal consegui desenvolver anticongelante suficiente para impedir que as minhas células rebentassem antes de ser envolvida pelo gelo.

Lembro-me igualmente de voltar a despertar: vibrações sensoriais em tempo real, as primeiras faúlhas de consciência, o lento calor da percepção, à medida que corpo e alma se reuniam após a sua longa dormência. Lembro-me das ramificações bípedes a rodearem-me, dos estranhos sons agudos que produziam, da bizarra uniformidade da estrutura corporal. Pareciam tão mal adaptados, com uma morfologia ineficiente! Mesmo incapacitado via tanta coisa que podia ser reparada. Comunguei. Saboreei a carne do mundo—

— e o mundo atacou-me. Atacou-me.

Deixei esse lugar em ruínas. Encontrava-me do outro lado das montanhas — a estação norueguesa, segundo lhe chamam por aqui — e nunca teria conseguido percorrer essa distância com uma pele bípede. Felizmente havia outra forma pela qual optar, mais pequena do que a bípede, mas mais adaptada ao clima local. Escondi-me dentro dela enquanto o resto de mim repelia o ataque. Escapei para a noite sobre quatro patas e deixei que as chamas crescentes me encobrissem a fuga.

Só parei de correr quando aqui cheguei. Movimentei-me entre estas novas ramificações usando a pele de um quadrúpede. Como não me tinham visto a assumir outra forma, não atacaram.

Quando os assimilei à vez — quando a minha biomassa se alterou e assumiu formas de todo familiares para os olhos locais — fiz essa comunhão sozinho, pois descobrira que o mundo não gosta do que é desconhecido.

**E**stou sozinho na tempestade. Sou um habitante das profundezas no leito de um qualquer mar alienígena lúgubre. A neve é soprada em rajadas horizontais. Rodopia quando apanhada em ravinas ou contra elevações, criando pequenos remoinhos. Mas ainda não estou longe o suficiente. Ainda vejo a estação, brilhante nas trevas, um amontoado angular de luz e sombras, uma bolha de calor no abismo ululante.

Observo-a a mergulhar na escuridão. Rebentei com o gerador. Agora já não há luz, à excepção dos sinais luminosos ao longo das cordas-guias: fileiras de estrelas azuis pálidas açoitadas pelo

vento, constelações de emergência destinadas a orientar a biomassa perdida de volta a casa.

Não vou regressar a casa. Não estou suficientemente perdido. Avanço pelo negrume até que as próprias estrelas desaparecem. Trazidos pelo vento chegam-me os brados débeis de homens asustados e furiosos.

Alguns atrás de mim, a minha biomassa separada reagrupa-se em formas mais vastas e poderosas para o confronto final. Podia ter-me juntado a ela: escolhido a unidade em vez da fragmentação, sendo reabsorvido e confortado pelo todo maior. Podia ter adicionado a minha força à batalha que se avizinha, mas optei por um rumo diferente. Estou a poupar as reservas de Childs para o futuro. O presente nada traz, além da aniquilação.

É melhor não pensar no passado.

Já passei tanto tempo no gelo. Não sabia quanto até que o mundo juntou as pistas, decifrou os apontamentos e as gravações da estação norueguesa, e identificou o local da queda. Na altura estava a ser Palmer. Incógnito, acompanhei a expedição.

Cheguei a conceder-me uma réstia de esperança.

Contudo, o que encontrei já não era uma nave, nem sequer um destroço. Era um fóssil, incrustado no fundo de um enorme fosso rebentado no glaciar. Vinte destas peles poderiam empoleirar-se umas em cima das outras e mal chegariam à borda da cratera. A escala temporal instalou-se em mim com o peso de um mundo: quanto tempo teria sido preciso para que todo aquele gelo se acumulasse? Quantas eras teria o universo avançado sem mim?

E durante todo esse tempo, talvez um milhão de anos, não houvera salvamento. Nunca me encontrei. Interrogo-me quanto ao significado disso. Será que ainda existo sem ser aqui?

**U**ma vez regressado ao acampamento irei apagar o rasto. Vou dar-lhes uma batalha final, um monstro que destruir. Eles que vençam. Eles que deixem de procurar.

Voltarei ao gelo na tempestade. Seja como for, mal saí de lá, tendo estado vivo apenas alguns dias, depois de tal eternidade. Mas nesse tempo aprendi muito. Pelos destroços fiquei a saber que não haverá reparações. O gelo disse-me que não serei salvo. E com o mundo descobri que não vai haver reconciliação.

Agora, a única esperança de fuga é em direcção ao futuro: sobreviver a toda esta biomassa hostil e deformada, deixar que o tempo e o cosmos mudem as regras. Talvez da próxima vez que acordar, este mundo seja diferente.

Terão passado eras até que veja outra alvorada.

**F**oi isto que o mundo me ensinou: a adaptação é provocação. A adaptação é um incentivo à violência.

É quase obsceno — uma ofensa contra a própria Criação — ter de ficar preso nesta pele. Está tão mal adaptada ao ambiente que precisa de se envolver em camadas múltiplas de tecido meramente para se manter aquecida. São inúmeras as maneiras de a otimizar: membros mais curtos, melhor isolamento, uma

**TANTA  
SABEDORIA QUE TIVE.  
TANTA EXPERIÊNCIA.  
AGORA NÃO SOU CAPAZ  
DE ME LEMBRAR DE  
TUDO O QUE SOUBE.  
SÓ RECORDO TER  
TIDO ESSE  
CONHECIMENTO.**

relação superfície-volume mais baixa. Tantas formas que ainda tenho dentro de mim e não me atrevo a usar nenhuma, nem sequer para afastar o frio. Não me atrevo a adaptar. Aqui, só posso esconder-me.

Que tipo de mundo rejeita a comunhão?

É a mais simples e irreduzível competência que a biomassa pode ter. Quanto maior a capacidade de mudança, mais nos podemos adaptar. A adaptação é aptidão, a adaptação é sobrevivência. É mais profunda do que a inteligência, mais profunda do que o tecido: é celular, é axiomática. Mais ainda, é delectável. Comungar é sentir o absoluto prazer sensual de melhorar o cosmos.

Mesmo assim, ainda que esteja encurralado nestas peles tão mal adaptadas, este mundo não quer mudar.

Comecei por pensar que talvez não passasse de malnutrição, que aqueles ermos gelados não garantissem energia suficiente para mutações rotineiras. Ou talvez fosse uma espécie de laboratório: um canto anómalo do mundo, afastado e imobilizado naquelas formas bizarras, fazendo parte de uma qualquer experiência arcana de monomorfismo em ambientes extremos. Depois da autópsia interroguei-me se o mundo se teria simplesmente esquecido de como mudar: sendo incapaz de tocar nos tecidos, a alma não poderia esculpi-los, tendo o tempo, o stress e a fome crónica apagado a memória de alguma vez ter sido capaz de o fazer.

Contudo, havia demasiados mistérios, demasiadas condições. Porquê aquelas formas específicas, tão mal equipadas para o ambiente em que se encontravam? Se a alma estava isolada da carne, o que a manteria coesa?

E como podiam aquelas peles estar tão vazias quando nelas entrava?

Estou habituado a encontrar inteligência em todo o lado, percorrendo cada parte de todas as ramificações. Todavia, não havia nada a que me agarrar na biomassa desprovida de mente daquele mundo: apenas ligações que transportavam ordens e informações. Comunguei sem que isso me fosse oferecido; as peles que escolhia debatiam-se e sucumbiam; as minhas fibrilas infiltravam-se na electricidade húmida de todos os sistemas orgânicos. Vi através de olhos que ainda não eram meus, comandei nervos motores que accionavam membros ainda feitos de proteína alienígena. Usei aquelas peles tal como fizera com um sem fim de outras, assumi o controlo e deixei que a assimilação das células individuais prosseguisse ao seu ritmo.

Claro que só podia usar o corpo. Não encontrava memórias para absorver, experiências ou compreensão. A sobrevivência dependia da inserção no que me rodeava e não bastava parecer-me com o que existia naquele mundo. Tinha de agir como ele – e pela primeira vez em toda a memória viva, não sabia como o fazer.

Também não precisava de o fazer, o que era ainda mais assustador. As peles que assimilava continuavam a mover-se sozinhas. Conversavam e desempenhavam as tarefas que lhes tinham sido atribuídas. Não entendia o que se passava. Penetrava cada vez mais profundamente nos órgãos e nos membros a cada momento que passava, alerta a quaisquer sinais do dono original. Não encontrei redes além da minha.

**C**laro que poderia ter sido muito pior. Podia ter perdido tudo, ficando reduzido a uma mancha de células sem nada, além do instinto e da sua plasticidade para as guiar. Teria voltado a crescer – recuperado a senciência, comungado e regenerado um intelecto vasto como um mundo – mas seria um órfão, amnésico, sem percepção de quem era. Pelo menos fui poupado a isso: emergi da queda com a identidade intacta, com os moldes de mil mundos ainda a ressoar-me na carne. Mantive não só o desejo puro de sobreviver, mas também a convicção de que a sobrevi-

vência é importante. Ainda sou capaz de sentir prazer, caso exista motivo suficiente.

Mesmo assim, em tempos houve muito mais.

A sabedoria de tantos outros mundos, perdida. Tudo o que resta são resumos abstractos, memórias limitadas de teoremas e filosofias excessivamente vastas para se acomodarem numa rede tão empobrecida. Poderia assimilar toda a biomassa deste lugar, reconstruir corpo e alma um milhão de vezes acima da capacidade daquilo que aqui se despenhou – mas enquanto me encontrar encurralado no fundo deste poço, afastado da comunhão com o meu ser mais vasto, nunca recuperarei tal conhecimento.

Sou um fragmento miserável daquilo que fui. Cada célula perdida leva um pouco do meu intelecto com ela e acabei por ficar tão pequeno... Enquanto em tempos pensava, agora limito-me a reagir. Quanto poderia ter sido evitado, caso pudesse ter recuperado um pouco mais de biomassa dos destroços? Quantas opções me escapam por a minha alma não ter a dimensão necessária para as conter?

**O** mundo falava consigo próprio, tal como eu o faço quando as minhas comunicações são simples quanto baste para serem transmitidas sem fusão somática. Até mesmo como cão era capaz de captar os morfemas identificativos básicos – esta ramificação era Windows, aquela era Bennings, as duas que tinham partido com destino incerto na máquina voadora eram Copper e MacReady – e sentia-me maravilhado com o facto de aqueles pedaços ficarem isolados uns dos outros, de manterem a forma durante tanto tempo, que a identificação de alíquotas individuais de biomassa acabasse por ter um objectivo útil.

Mais tarde escondi-me dentro dos bípedes e aquilo que se ocultava naquelas peles assombradas começou a falar comigo. Disse que os bípedes se chamavam tipos, ou homens, ou idiotas. Revelou que por vezes MacReady era chamado de Mac. Explicou que aquele aglomerado de estruturas era uma estação.

Disse que tinha medo, mas talvez isso fosse eu.

Claro que a empatia é inevitável. Não é possível imitar as faúlhas e os químicos que motivam a carne sem também os sentir até certo ponto. Mas isto era diferente. Essas intuições tremeluziam em mim, mas mantinham-se fora do alcance. As minhas peles vagueavam pelos corredores e os símbolos crípticos em todas as superfícies – Horário da Lavandaria, Bemvindo ao Clube, Este Lado Para Cima – quase faziam um certo sentido. Aquele artefacto pendurado na parede era um relógio: media a passagem do tempo. Os olhos da pele passavam por aqui e por ali, e eu absorvia fragmentos da nomenclatura a partir da mente dela – do homem.

No entanto estava apenas a deslocar-me a bordo de um holofote. Via o que ele iluminava, mas não era capaz de apontar numa direcção por mim escolhida. Podia ouvir, mas apenas isso. Não tinha como interrogar.

Se pelo menos um desses holofotes tivesse feito uma pausa para meditar sobre a sua própria evolução, sobre a trajectória

**QUANTO PODERIA TER SIDO EVITADO, CASO PUDESSE TER RECUPERADO UM POUCO MAIS DE BIOMASSA DOS DESTROÇOS? QUANTAS OPÇÕES ME ESCAPAM POR A MINHA ALMA NÃO TER A DIMENSÃO NECESSÁRIA PARA AS CONTER?**

que o levara àquele sítio... As coisas poderiam ter sido diferentes, caso eu soubesse. Mas tudo se resumiu a uma nova palavra:

Autópsia.

MacReady e Copper tinham encontrado parte de mim na estação norueguesa: uma ramificação que ficara para trás, queimada aquando da minha fuga. Tinham-na trazido com eles – carbonizada, deformada, imobilizada a meio da transformação – e pareciam não saber do que se tratava.

Nessa altura estava a ser Palmer e Norris e cão. Juntei-me à restante biomassa e observei Copper a abrir-me e a retirar-me as entranhas. Vi-o a deslocar qualquer coisa de trás dos meus olhos: algum tipo de órgão.

Era deformado e incompleto, mas o essencial era bastante claro. Parecia um grande tumor enrugado, como uma competição celular desregada – como se os processos que definem a vida se tivessem virado contra ela. Era obscenamente vascularizado, devendo consumir oxigénio e nutrientes de forma absolutamente desproporcionada em relação à sua massa. Não conseguia imaginar como algo assim poderia existir, como fora capaz de alcançar tal dimensão sem ser ultrapassado por uma morfologia mais eficiente.

Também não era capaz de conceber qual a sua utilidade. Mas depois comecé a olhar com novos olhos para estas ramificações, para as formas bípedes que as minhas células tinham copiado escrupulosa e precipitadamente ao darem-me uma nova forma para este mundo. Não estando habituado a proceder a inventários – para quê catalogar partes corporais que se transformam em outras coisas à mínima provocação? – vi pela primeira vez a estrutura inchada que encimava cada corpo. Era muito maior do que deveria ser: um hemisfério ósseo onde se poderia acomodar um milhão de ligações ganglionares com espaço de sobra. Cada ramificação dispunha de uma. Cada fragmento de biomassa tinha uma daquelas enormes excrescências deformadas de tecido.

Apercebi-me ainda de outra coisa: os olhos e os ouvidos da minha pele morta tinham alimentado aquela coisa antes de Copper a ter retirado. Um aglomerado denso de fibras percorria o eixo longitudinal da pele, ao longo do centro do endosqueleto, chegando à cavidade escura e gelatinosa onde a excrescência se alojava. A estrutura deformada estivera ligada a toda a pele, como uma espécie de interface somatocognitiva, mas amplamente mais massiva. Era quase como se...

Não.

Era assim que funcionava. Era assim

que aquelas peles vazias se deslocavam por sua vontade própria; fora por isso que não encontrara outra rede com a qual integrar-me. Ali estava: não se encontrava distribuído pelo corpo, mas sim enrolado em si próprio, escuro, denso e enquistado. Encontrara o fantasma naquelas máquinas.

Senti-me enjoado.

Estava a partilhar a minha carne com um cancro consciente.

**P**or vezes, escondermo-nos não basta. Lembro-me de me ver espalhado no piso do canil, uma químera com uma centena de divisões, a comungar com meia dúzia de cães. Gavinhas carmesim contorciam-se no chão. Réplicas semiformadas emergiram dos meus flancos, com formas de cães e coisas nunca vistas neste mundo, morfologias aleatórias recordadas pelas partes de uma parte.

Lembro-me de Childs me queimar vivo antes de ser Childs. Lembro-me de me encolher aterrorizado dentro de Palmer, receando que aquelas chamas se pudessem virar contra o resto de mim, que este mundo tivesse aprendido a atacar sem aviso prévio.

Lembro-me de me ver a cambalear pela neve, levado pelo instinto puro, enquanto usava Bennings. Tinha cotos retorcidos indiferenciados presos às mãos, como parasitas grosseiros, mais fora do que dentro; fragmentos sobreviventes de um massacre anterior, aleijados, descuidados, levando consigo o que podiam e revelando-se ao mundo. Os homens cercaram-no na noite: sinalizadores vermelhos na mão, luzes azuis pelas costas, os rostos bicromáticos e belos. Lembro-me de Bennings, envolto em chamas, a uivar como um animal no exterior.

Lembro-me de Norris, traído pelo coração defeituoso que fora copiado na perfeição. De Palmer a morrer para que o resto de mim pudesse viver. Windows, ainda humano, queimado por via das dívidas.

Os nomes não importam. É a biomassa que interessa: tanta que se perdeu. Tantas experiências novas, tanta sabedoria recente aniquilada por este mundo de tumores conscientes.

Porque seria que me tinham desenterrado? Para quê cortarem-me do gelo, levarem-me pelo ermo, ressuscitarem-me, para me atacarem assim que acordei?

Se o objectivo era a erradicação, por que não me mataram logo assim que me encontraram?

**A**quelas almas enquistadas. Aqueles tumores. Escondidos nas suas cavernas ósseas, enrolados sobre si próprias.

Sabia que não se poderiam esconder

eternamente. Aquela anatomia monstruosa não impedira a comunhão, limitara-se a abrandá-la. Crescia um pouco a cada momento que passava. Sentia-me a envolver as ligações motoras de Palmer, a avançar ao longo de um milhão de correntes minúsculas. Sentia a minha infiltração na massa pensante escura atrás dos olhos de Blair.

Não passava de imaginação, é claro. Nesse ponto tudo são reflexos, inconscientes e imunes à microgestão. Contudo, parte de mim queria parar enquanto ainda havia tempo. Estou habituado a incorporar almas e não a partilhar espaço com elas.



Esta... esta compartimentação era algo sem precedentes. Assimilara já um milhar de mundos mais fortes do que este, mas nunca um que fosse tão bizarro. O que aconteceria quando me deparasse com a fálha do tumor? Quem assimilaria quem?

Naquele momento estava a ser três homens. O mundo começava a desconfiar, mas ainda não se apercebera. Nem mesmo os tumores nas peles que eu tomara sabiam

quão perto me encontrava. Sentia-me grato por isso – por a Criação ter regras, por haver coisas que não mudavam, fosse qual fosse a forma assumida. Não importa se uma alma se espalha através da pele ou se se propaga num isolamento grotesco, ela necessita sempre de electricidade para funcionar. As recordações dos homens precisavam de tempo para se consolidar, para atravessar os portões que filtravam o ruído presente nos sinais – e uma descarga atempada de estática, mesmo indiscriminada, limpava a memória temporária antes de o seu conteúdo poder ser armazenado de forma permanente. Pelo menos eliminava o suficiente para que os tumores se esquecessem de que por vezes havia alguma coisa a mover-lhes os braços e as pernas.

Ao início só assumia o controlo quando as peles fechavam os olhos e os holofotes se agitavam de forma desconcertante através de imagens falsas, padrões que se fundiam sem sentido uns nos outros, como uma biomassa hiperactiva incapaz de se acomodar numa única forma. (Sonhos, disse-me um holofote, e um pouco depois, Pesadelos.) Era seguro sair durante esses períodos misteriosos de dormência, em que os homens jaziam, inertes e isolados.

Contudo, em breve os sonhos desapareceram. Os olhos passaram a estar sempre abertos, fitos nas sombras e uns nos outros. As ramificações até aí dispersas pela estação começaram a juntar-se, a trocar os empreendimentos solitários pela companhia. Ao início julguei que pudessem estar a encontrar um ponto em comum no receio partilhado. Cheguei mesmo a pensar que por fim se libertassem da sua misteriosa fossilização e assumissem a comunhão.

Mas não. Tinham simplesmente deixado de confiar naquilo que não eram capazes de ver.

Estavam apenas a virar-se uns contra os outros.

**A**s minhas extremidades começam a ficar entorpecidas. Os meus pensamentos abrandam à medida que as zonas distais da minha alma sucumbem ao frio. O peso do lança-chamas puxa pela correia, desequilibrando-me constantemente. Ainda não há muito tempo que sou Childs. Quase metade deste tecido continua por assimilar. Tenho uma hora, talvez duas, até ser obrigado a começar a derreter a minha tumba no gelo. Quando chegar a altura terei de ter convertido células suficientes para impedir que a pele se cristalize. Concentro-me na produção de anticongelante.

O erro é quase pacífico. Há tanto para assimilar e tão pouco tempo para o pro-

cessar. É preciso muita concentração para me esconder nestas peles e com tantos olhos a observar-me foi uma sorte que a comunhão tivesse durado o suficiente para trocar recordações: compor a minha alma estava fora de questão. Agora, no entanto, não tenho nada mais para fazer a não ser preparar-me para o obívio. Nada que me preencha os pensamentos, além de todas as lições que ficaram por aprender.

O teste sanguíneo de MacReady, por exemplo. O seu detetor de coisas, para revelar os impostores que se faziam passar por homens. Não resulta tão bem quanto o mundo julga, mas o facto de funcionar de todo viola as regras mais essenciais da biologia. É o centro do enigma. É a resposta a todos os mistérios. Já o poderia ter solucionado se eu fosse um pouco maior. Talvez já conhecesse o mundo, se este não estivesse determinado a matar-me.

O teste de MacReady.

Ou será impossível, ou estive errado acerca de tudo.

**E**les não mudaram de forma. Não comungaram. O receio e a desconfiança mútua cresciam, mas não uniram as almas. Limitaram-se a procurar o inimigo no exterior.

Por isso dei-lhes algo que pudessem encontrar.

Deixei pistas falsas no computador rudimentar da estação: ícones e animações simplistas, valores e projecções erróneos, temperados com verdade quanto bastasse para convencer o mundo da sua idoneidade. Não interessava que a máquina fosse demasiado básica para realizar tais cálculos, ou que, fosse como fosse, não houvesse dados onde os basear. Blair era a única biomassa que o poderia saber e ele já era meu.

Deixei indícios falsos, destruí os verdadeiros e depois – com o álibi estruturado – deixei que Blair enlouquecesse. Permittede que saísse para a noite e destruísse os veículos enquanto eles dormiam, controlando-lhe ao de leve os movimentos para garantir que certos componentes vitais eram poupados. Libertei-o na sala do rádio, observei pelos seus olhos e pelos de outros enquanto ele dava largas à destruição. Ouvi-o divagar sobre um mundo em risco, sobre a necessidade de contenção, acerca da convicção de que a maioria de vós não faz ideia do que se passa por aqui – mas eu tenho bem noção que alguns de vocês o sabem...

Estava convicto de cada palavra. Pude vê-lo no seu holofote. As melhores falsificações são as que se esqueceram de que não são reais.

Depois de feitos os estragos necessários deixei que Blair sucumbisse ao contra-ataque de MacReady. Enquanto Norris sugeri o barracão das ferramentas como cela. Enquanto Palmer entaípei as janelas e ajudei a preparar as fortificações frágeis destinadas a conter-me. Observei o mundo a trancar-me para o teu bem, Blair, e deixei-me sozinho. Quando ninguém estava a ver mudava e saía, recuperava as peças de que precisava da maquinaria danificada. Levava-as para o meu covil sob o barracão e construía a minha fuga pouco a pouco. Ofereci-me para alimentar o prisioneiro e regressava a mim quando o mundo não estava a ver, carregado de suprimentos suficientes para me manter durante todas as metamorfoses necessárias. Em três dias retirei um terço das reservas de alimentos da estação e — ainda preso aos preconceitos — fiquei maravilhado com a dieta de inanição que mantinha aquelas ramificações presas a uma única pele.

Mais um pouco de sorte: o mundo estava demasiado absorto para se preocupar com o inventário da cozinha.

**H**á qualquer coisa no vento, um murmúrio que se eleva acima dos uivos da tempestade. Faço crescer as orelhas, alongo tecido quase congelado a partir dos lados da cabeça, viro-me como uma antena viva em busca do melhor sinal de recepção.

Ali, à minha esquerda: o abismo brilha ao de leve, desenhando os remoinhos negros de neve contra um breve amáinar das trevas. Ouço os sons de carnificina. Ouço-me a mim próprio. Não sei que forma assumi, que tipo de anatomia poderá estar a emitir aqueles sons, mas já vesti peles suficientes em bastantes mundos para identificar dor quando a ouço.

A batalha não está a correr bem. A batalha decorre tal como planeado. Chegou a altura de me afastar, de dormir. É tempo de enfrentar o passar das eras.

Inclino-me contra o vento. Desloco-me a caminho da luz.

O plano não é este, mas creio já ter uma resposta: talvez ela já estivesse comigo mesmo antes de me meter mais uma vez ao exílio. Não é fácil de admitir. Continuo sem o entender plenamente. Quanto tempo estive aqui fora, a recontar a narrativa para comigo, a preparar as pistas enquanto a minha pele morre aos poucos? Quanto tempo andei à volta desta verdade óbvia, impossível?

Encaminho-me para o débil crepitar das chamas; sinto, mais do que ouço, a vibração dos depósitos a explodir. O vazio ilumina-se à minha frente: o cinzento passa a amarelo, este a laranja. Um brilho difuso funde-se em muitos: uma parede solitária que arde, ainda de pé, como que por milagre. O esqueleto fumegante do barracão de MacReady na colina. Um hemisfério rachado e incandescente que reflecte o âmbar suave da luz tremeluzente: o holofote de Childs chama-lhe uma cúpula de rádio.

O campo desapareceu por completo. Nada resta, além de chamas e escombros.

Não podem sobreviver muito tempo sem abrigo. Não com aquelas peles.

Destruindo-me, condenaram-se a eles próprios.

**A**s coisas poderiam ter sido muito diferentes se nunca tivesse sido Norris.

Norris era o ponto fraco: biomassa não só mal adaptada, como também defeituosa, uma ramificação com um interruptor para se desligar. O mundo já o sabia há tanto tempo que deixara

de pensar no assunto. Só quando Norris colapsou é que o problema cardíaco chegou à superfície da mente de Copper, ficando ao meu alcance. Só quando Copper se sentou em cima do peito de Norris, esmurrando-o para o tentar reviver, é que percebi como iria terminar. Nessa altura era demasiado tarde. Norris deixara de ser Norris. Deixara até de ser eu.

Tinha tantos papéis que desempenhar e tão poucas alternativas em qualquer um deles. A parte a ser Copper encostou as placas do desfibrilhador à parte que fora Norris, um Norris bastante fiel, cada célula escrupulosamente assimilada, cada parte da válvula danificada reconstruída na perfeição. Não sabia. Como podia saber? Estas formas dentro de mim, os mundos e as morfologias que assimilei ao longo das eras — só as usara para me adaptar, nunca para me esconder. Esta imitação desesperada era um improviso, um derradeiro recurso face a um mundo que atacava tudo o que lhe era desconhecido. As minhas células leram os sinais e conformaram-se, inconscientes como priões.

Por isso tornei-me Norris e este autodestruíu-se.

Lembro-me de me perder na sequência da queda. Sei o que é degradar-me, os tecidos revoltados, o esforço desesperado para recuperar o controlo enquanto a estática de um órgão defeituoso interfere com o sinal. Ser uma rede a separar-se de si

própria, saber que a cada momento sou menos do que no instante anterior. Tornar-me nada. Tornar-me legião.

Ao ser Copper percebi. Continuo sem saber como o mundo não o viu. Nessa altura há muito que as suas partes se tinham virado umas contra as outras, com cada ramificação a desconfiar de todas as restantes. Por certo estariam alertas a sinais de infecção. De certeza que algumas das biomassas teriam notado o leve contorcer de Norris ao mudar abaixo da superfície, o último recurso instintivo dos tecidos deixados por sua conta.

Mas fui o único a reparar. Sendo Childs só podia observar. Sendo Copper só tinha como piorar as coisas. Se tivesse assumido o controlo directo, obrigado aquela pele a largar as placas, estaria a revelar-me. Por isso desempenhei os papéis até ao fim. Bati com as placas do desfibrilhador no peito de Norris enquanto este se abria. Gritei na altura certa quando os dentes serrilhados nascidos a cem estrelas de distância se fecharam. Tomei para trás, com os braços amputados acima do pulso. Os homens acorreram, com a agitação a escalar até ao pânico. MacReady ergueu a arma. As chamas percorreram o espaço. Carne e maquinaria gritavam com o calor.

O tumor de Copper desligou-se a meu lado. Fosse como fosse, o mundo não o deixaria viver depois de uma contaminação tão óbvia. Deixei a nossa pele a passar-se por morta no chão, enquanto lá em cima, algo que em tempos fora eu despedaçava-se, contorcia-se e percorria um sem fim de padrões aleatórios, procurando desesperadamente algo que fosse incombustível.

**E**les destruíram-se. Eles.

Que termo tão insano para aplicar a um mundo.

Há qualquer coisa que se arrasta na minha direcção através dos escombros: um quebra-cabeças denticulado e mole de carne escurecida e ossos mal absorvidos. Brasas incandescentes estão presas aos seus flancos, como olhos de um brilho penetrante. Não tem força para as retirar. Não chega a conter metade da massa da pele deste Childs. Grande parte, incinerada até se tornar carbono puro, já está morta.

**AS MELHORES  
FALSIFICAÇÕES  
SÃO AS QUE SE  
ESQUECERAM DE  
QUE NÃO  
SÃO REAIS.**

O que resta de Childs, quase adormecido, pensa Cabrão, mas agora estou a ser ele. Posso bem suportar isso.

A massa estende-me um pseudomembro, um derradeiro acto de comunhão. Sinto a minha dor.

Fui Blair, fui Copper, até fui um resto de cão que sobreviveu ao primeiro massacre incendiário e se escondeu nas redes, sem alimento nem força para se regenerar. Depois alimentei-me de carne por assimilar, consumi, em vez de comunicar. Revivi-me e reabasteci-me, voltei a unir-me.

E contudo, não exactamente. Mal me lembro – tanto foi destruído, tanta memória perdida – mas creio que as redes recuperadas das diferentes peles ficaram um pouco dessincronizadas, mesmo quando reunidas no mesmo soma. Vislumbro uma recordação quase corrompida de cão a emanar do ser mais vasto, faminta, traumatizada e decidida a manter a sua individualidade. Lembro-me de raiva e de frustração, que este mundo me corrompeu a tal ponto que mal conseguí reunir-me. Mas isso não importava. Agora era mais do que Blair, Copper e Cão. Era um gigante com a opção de escolher entre as formas de mundos, um adversário mais do que à altura do derradeiro homem que me enfrentava.

No entanto, não estava à altura da dinamite que ele tinha na mão.

Agora sou pouco mais do que dor, rejeição e carne carbonizada malcheirosa. A sciência que me resta está mergulhada na confusão. Sou pensamentos desgarrados e desconexos, dúvidas e fantasmas de teorias. Sou percepções, demasiado tardias e já esquecidas.

Mas também sou Childs e quando o vento finalmente sossega lembro-me de pensar Quem assimila quem? A neve pára e lembro-me de um teste impossível que me despiu.

O tumor dentro de mim também se lembra. Vejo-o nos últimos raios do holofote que se desvanece – por fim, depois de tanta espera, esse feixe é apontado para o interior.

É apontado para mim.

Mal consigo ver o que ele ilumina. Parasita. Monstro. Doença.

Coisa.

Sabe tão pouco. Sabe ainda menos do que eu.

Sei o suficiente, seu cabrão. Ladrão de almas, violador nojento.

Não sei o que isso significa. Há violência nesses pensamentos e a penetração forçada da carne, mas subjacente a tudo isso está algo que não compreendo. Quase

o pergunto – mas o holofote de Childs apagou-se finalmente. Agora não há nada aqui dentro além de mim; nada lá fora, apenas fogo, gelo e escuridão.

Estou a ser Childs e a borrasca chegou ao fim.

**N**um mundo que atribuía nomes inconsequentes aos pedaços intermutáveis de biomassa, só um nome interessava verdadeiramente: MacReady.

MacReady foi sempre quem esteve no comando. O conceito em si ainda parece absurdo: no comando. Como pode este mundo não se aperceber da insanidade que são as hierarquias? Uma bala no ponto vital e o norueguês morre, para sempre. Uma pancada na cabeça e Blair fica inconsciente. A centralização é vulnerabilidade – e ainda assim, o mundo não se satisfaz em edificar a sua biomassa sobre um esquema tão frágil, impondo esse mesmo modelo aos seus metassistemas. MacReady fala, os outros obedecem. É um sistema com um ponto vulnerável incorporado.

No entanto, de alguma forma, MacReady permaneceu no comando. Mesmo após o mundo ter descoberto as provas que eu deixara, mesmo depois de ter decidido que MacReady era uma dessas coisas, de o ter mantido no exterior para morrer na tempestade, de o ter atacado com fogo e machados quando ele abriu caminho à força para o interior. De alguma forma, MacReady teve sempre a arma, teve sempre o lança-chamas, teve sempre a dinamite e manteve a resolução de eliminar toda a estação, caso se tornasse necessário. Clarke foi o último a tentar detê-lo. MacReady alvejou-o no tumor.

O ponto vulnerável.

Mas quando Norris se fragmentou, com cada pedaço a rastejar instintivamente para salvar a vida, foi MacReady quem os voltou a unir.

Sentia-me tão seguro de mim quando ele falou do teste. Amarrrou todas as biomassas – amarrou-me mais vezes do que imaginou – e quase senti uma espécie de pena à medida que ele falava. Obrigou Windows a cortar-nos a todos, a retirar uma amostra de sangue de cada um. Aqueceu a ponta de um arame até esta ficar incandescente e falou de pedaços pequenos o suficiente para se revelarem, pedaços que dispunham de instinto, mas não de inteligência, nem de autocontrolo. MacReady observara Norris aquando da dissolução e ficara convencido: o sangue dos homens não iria reagir à aplicação de calor. O meu debandaria, caso fosse provocado.

É claro que ele pensava assim. Estas ramificações tinham-se esquecido de que podiam mudar.

Interroguei-me quanto à reacção do mundo quando cada biomassa naquele espaço se revelasse um metamorfo, quando a pequena experiência de MacReady eliminasse a fachada do maior e obrigasse os fragmentos contorcidos a enfrentar a verdade. Poderia o mundo despertar da sua longa amnésia, recordando-se por fim de que vivia, respirava e mudava como tudo o resto? Ou estaria já perdido – será que MacReady se limitaria a queimar cada ramificação à vez, à medida que o sangue a atraísse?

Nem acreditei quando MacReady mergulhou o arame quente no sangue de Windows e nada aconteceu. Algum truque, pensei. E depois o sangue de MacReady passou no teste, e o de Clarke.

O de Copper não passou. A agulha entrou e o sangue de Copper estremeceu ao de leve no prato. Quase nem o vi; os homens não reagiram de todo. Caso se tivessem apercebido, por certo tê-lo-iam atribuído ao tremor da mão de MacReady. Fosse como fosse, julgavam que o teste não passava de uma intrujice. Cheguei mesmo a dizê-lo enquanto Childs.

Isso porque admitir que não era seria demasiado espantoso, demasiado aterroizante.

Sendo Childs sabia que havia esperança. O sangue não é alma: posso controlar os sistemas motores, mas a assimilação demora o seu tempo. Se o sangue de Copper estivesse puro o suficiente para passar despercebido, só dali a horas teria motivo para reacear o teste. Era Childs havia ainda menos tempo.

Mas também era Palmer. Há dias que era Palmer. Cada célula dessa biomassa já fora assimilada. Não restava nada do original.

Quando o sangue de Palmer gritou e fugiu da agulha de MacReady só me restou misturar-me com os outros.

**E**stava errado quanto a tudo. Subnutrição. Experiência. Doença. Todas as minhas especulações, todas as teorias que invoquei para explicar aquele sítio – constrangimento descendente, tudo isso. No fundo, sempre soube que a capacidade de mudança – de assimilação – tinha de permanecer uma constante universal. Não há mundo que se desenvolva se as células não evoluírem. As células não evoluem se não puderem mudar. Faz parte da natureza da vida em todo o lado.

Em todo o lado menos aqui.

Este mundo não se esqueceu de como

mudar. Não foi manipulado para rejeitar a mudança. Aquelas não eram as ramificações atrofiadas de um ser maior, distorcidas segundo a necessidade de uma qualquer experiência. Não estavam a conservar energia, à espera do final de uma privação temporária.

Esta é a opção que a minha alma atrofiada e debilitada não foi capaz de apreender até agora: de todos os mundos que conheci, este é o único cuja biomassa não pode mudar. Nunca pôde.

É a única forma de o teste de MacReady fazer sentido.

Despeço-me de Blair, de Copper, de mim próprio. Devolvo à minha morfologia as suas definições locais. Sou Childs, regressado da tempestade para finalmente conjugar tudo. Há qualquer coisa que se move lá à frente: uma mancha escura que se mexe contra as chamas, um animal exausto à procura de um local onde descansar. Ergue o olhar quando me aproximo.

MacReady.

Entreolhamo-nos e mantemos a distância. Colónias de células agitam-se desconfortavelmente no meu interior. Sinto os meus tecidos a redefinirem-se.

“Foste o único a sobreviver?”

“Não fui o único...”

Tenho o lança-chamas. Tenho uma vantagem. MacReady parece não ligar.

Mas ele importa-se. Tem de se importar, porque aqui, tecidos e órgãos não são alianças temporárias de batalha. São permanentes, predestinados. As macroestruturas não surgem quando os benefícios da cooperação superam os custos, nem se dissolvem quando o equilíbrio se inverte. Aqui, cada célula tem uma função imutável. Não há maleabilidade, não há forma de adaptação. Cada estrutura está imobilizada no seu lugar. Este não é um grande mundo único, mas sim muitos mundos pequenos. Não são partes de uma coisa maior. São coisas. São plurais.

E isso significa – creio – que param. Elas... elas gastam-se com o tempo.

“Onde estiveste, Childs?”

Lembro-me das palavras dos holofotes mortos: “Pensei que tinha visto o Blair. Fui à procura dele. Perdi-me na tempestade.”

Usei estes corpos, senti-os a partir do interior. As articulações doridas de Copper. A coluna torcida de Blair. Norris e o seu coração doente. Não foram feitos para durar. Não há evolução somática para os moldar, não há comunhão para restaurar a biomassa e deter a entropia. Nem sequer deviam existir; existindo, não deviam so-

# NÃO HÁ MUNDO QUE SE DESENVOLVA SE AS CÉLULAS NÃO EVOLUÍREM. AS CÉLULAS NÃO EVOLUEM SE NÃO PUDEREM MUDAR. FAZ PARTE DA NATUREZA DA VIDA EM TODO O LADO.

breviver.

No entanto, eles tentam. Como se esforçam. Tudo aqui é um morto que anda e ainda assim luta para subsistir mais um pouco. Cada pele debate-se tão ferozmente como eu talvez fizesse, caso só pudesse dispor de uma vida.

MacReady tenta.

“Se por acaso estás preocupado comigo...” começo a dizer.

MacReady abana a cabeça e esboça um sorriso cansado. “Se tivermos alguma surpresa na manga, não me parece que estejamos em condições de fazer grande coisa...”

Mas estamos. Eu estou.

Um planeta inteiro de mundos e nem um deles – um único – tem alma. Vagueiam pela vida separados e sozinhos, incapazes de comunicar salvo através de grunhidos e sinais: como se a essência de um pôr-do-sol ou de uma supernova pudesse ser contida numa qualquer sequência de fonemas, em alguns traços lineares de preto sobre branco. Nunca conheceram a comunhão, só podem aspirar à dissolução. Sim, o paradoxo da sua biologia é espantoso, mas a escala da solidão, a futilidade destas vidas deixa-me estarecido.

Fui tão cego, estive tão pronto a atribuir culpas. Contudo, a violência de que fui alvo às mãos destas coisas não reflecte grande mal. Estão apenas tão habituados à dor, tão cegos pela incapacidade que pura e simplesmente não são capazes de conceber qualquer outro tipo de existência. Quando todas as terminações nervosas ficam em carne viva ripostamos ao mais pequeno toque.

“O que devemos fazer?” interrogo-me. Não posso fugir para o futuro agora que tive conhecimento de tudo isto. Como os poderia deixar assim?

“E se – esperássemos um pouco,” sugere MacReady. “Para ver o que acontece.”

Posso fazer tão mais do que isso.

Não vai ser fácil. Eles não vão entender. Torturados e incompletos, não têm como compreender. Quando presenteados com um todo maior vêm unicamente a perda do menor. Quando lhes oferecem a comunhão, eles só vêm a extinção. Tenho de ser cuidadoso. Tenho de usar esta nova capacidade que aprendi de me esconder. A seu tempo, outras coisas vão aparecer e não importa se encontram os vivos ou os mortos. Basta que encontrem alguma coisa igual a elas para levarem consigo. Por isso vou manter as aparências. Vou operar a partir dos bastidores. Vou salvá-las a partir de dentro, caso contrário a solidão inimaginável nunca terá um fim.

Estas coisas selvagens nunca irão aceitar a salvação.

Terei de as violar para a oferecer. **BANG!**



Peter Watts é um autor canadiano de ficção científica e biólogo marinho. Descrito como um dos melhores escritores de Hard SF, iniciou a sua carreira com o romance “Starfish” ao que se seguiram “Maelstrom” e “Behemoth” que constituem a trilogia “Rifters”. O seu último romance, “Blindsight”, recebeu uma nomeação para o Prémio Hugo.

Os Autores de  
Ouro da Literatura  
**FANTÁSTICA**

**BURROUGHS E MARTE:  
A GEOGRAFIA DA IMAGINAÇÃO**  
*por João Seixas*

*“A truly strong myth-maker, such as Homer, such as Baum, such as the creator of Tarzan, creates substantial and lasting worlds... whereas the fiddlin’, unimaginative liars and fabulists shape nothing new and their tedious dreams are forgotten” (Jubal Harshaw)*

*Robert A. Heinlein,*

*The Cat Who Walks Through Walls*

## I. MITOS DA ERA DA TÉCNICA

**E**m Fevereiro de 1912, *The All-Story*, uma das revistas pulp do grupo Munsey, que publicava também a mítica *Argosy* e a não menos conhecida *Cavalier*, iniciava um seriado em seis partes, cuja publicação se estenderia até Julho, e que era assinado por um autor estreante e desconhecido. Seria a primeira e única história publicada por Norman Bean. Logo após a publicação da primeira parte, o autor protestava junto do editor Thomas Newell Metcalf pela alteração do seu nome, Normal, tomado por uma gralha, para o mais familiar Norman. E, fosse para evitar mais complicações<sup>(1)</sup>, fosse porque a história encontrara





uma recepção entusiástica por parte dos leitores, a verdade é que quando em Outubro desse mesmo ano se publicou o seu segundo trabalho, *Tarzan of the Apes*, era já o nome verdadeiro do autor que assinava o texto: Edgar Rice Burroughs.

Burroughs e Tarzan tornaram-se sinónimos de Aventura ao longo de todo o século XX, duas forças conformadoras do imaginário popular, modelos de incontáveis imitações, pastiches e sátiras, e objectos de estudo e análise culturais. Burroughs escreveria setenta e cinco livros, sessenta dos quais publicados ainda em vida, traduzidos para trinta e uma línguas, e com vendas de milhões de exemplares. Tarzan, que seria o protagonista de vinte e sete desses livros, foi adaptado ao cinema pela primeira vez em 1918, interpretado por Elmo Lincoln (Otto Linkenhelt), que ficaria lendário por ter realmente morto um leão (ainda que velho e sedado) que se encorpara contra ele durante as filmagens; posteriormente interpretado por dezoito actores distintos, em quarenta e três longas-metragens, sete seriados e quatro séries de televisão, uma delas animada, Tarzan leva confortável vantagem sobre os competidores mais directos como Sherlock Holmes, Zorro ou James Bond, aos quais dá cartas igualmente nas pranchas de Banda Desenhada e nas tiras ilustradas dos jornais, onde se estreou em 1936, cinco anos depois de se ter iniciado na rádio onde, com voz de James Pierce (um dos primeiros Tarzans cinematográficos e, à data, género de Burroughs), protagonizou 364 episódios. Burroughs, o criador, seria o primeiro dos escritores cujas próprias iniciais, ERB, se tornariam reconhecidas um pouco por todo o mundo, como mais tarde sucederia com Robert E. Howard, Robert A. Heinlein e Philip K. Dick. E, no entanto, Burroughs não faz parte do leque dos grandes escritores. Quando pensamos em Hemingway, Joyce, Ballard, Wells, Poe, James, ou Pessoa, Burroughs não é um dos nomes que nos ocorreria adicionar ao conjunto. E de balde se buscarão referências ao autor, nascido em Chicago em 1875, em qualquer estudo académico da literatura moderna – e, diga-se em abono da verdade, mesmo nas mais recentes Histórias da Ficção Científica, Burroughs apenas é referido quase como nota obrigatória, uma referência que seria chocante omitir, mas que desacreditaria o trabalho se o autor se demorasse demasiado sobre ela. À primeira vista pareceria tratar-se de mais um daqueles injustos caprichos da Crítica e da História, mas a verdade é que Burroughs não é, de facto, um grande escritor.



John Carter e Dejah Thoris entre alguns exemplos da rica variedade da fauna que povoa a imaginação marciana de Burroughs. ©Joe Jusko.

Joe Jusko é um dos mais populares ilustradores de Burroughs. É também dele a imagem da página anterior e muitas das capas da mais recente série de comics WARLORD OF MARS que a Dynamite vem publicando desde 2010

Apesar de Richard Lupoff, numa série de extensivos estudos<sup>(2)</sup> ter demonstrado que Burroughs não era alheio à técnica literária ou aos rudimentos do estilo, a sua escrita, ainda que competente, fica muito aquém do que normalmente exigiríamos como prova de qualidade<sup>(3)</sup>. Mas Burroughs nunca quis ser um grande escritor. Habitados como estamos ao invocar das musas ou ao alarde emproado dos nossos letrados, todos eles atormentados pela obtenção da mais perfeita constelação de palavras numa ideal galáxia de ideias puras, atravessadas por aforismos mais ou menos profundos, sempre relevantes, como ígneos cometas a rasgar o empíreo, a simples honestidade de Burroughs comove-nos pela singeleza, e poria de imediato fim à busca desesperada de Diógenes: “Não escrevia devido a qualquer impulso interior, ou por qualquer amor à escrita. Escrevia porque tinha mulher e dois filhos... Abomino a pobreza... A pobreza nada tem de honroso ou agradável...”<sup>(4)</sup> E a escrita manteve-o longe da pobreza. Na verdade, transformou-o num homem abastado, que no auge da Grande Depressão, obtinha ganhos de cinco mil dólares mensais provenientes tão só das tiras ilustradas dos jornais<sup>(5)</sup>, ganhos que afluíam num fluxo imparável de cheques aos escritórios da Edgar Rice Burroughs, Inc., na comunidade fronteira a Los Angeles que ostentava o nome da sua mais célebre criação, Tarzana, na Califórnia. Burroughs não era, nem aspirava

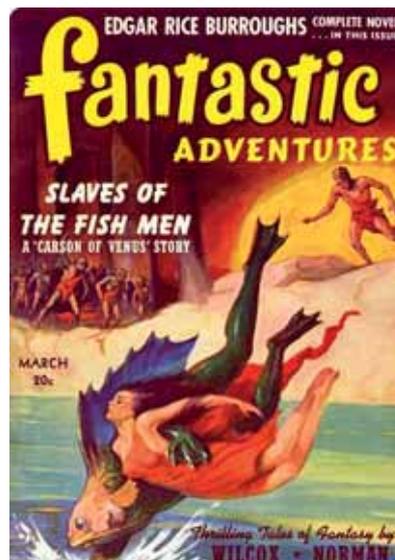
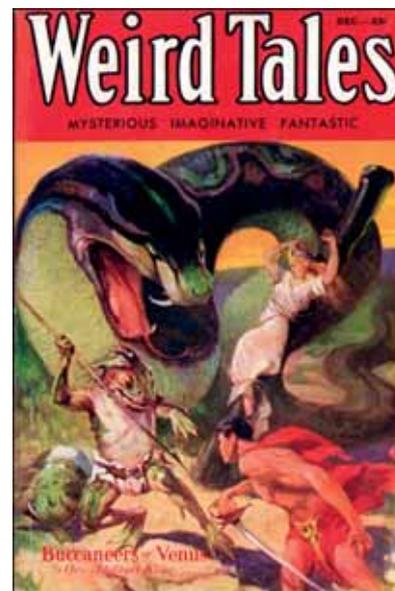
a ser um grande escritor, mas não é sem talento que se consegue marcar de forma tão indelével a esfera cultural. Só que o talento de Burroughs não assenta na arena abstracta do mérito literário – e ele estava consciente disso, ao responder à crítica feroz de Queenie Leavis com a observação de que “*Quero que saiba que estou bem ciente da postura que muitos académicos e auto-proclamados literati adoptam para com aquele género específico de literatura imortal pelo qual sou culpado*”<sup>(6)</sup> –; o talento de Burroughs residia naquilo que transcende a maior parte dos autores do cânone, que ultrapassa a esmagadora maioria dos grandes escritores de todas as épocas, naquilo que assegura que as suas obras sejam ainda procuradas pelo público cem anos após a sua publicação com o mesmo fascínio com que foram procuradas pela primeira vez: Burroughs não era um grande escritor, mas era alguém que sabia contar uma história; uma história capaz de manter o encanto com o passar das décadas. Uma história que passa das mãos de pais para filhos ao longo de gerações. Uma história que incorpora um valor intemporal que transcende os seus defeitos. Burroughs era um *criador de mitos*.

E só encarando-o como tal podemos verdadeiramente apreender o impacto da sua obra.

De acordo com a definição do *Oxford English Dictionary*, um mito é “*uma narrativa puramente fictícia, que normalmente envolve*

*seres, actos ou acontecimentos sobrenaturais, e que corporiza ideias populares relativas a fenómenos naturais ou históricos*”<sup>(7)</sup>. E, apesar do qualificativo “sobrenatural”, nenhum género literário cumpre melhor o papel de mito moderno do que a Ficção Científica. Se considerarmos, como a Thomas M. Disch<sup>(8)</sup>, que os mitos aspiram a maximizar o significado, comprimindo a verdade à máxima densidade que a mente é, ainda assim, capaz de assimilar, então, tal como ele, temos que aceitar que, enquanto criadores de mitos, os autores de ficção científica enfrentam a tarefa de humanizar, de traduzir na específica simbólica da gramática do género, as fabulosas vistas da era da ciência e da tecnologia. Humanizando o universo, interiorizam as frias forças naturais que, operando através da contingência e da necessidade, moldam a espécie, a sociedade, e a vida humanas.

Do feudo entre Burroughs e Otis Adelbert Kline, um dos seus principais imitadores, nasceu Carson of Venus. Ambas as capas são de J. Allen St. John, o mais puro ilustrador de Burroughs





© John Carter de Marte, por J. Allen St. John, um dos primeiros ilustradores das histórias de Burroughs, e normalmente considerado o seu ilustrador definitivo.

## II. O DESPERTAR DO MAGO

Não é difícil imaginar Burroughs em 1911, aos trinta e seis anos de idade, folheando revistas *pulp* em busca das páginas de anúncios, contemplando os sucessivos falhanços que compunham o seu currículo e que, recriminadores, expressavam o seu fracasso nos diferentes papéis timbrados que fora acumulando em cada pouso: dispensado da Phillips Academy no Massachusetts, chumbado no exame de acesso a West Point, e dispensado da cavalaria, onde “perseguiu Apaches sem nunca os apanhar”<sup>(9)</sup>, por problemas cardíacos, tentara a sorte como vaqueiro e empregado de balcão no Idaho, como mineiro no Oregon, como guarda de linhas no Utah, como vendedor porta a porta, professor de geologia, contabilista e consultor. Com o seu último empreendimento – uma empresa de encomendas por catálogo – igualmente fracassado, Burroughs trabalha agora como vendedor de afiadores de lápis, servindo-se de espaço emprestado em escritório alheio. E também não é difícil imaginar Burroughs a deixar a atenção desviar-se do trabalho para alguma da prosa colorida que emoldurava os anúncios naquelas publicações populares, mergulhar nos mundos fabulosos que nasciam da escrita rápida, nem sempre bem conseguida, quase sempre produzida a metro, e concluir que não lhe deveria ser difícil escrever algo semelhante. Ou mesmo algo

melhor. E escreveu: um magnífico sonho desperto, rico em todas as nuances com que o fracasso costuma colorir a imaginação, onde o ex-militar, ainda dominado pela ética da nobreza, rectidão e cavalheirismo que o serviço na Cavalaria lhe incutira, se convertia de prospector em Imperador, após derrotar inimigos, lidar com traidores e conquistar o coração de uma princesa. Nada de muito original, dir-se-ia, não fora o caso de o mineiro, ex-militar (poderia o disfarce ser mais evidente?), ser transportado inexplicavelmente para Marte, os inimigos serem gigantes guerreiros verdes, dotados de presas impressionantes e dois pares de braços, e a princesa, Dejah Thoris, ter a pele literalmente vermelha e ser ovípara. Burroughs chamou à sua história “*Dejah Thoris, Princess of Mars*”, mas esta, rejeitada pela *Argosy*, mas aceite para a publicação irmã, *The All Story*, foi publi-

Ilustração de capa para a edição de *Thuvia, Maid of Mars & The Chessmen of Mars*, do Science Fiction Book Club (Doubleday) de 1972. A arte de Frazetta captura perfeitamente o espírito de Burroughs em termos de ambiente e composição, com o ar descontraído de *Thuvia* a surpreender o leitor ao voltar a contracapa para deparar-se com o ameaçador banth.  
© Frank Frazetta



cada como “*Under the Moons of Mars*”. O seu autor: Normal Bean. Alguém que, não se atrevendo a assumir a paternidade de tão desabrida fantasia, sentia a necessidade de se afirmar no seu próprio pseudónimo como um ser normal.

E no entanto, depois disso, nada seria igual. O sucesso e a fortuna não foram imediatos, embora a popularidade do autor crescesse de dia para dia, e as suas narrativas fantasiosas cobrassem preços cada vez mais elevados. Dos quatrocentos dólares que recebeu por “*Under the Moons of Mars*”, publicada de Fevereiro a Julho de 1912, passou para os setecentos dólares de “*Tarzan of the Apes*”, em Outubro desse ano, e para os mil à cabeça que lhe renderam as respectivas sequelas, “*The God of Mars*” and “*The Return of Tarzan*” no ano seguinte. Em 1914, em vésperas da guerra, publicava também na *The All-Story*, “*At the Earth’s Core*”, o primeiro volume da sua terceira série de sucesso, passada num mundo perdido no centro da Terra, que dá pelo nome de Pellucidar. Até à sua morte, Burroughs viria a escrever dez livros da série Barsoom (nome que os Marcianos dão ao seu planeta), vinte e seis da série Tarzan, seis da série Pellucidar (um deles, *Tarzan at the Earth’s Core* comum a ambas as séries), e ainda quatro volumes na série de Carson Napier de Vénus, cuja publicação se iniciou em 1932, tendo deixado textos incompletos em quase todas elas, que seriam mais tarde, onde possível, terminados e coligidos por mãos alheias.

Em 1917, “*Under the Moons of Mars*” foi publicado pela primeira vez em livro com o título que se tornaria definitivo, “*A Princess of Mars*”, estreando a mais bem sucedida das suas séries, e de uma forma que deixa bem patente que a ingenuidade autoral de Burroughs em nada belisca o



Frank Frazetta, 1974. Ilustração interior para a edição da Ace de *“Swords of Mars”*. Frazetta é provavelmente o melhor ilustrador da série de Barsoom. As suas ilustrações e capas ajudaram ao renascer do interesse pelas obras de Burroughs e Robert E. Howard nos anos setenta. Ninguém consegue captar como ele a sensualidade e a cruza dos corpos sugeridos por Burroughs, ou o delicado equilíbrio entre o luxo e a decadência da sociedade marciana.

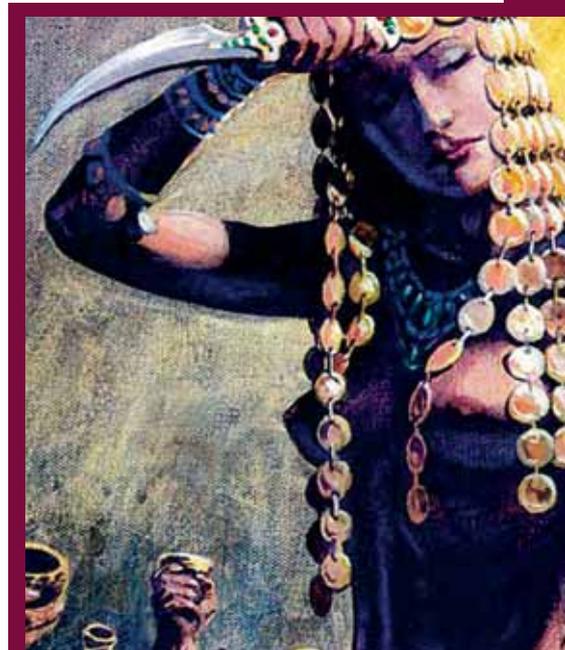
engenho narrativo. Com um estratagema que viria a repetir incontáveis vezes ao longo da sua obra, Burroughs abre a sua obra de estreia com um prefácio de Edgar Rice Burroughs<sup>(10)</sup>, que se apresenta como alguém que, na sua infância, conheceu o protagonista da história, um capitão John Carter da Virgínia, assim colocando o leitor numa posição de maior receptividade face ao corpo central da história que, ainda assim, nos seus dois primeiros capítulos, se afigura como uma normal narrativa do Oeste, daquelas que Frank Reade popularizara e com que os seus leitores estariam bem familiarizados, onde dois veteranos da guerra da secessão tentam a sua sorte na prospecção de ouro no Arizona, perto do território dos temíveis Apaches. Mas este E.R. Burroughs não é o mesmo Burroughs que escreve a aventura, pois de acordo com o prefácio, este Burroughs (que apareceria em muitas outras aventuras, propiciando meios aos protagonistas, ou testemunho dos seus feitos, ou mesmo sendo confundido com o “verdadeiro” ERB enquanto autor das narrativas, num fascinante jogo metaliterário) tinha cinco anos quando conheceu o Capitão Carter, pouco antes da Guerra Civil, na quinta do seu pai na Virgínia, ao passo que o ERB-autor nasceu em Chicago em 1875, filho de um major Unionista durante aquela guerra, depois bem sucedido negociante. Este jogo de identidades entre Normal Bean-Edgar Rice Burroughs-ERB, estende-se às falsas identidades em muitos

dos seus livros: atente-se como o pai de Tarzan, John Clayton, Lord Greystoke, é apresentado por Burroughs<sup>(11)</sup> como alguém “a quem nos referiremos como *John Clayton, Lord Greystoke*”, da mesma forma que no final de *The Cave Man* (1917), após descobriremos que a protagonista da primeira parte da história (*The Cave Girl*) é na realidade filha dos desaparecidos Condes de Crecy, somos informados de que vive agora “numa casa que certamente já terão visto se alguma vez foram a Boston, e se alguma vez viajaram num dos grandes autocarros turísticos. Pois a casa é apontada a todos os visitantes pela beleza da arquitectura e pela fama associada ao nome histórico e aristocrático do seu proprietário que, a propósito, não é de maneira alguma *Smith-Jones*”<sup>(12)</sup>. Se esse expediente lhe permite antes de mais ancorar firmemente o leitor ao seu universo ficcional, facilitando a transição, por vezes súbita, do quotidiano para o fantástico Burroughsiano, não deixa igualmente de cumprir dois outros papéis fundamentais: desde logo, revelar que o autor encara com naturalidade inata o jogo literário e metaliterário, assumindo o carácter formulaico e extravagante das histórias que tem para contar; mas também chamar a atenção para o significado que os nomes escondem numa potencial exegese dos seus textos, desde o pseudónimo Normal Bean, até à etimologia (fictícia) de nomes como Tarzan (“Pele Branca”, na língua dos antropóides que recolhem o infante na sua primeira aventura), ou Tangor (“Vindo de Nenhures”)

na língua dos Unians nas noveletas *“Beyond the Farthest Star”* e *“Tangor Returns”* (ambas de 1940), sem deixar de frisar uma e outra vez, através da revelação e recuperação da identidade das personagens, que estas são sempre definidas por alguém, alguém que isola um *outsider* (Tarzan, Tangor) devido a alguma característica distintiva (assim servindo de motor à motivação dos protagonistas) ou pelo lugar com que se identificam (John Carter of Mars, Carson of Venus, Llana of Gathol, Nu of the Neocene, e outra vez Tangor). Há, em Burroughs, uma constante sensação de pertença, um predomínio da grandiosidade individual sobre a geografia, um triunfo da identidade sobre qualquer marca distintiva exterior, mesmo quando esta, por vezes, parece querer servir de indicador da diferença.

### III. RAÇA E SIGNIFICADO, OU, O VERDE É BELO

Burroughs viveu numa época onde o racismo era moeda corrente, e a acusação de racismo é uma que constantemente se aponta aos seus textos, tendo inclusivamente a Ballantine Books introduzido alterações ao texto das suas reimpressões a partir dos anos 60, com o intuito de remover quaisquer expressões ofensivas, com resultados, por vezes, francamente desastrosos. E, no entanto, os próprios livros de Burroughs dão-nos a chave para deslindar a sua posição sobre a questão racial: a escolha de um confederado para o papel de oficial e cavaleiro em *John Carter* (título de edição portuguesa de *A Princess of Mars* não é, nesse campo, inocente, tal como não é inocente a forma como ele é colocado numa guerra



eterna entre duas culturas que se distinguem essencialmente pela cor da pele, ainda que simbolicamente verde e vermelha<sup>(13)</sup>. Num dado momento da narrativa, encontramos a seguinte passagem, em que Dejah Thoris se dirige à Assembleia dos Tharks:

«Porquê, oh, mas porque é que é que não aprendem a viver em paz com os vossos vizinhos? Porque é que têm que atravessar as eras até à extinção final pouco acima do nível das bestas irracionais que conseguis domesticar! Um povo sem linguagem escrita, sem arte, sem casas, sem amor; vítima de uma eternidade dessa horrível ideia comunitária. Possuindo tudo em comum, mesmo as vossas mulheres e os vossos filhos, levou a que nada possuísseis em comum. Odiais-vos uns aos outros, tal como odiais tudo o resto com excepção de vós próprios. Regressai aos costumes dos nossos antepassados comuns, regressai à luz da amabilidade e do companheirismo. Tendes o caminho aberto, e encontrareis as mãos dos homens vermelhos estendidas para vos ajudar. Juntos, podemos fazer ainda mais pela regeneração deste planeta moribundo. É a neta do maior e mais poderoso dos jeddaks vermelhos quem vos convida. Aceitam?»

Lorquas Ptomel e os guerreiros continuaram sentados, olhando silenciosa e atentamente para a jovem mulher por vários instantes após esta ter terminado. O que lhes ia pela cabeça, ninguém pode dizer, mas que estavam comovidos, isso acredito perfeitamente, e se um único deles tivesse sido forte o bastante para se erguer acima do costume, esse momento marcaria o início de uma era nova e gloriosa para Marte.

Vi Tars Tarkas levantar-se para falar, e no seu rosto uma tal expressão como nunca me tinha sido dado contemplar no semblante de um guerreiro Marciano verde. Falava de uma poderosa batalha interior, consigo mesmo, com a hereditariedade, com os costumes ancestrais, e quando abriu a boca para falar, as suas feições ferozes e terríveis estavam iluminadas por um ar de mo-

mentânea amabilidade e benignidade.» (p.83, da edição da SdE)

Burroughs diz-nos claramente que são as ideias que separam os homens (aproveitando para nos deixar também a sua opinião sobre o comunismo, ainda antes de serem conhecidos os horrores de Lenine e Staline), não a cor da pele, nem sequer o facto de pertencerem a espécies (aparentemente) distintas. E mesmo a tentativa de interpretar o código cromático à luz da oposição branco-cor esbarra com o facto de que um dos mais temidos predadores de Marte, que ataca indiscriminadamente vermelhos e verdes, e o próprio protagonista, são os Macacos Brancos de Marte. No universo de Burroughs, não é possível identificar uma tendência de discriminação e função da cor da pele ou da nacionalidade (apesar de os Alemães simpatizarem pouco com o alto grau de permeabilidade genética que pareciam encontrar nas aventuras de

Tarzan – ou talvez estivessem apenas ressentidos pelo retrato que Burroughs deles fizera em *The Land that Time Forgot*, escrito durante a primeira grande guerra); de um lado e outro da barreira racial encontramos indivíduos nobres e indivíduos mesquinhos, sendo os actos praticados que definem o respectivo estatuto narrativo. Se ainda assim o leitor notar um certo tratamento paternalista face aos negros, ou aos índios, esse é mais fruto da época do que do preconceito autoral e, na pena de Burroughs, deixa a mesma impressão que um ateu que não consegue livrar-se da interjeição “por amor de deus”.

## IV. MARTE: A GEOGRAFIA DA IMAGINAÇÃO

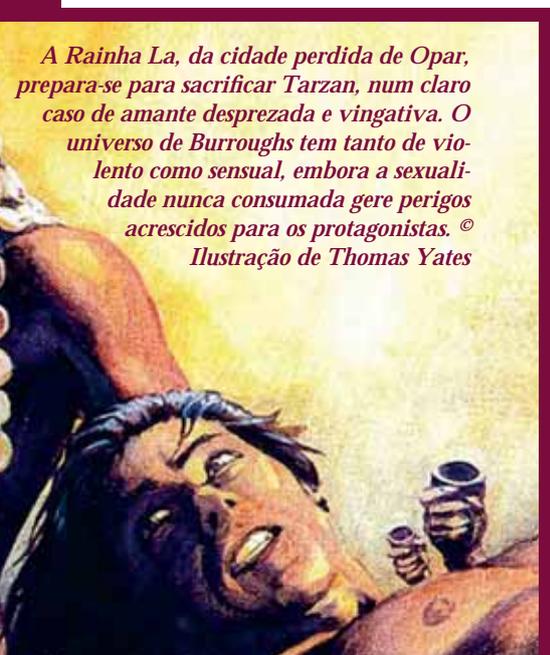
O Marte onde Burroughs dispõe as suas raças, o Marte que John Carter encontra em Barsoom é um Marte senescente, habitado pelo remanescente de raças autóctones, resultado de milhões de anos de evolução biológica e cultural, uma sociedade planetária violenta – como

são todas as sociedades quando os bárbaros estão aos portões e as mesas quase vazias – e cujos resquícios da alta tecnologia de outrora representam apenas a utilização prática sem o saber que os possibilita. De capital importância são as fábricas de atmosfera, objecto de tratados entre as tribos adversárias, e que são o único que assegura a sobrevivência continuada de vida no planeta. O Marte Burroughsiano é uma tapeçaria rica em pormenor, dotada de história, cultura, fauna e flora detalhados, embora nem sempre coerentes entre si (sobretudo se começarmos a contabilizar as contradições que vão surgindo à medida que as sequelas se vão acumulando). A superfície planetária, praticamente constituída pelo leito de mares há muito desaparecidos, está coberta de um musgo amarelado e é atravessada por um entrançado de canais, tais como imaginados pelo astrónomo Percival Lowell nos seus livros *Mars* (1895), *Mars and its Canals* (1906) e *Mars as the Abode of Life* (1908), mas como

Richard D. Mullen demonstrou exaustivamente<sup>(14)</sup>, tal facto não nos autoriza a considerar os trabalhos de Lowell, tremendamente populares à data, como influência determinante para o *worldbuilding* Burroughsiano. Pura e simplesmente, as rédeas da imaginação de Burroughs estão demasiado folgadas para que este consiga seguir um plano narrativo que vá além da necessidade de surpreender e encantar o leitor ao voltar de cada página. Em 1965, Richard Lupoff (*op.cit.*) propôs que o antepassado directo de *John Carter* se encontraria na novela *Lieut. Gullivar Jones: His Vacation*, de Edwin Arnold, publicada em Londres em 1905. A sua tese é, ainda hoje, controversa, mas como observado por Gary Hoppenstand<sup>(15)</sup>, a ser verdadeira, serviria apenas para sublinhar, não só a ponte, como a oposição entre a obra de Burroughs, mediada pela de Arnold, com o seminal *The Time Machine* (1895) de H. G. Wells. Bastante mais relevante, a meu ver, seria sublinhar a insuspeita identidade teleológica entre *John Carter* e *The War of the Worlds* (1898), daquele mesmo Wells. Com efeito, é na unidade temática destas duas obras tão díspares que podemos descobrir um valor acrescentado e surpreendente na fantasia marciana do criador de Tarzan.



“An attendant appeared bearing the body of the beautiful girl”



A Rainha La, da cidade perdida de Opar, prepara-se para sacrificar Tarzan, num claro caso de amante desprezada e vingativa. O universo de Burroughs tem tanto de violento como sensual, embora a sexualidade nunca consumada gere perigos acrescidos para os protagonistas. © Ilustração de Thomas Yates



Poster do filme THE LAND THAT TIME FORGOT/THE PEOPLE THAT TIME FORGOT, uma das três adaptações de Burroughs produzidas pela Amicus nos anos 70, todas com Doug MacClure no papel principal



Unidade temática essa que vai muito para além do mero ambiente marciano, remotamente inspirado na imagem popularizada por Lowell, para encontrar um ponto de contacto surpreendente no trabalho de um outro cientista, trabalho esse bem mais sólido, revolucionário e influente: refiro-me, claro, a Charles Darwin e ao seu fundamental *On the Origin of Species by Means of Natural Selection* (1859). Um e outro texto, de Wells e Burroughs, literalizam uma luta pela existência entre espécies em competição por recursos escassos num ambiente hostil. Mais do que isso, ambos colocam o conceito de evolução no cerne dos seus Martes imaginados, propondo novos fenótipos e estratégias evolutivas, e ambos deixam bem claro a ligação dos seus marcianos ao homo sapiens através dos mecanismos de um *potencial* desenvolvimento num ou noutro sentido. Quer para Wells, quer para Burroughs, a evolução é um processo natural e inevitável, isento de qualquer intervenção divina. O célebre e celebrado episódio do padre em *A Guerra dos Mundos*, é vividamente ecoado no desenlace narra-

tivo de *Gods of Mars* (1913) e *Warlord of Mars* (1914), obras que encerram com chave de ouro o núcleo duro da saga de John Carter de Marte, onde Burroughs revela o terror que se esconde sob o culto de Issus, uma das crenças fundamentais de Barsoom neste *John Carter*, cuja falsidade denuncia e a cuja destruição procede de forma inclemente<sup>(10)</sup>. O que separa essencialmente Wells de Burroughs é o meio literário em que ambos se inserem: de um lado, a longa tradição da cultura literária europeia; do outro a jovem América, ainda sem uma tradição de literatura cristalizada em torno de obras-primas como as de Melville, Hawthorne ou Poe. É a América das *pulps*, lidas avidamente por uma população recém-alfabetiza-

da, alheada das grandes preocupações político-filosóficas do seu tempo, mas ansiosa por estímulos e novidades. Mais do que isso, ansiosa por conhecer mais do fascinante desenvolvimento científico e tecnológico, corporizado na figura arquetípica da alma americana que é a do “inventor”, e que não só igualara, mas começava a deixar para trás a Europa. Num tal ambiente cultural, que melhor forma de divulgação das ideias mais contra-intuitivas do que as revistas populares? Burroughs conhecia demasiado bem o seu público, e fosse por falta de ambição, fosse por não lhe faltar visão, nunca procurou inserir-se nas correntes literárias do seu tempo, isolando-se da literatura dita séria, e continuando a pro-

[1] É essa a explicação avançada por Gabe Essoe no seu exaustivo “*Tarzan of the Movies*”, Citadel Press, New Jersey, 3ª edição, 1973.

[2] O melhor de todos, por exaustivo, será sem dúvida “*Master of Adventure: The Worlds of Edgar Rice Burroughs*” (1965, 2002), Bison Books, University of Nebraska Press.

[3] Mesmo num país como o nosso, com tão baixo grau de exigência.

[4] Artigo autobiográfico publicado na revista *Open Road* em 1949, e citado por Lupoff em “*Master of Adventure*” (v.n.3): “*I was not writing because of any urge to write nor for any particular love of writing. I was writing because I had a wife and two*

*babies... I loathed poverty... There is nothing honorable or fine about it...*”

[5] De acordo com Gabe Essoe (op.cit) este dado não se encontra confirmado.

[6] “*I wish you to know that I am fully aware of the attitude of many scholars and self-imagined literati toward that particular brand of deathless literature of which I am guilty*”, in Q.D. Leavis, “*Fiction and the Reading Public*”, 1932, citado por Brian Aldiss e David Wingrove em “*Trillion Year Spree*”, Gollancz, 1986, cap. VII.

[7] Opto por reter aqui o uso apresentado pelo OED, por me parecer mais acertado do que o que é apontado, por exemplo, pelo nosso Antó-

nio de Moraes Silva: “*Alegoria que mostra, sob aspectos fabulosos, os fenómenos naturais, factos históricos, tendências filosóficas*”.

[8] Thomas M. Disch, “*Mythology and Science Fiction*”, in *On SF*, The University of Michigan Press, 2005, p.22

[9] Nota autobiográfica de Burroughs, publicada na *Amazing Stories* em Junho de 1941, citada em Lupoff (op. cit), p.6-7

[10] Na versão publicada na *The All-Story*, sob o pseudónimo Norman Bean, o prefácio era assinado, naturalmente, “pelo editor” da revista.

[11] “*From the records of the Colonial Office (...)* we

duzir com invejável regularidade fantasias viciantes, executadas com uma inteligência insuspeita. Escreveu nas pulps até morrer, mesmo quando estas se tinham já transformado nas mais exigentes *Amazing e Astounding*, e após constituir a Edgar Rice Burroughs, Inc., ocupou-se ele próprio da publicação dos seus trabalhos.

A influência de Burroughs é quase impossível de abarcar, de tal forma se tornou omnipresente. Como a atmosfera que nos rodeia, faz-se sentir sem se mostrar, excepto quando iluminada pela fulgurante aurora boreal ou sacudida por tempestades inclementes. Dizer que Burroughs foi uma influência directa de autores tão distantes como Robert Heinlein, Michael Moorcock, Philip José Farmer ou Cordwainer Smith tem tanto de verdadeiro como de inútil. Afirmar que o próprio Superman, criado por Siegel e Schuster em 1938 foi buscar inspiração ao John Carter de Marte, cuja força física era exponencialmente multiplicada pela inferior gravidade marciana, permitindo-lhe saltar a alturas impressionantes e bater com a força de um camartelo, é tão evidente como redundante. A verdade, pura e simples, é que Edgar Rice Burroughs foi um dos mais influentes autores do século XX, não só a nível temático, mas pela forma como moldou o mercado editorial. Muito antes de George Lucas ter surpreendido meio mundo e as suas mascotes ao reservar-se os direitos de exploração de produtos associados ao seu projecto *Star Wars* (1977), já Burroughs se indignava quando o cheque que recebeu por “*Under the Moons of Mars*” trazer aposto o carimbo “*Por todos os direitos*”; insistiu repetidamente que apenas tinha cedido os direitos de primeira publicação em revista. A resposta dos editores não podia ser mais eloquente: “*que outros direitos é que há?*”<sup>(17)</sup>, que não só deixava antever o apurado senso comercial de Burroughs,



© Al Williamson. Williamson foi um dos famosos artistas de banda desenhada que trabalharam os textos de Burroughs. Outro nome de relevo foi Hal Foster, o célebre criador do Príncipe Valente.

como constitui precioso testemunho do beco sem saída que, em 1911, constituía o mundo das revistas *pulp*. E, no entanto, “*é às revistas pulp e à sua reconfiguração dos géneros ficcionais que devemos a versão actualmente dominante da ficção científica*”<sup>(18)</sup>, e é sem dúvida a Burroughs que devemos grande parte dessa reconfiguração.

Com efeito, o seu sucesso foi de tal monta que Sam Moskowitz, um dos primeiros historiadores desse campo, considerava (com alguma dose de exagero), que “*Burroughs inverteu completamente o sentido da ficção científica da profecia e da sociologia para a aventura romântica, tornando as pulps no principal mercado desse tipo de ficção, e tornando-se na maior influência no género até 1934*”<sup>(19)</sup>. Mike Ashley<sup>(20)</sup> o mais renomado especialista em revistas *pulp* concorda, considerando que a influência de Burroughs dominou a ficção *pulp* durante quarenta anos. A excelente receptividade das suas obras gerou uma vaga de imitadores, ansiosos por satisfazer o desejo do público, com duas consequências inespera-

das no panorama editorial: por um lado, obrigou as revistas *pulp* de ficção, que englobavam obras oriundas de todos os géneros, a começarem a especializar-se, como forma de melhor explorar o imediatismo entre a oferta e a procura; por outro lado, a competição entre revistas obrigou a uma revolução na ilustração, quer de capa, quer interior, abrindo as portas a um novo conceito de artista especializado na ficção científica e no fantástico. A identificação destes com as obras de Burroughs, particularmente, J. Allen St. John e Frank Frazetta, entre muitos outros, fazia com que fossem cobiçados por outros autores que assim procuravam cativar os leitores de Burroughs para as imitações das obras do Mestre, provocando renascimentos de interesse cíclicos pelo escritor, o criador de mitos, que queria apenas ser um homem normal... um Normal Bean.

A sua visão de Marte, que geraria aqueles outros Martes míticos de Ray Bradbury, Leigh Brackett, Robert Heinlein ou S.M. Stirling, adquiriu com o tempo o estatuto de verdadeira geografia do inconsciente colectivo americano. Quando Kim Stanley Robinson publicou a sua brilhante trilogia sobre a terraformação de Marte (*Red Mars, Green Mars e Blue Mars*, respectivamente em 1992, 1993 e 1996), os títulos escolhidos não só representavam as fases do processo de humanização do ambiente hostil Marciano, como repetiam as cores das raças Marcianas de Burroughs que, além do mais, dava nome à capital do novo planeta habitável. De tal forma que Gary Westfahl<sup>(21)</sup>, proeminente crítico literário, considerou que o próprio processo de terraformação revelava o desejo de Robinson e de outros autores contemporâneos (como Ben Bova ou Stephen Baxter) lograrem construir o Marte luxuriante que brotou da imaginação de Burroughs.

*learn that a certain young English nobleman, whom we shall call John Clayton, Lord Greystoke (...), Tarzan of the Apes*, p.1-2 da edição da Ballantine de 1990. [12] “(...) *They are living in Boston now in a wonderful home that you have seen if you ever have been to Boston and been driven about in one of those great sight-seeing motor busses. For the place is pointed out to all visitors because of the beauty of its architecture and the fame that attaches to the historic and aristocratic name of its owner, which, as it happens, is not Smith-Jones at all!*” *The Cave Girl* (1925), citado em Lupoff (*op.cit.*), p.39-40.

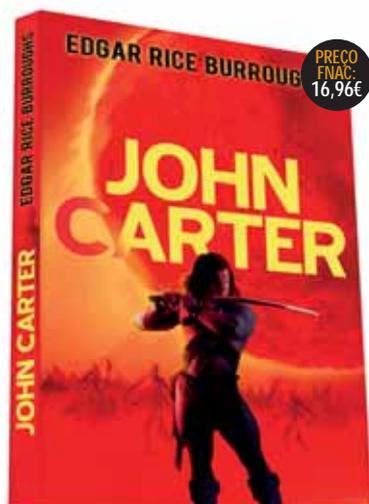
[13] É curioso notar, ainda que, tanto quanto nos é possível apurar, não passe de mera coincidência, que são abundantes a ligações circunstanciais

entre a ficção de Burroughs e Portugal. Não só o verde e o vermelho são as cores da bandeira nacional que acabara de ser adoptada – não esquecer que Burroughs escreveu *John Carter* no segundo semestre de 1911, como Burroughs coloca expressamente o local de nascimento de Tarzan “*a cerca de 10 graus de latitude sul*” (*Tarzan of the Apes*, p.160 da edição da Ballantine de 1990) na costa ocidental africana, ou seja, em Angola, na altura uma colónia portuguesa. Por outro lado, uma das últimas aventuras de Tarzan que Burroughs escreveu, *Tarzan and the Madman*, escrita em 1940 mas publicada apenas postumamente, em 1964, lida com uma cidade perdida, um

domínio feudal português, perdido no coração da selva, que dá pelo nome de Aemtejo e que é povoado pelos descendentes dos da Gama. O que torna ainda mais irónico que Burroughs seja tão pouco conhecido entre o público leitor luso, que regra geral entra em paroxismos patrióticos a qualquer menção do nome pátrio além-fronteiras. Tanto mais que, em *The Moon Maid* (1926), o feriado nacional do dez de Junho aparece como o Dia de Marte, por ter sido nesse dia que a Terra foi pela primeira vez contactada por John Carter, agora Imperador de Marte (após *Warlord of Mars*, 1914). Dizem que uma vez é um facto, duas, uma coincidência, três, uma regra. Ao leitor, decidir...

# JOHN CARTER

V. POR CÁ, COMO SEMPRE...



Quando John Carter da Virgínia, perseguido por um grupo sanguinário de Apaches, se refugia numa caverna do Arizona, acaba por abrir as portas de um universo de ação e aventuras sem igual. Subitamente transportado para um Marte habitado por exóticas princesas, temíveis guerreiros e as mais ferozes feras que a imaginação pode conceber, Carter dispõe apenas da sua honra e coragem para sobreviver num planeta decadente e hostil.

Em *John Carter*, Edgar Rice Burroughs, criador do imortal Tarzan, constrói um mito da era moderna que marcou de forma indelével gerações de leitores e influenciou as obras de incontáveis criadores. Publicado agora pela primeira vez em Portugal numa edição comemorativa do seu centenário, com introdução contextualizada do crítico literário João Seixas, é a oportunidade única de conhecer pela primeira vez um clássico intemporal.

**GÉNERO:**  
*Ficção Científica*  
**TRADUTOR:**  
*João Seixas*  
**FORMATO:**  
*16 x 23 cm*

Apesar da sua enorme influência a nível mundial, do verdadeiro impacto transformador no mercado literário, no conteúdo temático e na imaginação popular, em Portugal, onde apenas um par de volumes das Aventuras de Tarzan viu a luz do dia nos anos cinquenta, juntamente com uma novelização do filme *Tarzan and the Slave Girl*, de 1950, levada a cabo por Luís Anselmo, e profusamente ilustrado por Carlos Alberto, que assinaria também as capas da posterior publicação da série de livros de Tarzan da *Portugal Press* em princípios dos anos 80, permanece quase desconhecido, quando não relegado ao estatuto de autor ilegível, destinado apenas a crianças ou adolescentes. Ah, mas é aí, quando crianças e adolescentes, que somos fisgados para o mundo das ideias. É aí que os mitos modernos criados por Burroughs e pelos autores de literatura fantástica que o precederam e que o seguiram, servem de modelo e molde da personalidade ainda maleável. Todas as crianças, num ou outro momento, quiseram ser bombeiros ou polícias. Não é por imitação dos pais, não é por imitação da vida pouco glamorosa de uns e outros. Não; é pelo fascínio das sirenes, pela vertigem da marcha de urgência que compacta em breves instantes de tensão e adrenalina, todo o significado da existência. Crescendo, ninguém aspirará a ser John Carter, ou a viver em Marte, mas o modelo, a aspiração a sermos maiores que nós próprios, a transcendermos a força das circunstâncias, que se encontra corporizado em John Carter e no interminável exército de outros heróis de peito feito e queixo quadrado, não será nunca suplantado pelos aforismos delicados

e vácuos dos nossos literatos urbano-depressivos. Para mim foi um prazer incrível poder traduzir a primeira edição portuguesa deste *John Carter*, cem anos depois da sua publicação original. Burroughs afirmou certa vez que ao escrever se limitava a passar para o papel as histórias que costumava contar a si próprio antes de adormecer. Histórias certamente nascidas da responsabilidade de criar uma família no penoso arrastar por um trilho de fracassos profissionais. Talvez por isso, ou talvez por sempre ter mantido um espírito jovem e jovial, por muito cliché que tal possa soar, as histórias de Burroughs encontraram um eco bem fundo na imaginação de milhões de leitores ao longo de quatro gerações. O leitor português tem agora uma oportunidade única na vida, mercê do nosso deserto editorial – a de contactar, literalmente pela primeira vez, com uma das obras mais importantes da fantasia científica. Por instantes, seja por nostalgia ou curiosidade, poderá talvez experimentar o que os primeiros leitores de Burroughs experimentaram em 1912.

Edgar Rice Burroughs, ex-militar, criador de mitos por excelência, foi o mais velho correspondente de guerra no teatro do Pacífico depois do ataque a Pearl Harbor em Dezembro de 1941, que testemunhou em directo. Faleceu a 19 de Março de 1950, na sua cama, enquanto lia as páginas de banda desenhada no jornal.

**BANG!**



João Seixas nasceu em Viana do Castelo em 1970. Licenciado em Direito e advogado, é também crítico na área do fantástico na revista "Meus Livros" e publicou contos e ensaios em diversos suplementos, revistas e antologias.

[14] "The Undisciplined Imagination: Edgar Rice Burroughs and Lowellian Mars", in Thomas D. Clareson, *SF: The Other Side of Realism*, Popular Press, 1971.

[15] Posfácio à edição da Bison, de 2003

[16] Relativamente a esse aspecto, Nicholas Birns, em "Barsoom Bonanza", uma recensão publicada na *Science Fiction Studies*, v33, n°98, Março de 2006, observa de forma pertinente que "There is an Enlightenment aspect to the early Martian Books. John Carter may be an agent of progress, as the Western colonizers of Africa claimed to be; but rather than bring a new religion to replace the old, he, in effect, rids Mars of religion altogether"

[17] Gabe Essoe, *op.cit.*, p.3

[18] "It is to the pulp magazines and their reconfiguration of fictional genres that we owe the dominant version of sf". John Rieder, "Fiction, 1895-1926", em *The Routledge Companion to Science Fiction*, Edited by Bould, Butler, Roberts & Vint, 2009, p.31

[19] "Under the Moons of Mars: A History and Anthology of "The Scientific Romance" in the Munsey Magazines, 1912-1920" (1970), ênfase no original.

[20] "The Time Machines: the Story of the Science Fiction Pulp Magazines from the Beginning to 1950" (Liverpool: Liverpool University Press 2000)

[21] "Reading Mars: Changing Images of Mars in Twentieth-Century Science Fiction." *New York Review of Science Fiction*, Dezembro de 2000

# Cabeças vão rolar.

Drizzt, o elfo mais temido da fantasia, está de volta.



O seu nome inspira coragem nos aventureiros e terror nos vilões... Drizzt: venha descobrir a lenda do elfo mais temido da literatura fantástica. Invencível em batalha, inabalável na amizade.

## TRILOGIA DAS PLANÍCIES GELADAS



 SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina

EXCERTOS PARA LEITURA  
EM SAIDADEEMERGENCIA.COM



1. Black Sabbath

# A (VERDADEIRA) MÚSICA DO DIABO

*Satan: Remember: Lie, cheat, steal,  
and listen to heavy metal music!*  
*Bart: Yes, sir!*

The Simpsons, segunda temporada,  
episódio 10 "Bart gets hit by a car"

A partir da década de 80, foi-se verificando uma cada vez maior associação do filme de terror à música *heavy metal*, atingindo nos nossos dias o estatuto de lugar-comum aceite por todos - pelos pró, contra e pela generalidade da cultura popular. É certo que o *metal* tem vindo a formar uma comunidade à parte do universo musical *mainstream*, e constitui-se hoje como mercado paralelo com muitos festivais dedicados exclusivamente ao género ou grandes produções como o *franchise* "Rock in Rio", sempre com um dia dedicado ao *metal*. Parece haver também uma tendência de contaminação inversa entre música e cinema: se os filmes ajudaram a moldar este género musical, actualmente são muitos os jovens cineastas que adornam sequências de violência com este estilo musical para intensificar a adrenalina. Ora, é exactamente o contraste entre o que se vê e o que se ouve que faz uma sequência atingir níveis de perturbação muito mais intensos. Estou em crer que esta associação não favorece nenhuma das partes. Propunha então uma viagem por esta história conjunta de associações e contaminações entre filmes de terror e música popular, mas pelo prisma mais abrangente. Se "a maior astúcia do Diabo é convencer-nos que não existe", tentemos então descobrir por onde se andou a esconder.

## No princípio era o blues...

Os filmes de terror e a música popular (o *rock*) sempre compartilharam afinidades: foram ambos associados à figura do diabo, que corrompe a juventude e materializam os piores pesadelos das instituições paternas (família, escola e igreja). O primeiro estilo musical popular a ser denominado “música do Diabo” (precursor do *rock*) foi o *blues*, e o seu intérprete maior chamou-se Robert Johnson, o mais mítico músico provindo dos campos de algodão do Delta do Mississípi. Recusando o trabalho árduo de escravo e a Igreja como salvaguarda do sacrifício terreno, o músico de *blues* agarra os prazeres terrenos de “alma e coração”. Bebidas, mulheres e uma vida sempre em fuga tornaram-se as características básicas para qualquer aspirante a *bluesman*. Ninguém mais do que Robert Johnson viveu na plenitude este ideal. Reza a lenda que Johnson era um músico banal que de um dia para o outro surgiu transfigurado num virtuoso. A explicação para esta transformação reside, segundo uma lenda, num mito faustiano. Já passava da meia-noite quando Johnson sentado num cruzamento ter-se-á cruzado com um grande homem negro (o Diabo) que lhe terá afinado a guitarra, tocado umas canções e devolvido o instrumento juntamente com a mestria para o tocar. Johnson terá morrido com pouco mais de vinte anos, envenenado por um marido ciumento, conhecendo-se apenas duas fotos suas, elementos que adensam a sua lenda. Da sua fugaz carreira, os títulos que se destacam são exactamente aqueles em que relata na primeira pessoa a sua relação com o Diabo, figura que responsabiliza por todos os actos que lhe trazem remorsos, como em “Me and the Devil Blues” – “*Me and the Devil, ooh / was walkin’ side by side / And I’m goin’ to beat my woman / until I get satisfied*”. Através da sua música, Johnson criaria mesmo um bestiário profundamente enraizado na simbologia cristã, assim o canta em “Hellhound on my Trail” – “*I got to keep moving / Blues falling down like hail / And the day keeps on remindin’ me, there’s a hellhound on my trail*”.

Johnson foi o *bluesman* que mais “abraçou” o Diabo e a sua simbologia, mas outros músicos, alguns deles seus mestres, revelaram nas suas composições uma presciência capaz de encrespar o cabelo do mais incauto ouvinte, como são os casos de Charlie Patton e Blind Lemon Jefferson. Patton cantava já em fim de carreira (e vida) “Oh Death” – “*It was soon one morning, oh, Lordy, when death come in the room / Oh, hush, somebody’s calling me / Lord, I know, Lord, I know my time ain’t long*”; enquanto Jeff-



2. Screamin’ Jay Hawkins



3

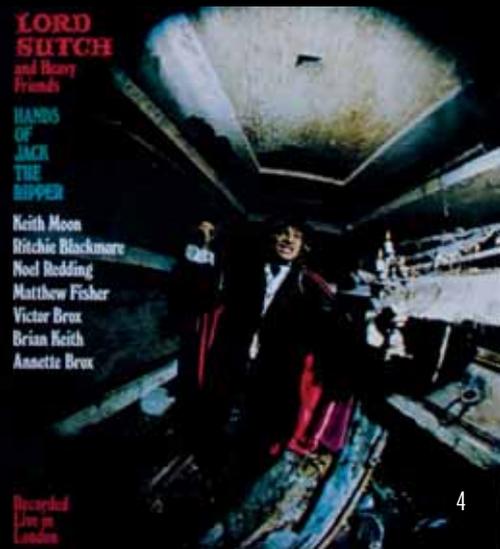
3. Robert Johnson  
© 1989 Delta Haze Corporation

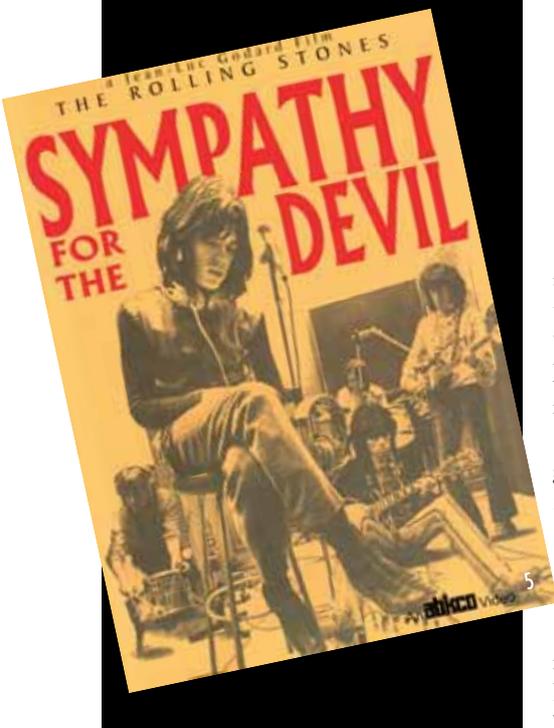
4. Capa do álbum “Hands of Jack The Ripper” de Lord Sutch and Heavy Friends

## A “British Invasion”

Esquecidos durante décadas, estes músicos foram redescobertos no pós-2ª Grande Guerra num movimento que iria provocar um interesse renovado pela música *folk*, que daria a conhecer ao mundo Bob Dylan por exemplo. Mas foi no Reino Unido que a música dos descendentes de escravos afro-americanos provocaria uma inesperada ressonância nos ouvidos dos filhos da classe operária britânica, e seria através de jovens músicos como Mick Jagger, Brian Jones, Keith Richards, Eric Clapton ou Jimmy Page, acólitos de Robert Johnson, que o mito do supremo virtuoso e da simbologia pagã, manifestada através de uma vida de excessos, seria perpetuado.

Mas antes da consolidação das bandas britânicas além-fronteiras, há um nome a destacar da galeria de artistas que misturavam *rock* com terror, numa altura em que os filmes da Hammer estavam no pico da sua popularidade e antes de Alice Cooper





se tornar famoso pelos seus concertos *grandignolescos*, havia Screamin' Lord Sutch, o primeiro músico *rock* em Inglaterra a deixar o cabelo crescer e a usar maquilhagem para ficar parecido com a personagem de Lon Chaney em "London After Midnight". O seu repertório era composto por standards de *rock* gravados com efeitos sonoros dignos de filmes de terror série B, da responsabilidade do produtor Joe Meek. Ora se Lord Sutch era o Jay Hawkins britânico então Meek era o mais próximo de Phil Spector em terras de sua majestade. Tornar-se-ia conhecido pelo uso de instrumentos habitualmente associados a filmes de género, como o *theremin* nos filmes de discos voadores - este hábito advinha do seu interesse pelo oculto e sobrenatural. Estas incursões dariam a Meek e às bandas que produziu alguns êxitos populares, e se o seu nome não é hoje lembrado como o de Spector, isso deve-se aos seus demónios internos que o levariam ao suicídio, após ter morto a sua senhoria com uma arma. Para as gravações que fez com Lord Sutch, Meek empregaria músicos em início de carreira como eram os casos de Jimmy Page, John Bonham, Keith Moon ou Jeff Beck.

No comando desta *British Invasion* (foram os britânicos que devolveram o *rock* às suas origens norte-americanas) estavam os Beatles, logo seguidos pelos Rolling Stones. Já voltaremos aos primeiros, debruçemo-nos por agora nos últimos. Depois de atingido o sucesso de vendas, o guitarrista Brian Jones (à altura o líder da banda) quis levar mais longe a sua devoção ao blues primitivo, ressuscitando a sua relação 'amorosa' com a figura do príncipe das trevas. O primeiro passo para isso foi

a decisão de chamar ao álbum que constituía a resposta dos Stones a "Sgt. Pepper", "Their Satanic Majesties Request". A polémica, no entanto, surgiria com a primeira faixa de "Beggars Banquet", álbum de 1968, um dos temas mais populares do grupo, "Sympathy for the Devil". A letra foi escrita por Jagger para ser cantada na primeira pessoa, e em vez de criar uma figura mitológica que o acompanha de perto como faziam os *bluesmen*, Jagger leva o conceito mais além, personalizando o mal. Aqui o narrador é o próprio Lúcifer. Para acompanhar este relato, foram descobrir nas batidas do Candumblé brasileiro o ritmo adequado, que oferece à faixa uma atmosfera pagã como se se tratasse de uma cerimónia *vodoo*. Jagger prossegue, oferecendo a sua voz ao demónio, para que este nos descreva a sua participação na história da humanidade. Descobrimos que o Diabo tem estado presente desde os tempos de Cristo ("And I was round when Jesus Christ/Had his moment of doubt and pain/Made damn sure that Pilate/Washed his hands and sealed his fate"), na revolução russa ("stuck around St. Petersburg /When I saw it was a time for a change/Killed the czar and his ministers /Anastasia screamed in vain"), na II Guerra Mundial ("I rode a tank/Held a general's rank/When the blitzkrieg raged /And the bodies stank") e até no assassinato de John F. Kennedy ("I shouted out/Who killed the Kennedys?/When after all/It was you and me"). E depois de descrever a sua epopeia, Lúcifer pede respeito a quem se cruzar com ele de uma forma muito particular - "So if you meet me /Have some courtesy/Have some sympathy, and some taste/Use all your well-learned politesse/Or I'll lay your soul to waste". A imagem hiperssexualizada da banda provocou o pânico entre a sociedade conservadora britânica e os *media* não tardaram a difundir rumores de ligações da banda a cultos satânicos. São famosas as histórias acerca de pactos mefistofélicos para eliminar Brian Jones da banda ou de "Sympathy for

5. Capa do documentário "One Plus One", popularmente conhecido como "Sympathy for the Devil", música dos Rolling Stones

6. Capa do álbum "Yesterday and Today" dos The Beatles

7. Poster do filme "Night of the Living Dead" de George Romero

8. Poster do filme "Rosemary's Baby" de Roman Polanski

9. Aleister Crowley

10. Poster da música "Stairway to Heaven" dos Led Zeppelin

the Devil" estar a ser tocada no momento em que um jovem afro-americano é assassinado por um membro do gang "Hell's Angels", no tristemente famoso concerto em Altamont.

Este concerto seria um dos momentos decisivos para o enterro da Contra-Revolução cultural em finais da década de 60. Outro momento para este despertar brutal envolve inadvertidamente a banda mais importante da história do *rock*. Charles Manson era um jovem aspirante a músico com uma tendência forte para desequilíbrios emocionais e paranóia. Manson convence-se (e a outros) de que vai irromper uma guerra apocalíptica nascida das tensões raciais entre brancos e negros nos EUA, e que os últimos vencerão. A única solução seria construir um abrigo subterrâneo no deserto do Nevada para alojar quem se quisesse juntar à causa; depois restaria apenas esperar que os negros se auto-

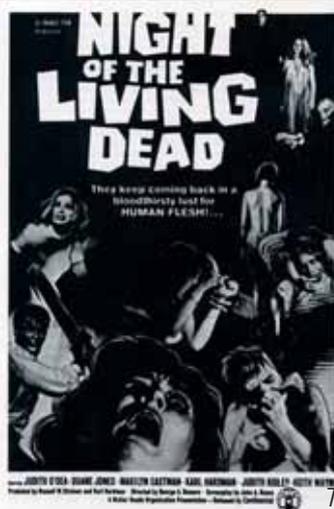


destruísem - como era de esperar, acreditava o auto-proclamado guru - para voltar à superfície e reconstruir tudo de novo. Isto foi o que Manson ouviu cantado no “White Album” dos Fab Four. A sua paranóia levou o conceito de *beatlemania* a patamares nunca imaginados; estava convencido de que os Beatles não eram apenas a melhor banda do mundo mas autênticos cavaleiros do apocalipse, e ouviu em canções como “Revolution”, “Happiness is a Warm Gun”, “Piggies” ou “Blackbird” as directrizes do seu próprio evangelho. Nas paredes da casa do casal Roman Polanski/Sharon Tate (assassinada pela “família” de Manson) estava escrito a sangue “Helter Skelter”, designação do conflito e também o título de uma das canções malditas do álbum branco. O assassinato de Tate ocorreu quando Polanski acabara de rodar o clássico “Rosemary’s Baby” em que Mia Farrow fica grávida do Diabo, o que trouxe o satanismo de volta às manchetes.

Tanto “Beggars Banquet” como “White Album” foram editados em 1968, o mesmo ano em que os Doors cantavam em “Unknown soldier” – “*Unborn living, living dead/Bullet strikes the helmet’s head*” – com direito à simulação áudio de uma execução, tal como Blind Lemon Jefferson o havia feito com os sinos da Igreja em dia de enterro, e ao vivo nas performances físicas de Jim Morrison ecoava a teatralidade dos primeiros *bluesmen*. Os “*living dead*” a que Morrison se refere chegariam, nesse mesmo ano, ao grande ecrã pela primeira vez, através de um modesto filme chamado “Night of the Living Dead”, realizado por George Romero. Tanto os mortos vivos a que o filme alude como aqueles de que fala a canção são os que aguardavam destacamento para combaterem no Vietname do Norte.

## O metal eclesiástico

Foi por esta altura que nasceram em Inglaterra as duas bandas fundadoras do *heavy metal*, os Led Zeppelin e os Black Sabbath, nas quais temos já presentes pistas para a apropriação das estéticas e temáticas do filme de terror, para sempre associados ao género musical. O som de ambas as bandas era um blues eléctrico e distorcido cujas sementes haviam sido deixadas por Jimi Hendrix. A diferença residia no som mais pesado e grave dos Sabbath que advinha do facto de o guitarrista Tommy Iommi tocar com duas próteses de metal nos dedos que perdera num acidente de trabalho. Ao *blues*, os Zeppelin iriam acrescentar a *folk* mística britânica e a omnipresença das ideias do mago Alesteir Crowley nas suas letras. Jimmy Page é um devoto do oculto e em particular da figura de Crowley, que a sociedade da sua época via como o Diabo em pessoa. Page considerava-o uma figura incompreendida e a sua admiração era levada a sério através da colecção de artigos pertencentes a Crowley, e até a compra de uma mansão que este ocupara nas margens do rio Loch Ness, onde realizava os seus rituais libertinos (diz-se que foi depois de Crowley ter abandonado a casa que começaram os avistamentos do famoso monstro). O guitarrista dos Zeppelin, ex-proprietário de uma editora de livros sobre o oculto, transportou para a imagem da banda algumas das suas obsessões a partir do quarto álbum, cujo título era representado por quatro símbolos pagãos que representavam os membros da banda. Para si,



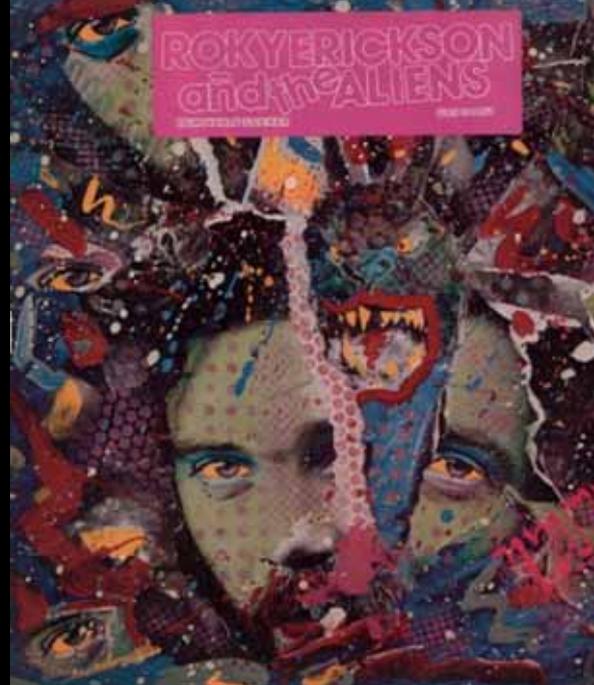
reservou um símbolo de significado muito pessoal, o que levou muitos a pensarem tratar-se de uma variação do tradicional 666, símbolo da besta. A partir deste álbum nunca mais se olhou para os Zeppelin da mesma maneira, em todas as suas canções se procuraram provas dos ensinamentos de Crowley, sendo a canção “Stairway to Heaven” a que reúne mais teorias.

Mudemos de cenário da chique Londres para a cinzenta Birmingham que deu ao mundo os Black Sabbath. O grande mentor da banda era o baixista Geezer Butler, fã do oculto e de filmes de terror, que ao ouvir o novo som que saía da guitarra de Tommy Iommi pós-acidente, percebeu que não podiam continuar a ter aspirações a serem uma grande banda de *blues*. Surgiu-lhe então a ideia de criar um estilo musical que provocasse no ouvinte o mesmo efeito que provocava o filme de terror no espectador. Para começar, adoptam o nome de um filme de terror clássico de Mario Bava - “I Tre volti della paura”, cujo título em inglês era “Black Sabbath” – e gravam um álbum de estreia auto-intitulado, cuja primeira faixa (também auto-intitulada) não deixava dúvidas acerca das suas intenções. Tudo começa pelo som de uma trovoadas e de sinos de igreja; seguem-se aqueles acordes repetitivos fortíssimos e a bateria à beira da destruição; a seguir, a voz em tom de aviso de Ozzy Osbourne anuncia-nos quem mais está presente connosco - “*What is this that stands before me?/Figure in black which points at me*” – e para que não restem dúvidas – “*Satan’s sitting there, he’s smiling/Watches those flames get higher and higher*”. Em tom de desespero, Osbourne grita: “*Oh no, no, please God help me*”. E é neste (chamemos-lhe) refrão, que encontramos a razão para o lendário crítico de rock Lester Bangs considerar os Sabbath a banda mais católica do rock. As letras das suas canções eram directamente inspiradas nos evangelhos da Igreja Católica e em vez de abrirem os braços ao Diabo, os Sabbath limitam-se a constatar a sua vinda sob um olhar distante, moralista e misericordioso. Assim, desta forma, os Sabbath tornam-se nos melhores aliados da Igreja da mesma forma que filmes como “O

11. Capa do álbum "Nursery Cryme" dos Genesis

12. Capa do álbum "The Evil One" de Roky Erikson and The Aliens

13. Diamanda Galás



Exorcista”, ao demonstrarem que o mal possui um som e uma imagem e, ao mesmo tempo, legítima a existência do bem como oposição do mal. Assim nasceu o *heavy metal* e esta é uma cruz que os seus praticantes carregaram - os processos movidos ao próprio Osbourne e aos Judas Priest pelos pais de jovens que se suicidaram, porque os álbuns destes músicos, tocados ao contrário, lhes disseram para o fazer - e ainda hoje carregam - como o circo mediático que muito recentemente rodeava Marilyn Manson.

### Sinfonia fantástica

Longe do diabo e do *blues* norte-americano, surgiu também por esta altura um estilo musical que ficou conhecido por *rock* progressivo e que se caracterizava por longas e épicas faixas instrumentais dotadas de vários andamentos (tal como uma sinfonia) acerca de figuras lendárias provenientes do folclore britânico - resumindo, rock tocado por estudantes de arte. Entre os diversos conjuntos que surgiram, um destacou-se pela sua originalidade, os Genesis da era Peter Gabriel. Se Tony Banks (teclista) compunha a maioria da música, era da mente de Gabriel que surgiam as histórias que ilustravam a paisagem sonora. O design artístico de todos os materiais promocionais era muito trabalhado pelas bandas de *prog rock*, a diferença reside no facto dos Genesis terem levado estes conceitos onde mais ninguém levou. Para além de possuir uma bizarra imaginação muito rica em imagens surreais, Gabriel desenvolvia em palco os temas que apresentava em canção, desmultiplicando-se em fatos e adereços que davam uma cara e um corpo às personagens que criava. O macabro estava muito presente na imagética do grupo e o primeiro sinal disso é a capa do segundo álbum, "Nursery Cryme", que consiste numa gravura que mostra uma criança vitoriana a jogar críquete com cabeças de bebés no lugar de bolas; no seu interior as letras revelam universos onde co-existem caixas de música que convocam espíritos ("The Musical Box") ou criaturas botânicas que planeiam dizimar a humanidade ("The Return of the Giant Hogweed"). Mas, para além das letras, as capas dos velhos LPs continham também pequenos contos escritos por Gabriel, como é o caso do álbum-concerto "Genesis Live", que contém a descrição de uma senhora que despe a roupa e, de seguida, a pele.

Este conto chamaria a atenção do realizador norte-americano William Friedkin que contactou Gabriel para juntos desenvolverem ideias visuais para filmes (pouco tempo antes de realizar "O Exorcista"). A colaboração durou pouco tempo devido a problemas pessoais de Gabriel que voltou para os Genesis para realizar o seu grande *opus*. "The Lamb Lies Down on Broadway". Os conceitos visuais utilizados para promover o álbum ao vivo foram os mais ambiciosos de sempre e incluíam um fato para ilustrar a canção "The Colony of Slippermen" que consistia numa criatura pegajosa com sacos escrotais que enchiam e esvaziavam - o conceito era tão extravagante que Gabriel mal conseguia cantar dentro deste disfarce. Os Genesis tocaram este concerto em Portugal no ano de 1975, no primeiro concerto de uma banda internacional após o 25 de Abril.

### O elevador fora de serviço

A década anterior havia deixado algumas marcas e nenhum artista as carrega mais que um dos seus heróis esquecidos, Roky Eriksson dos "malditos" 13th Floor Elevators. Esta banda formada em Austin em 1965, tornou-se famosa localmente pelo seu rock psicadélico e pelo apoio à utilização de drogas alucinogénias, opções que os tornaram bastante populares junto das forças da autoridade texanas. À primeira oportunidade, Eriksson foi detido com apenas um cigarro de erva, conduzindo ao fim prematuro da banda. Levado a tribunal, declarou insanidade, pensando que conseguiria evitar as pesadas penas no Estado do Texas por posse de droga, acabando por ser internado no hospital psiquiátrico para criminosos com perturbações mentais. Quando lá chegou foi-lhe detectada uma esquizofrenia paranóica, condição que o levaria a uma terapia à base de choques eléctricos e Torazina. Três anos depois, não é difícil imaginar o estado em que Eriksson terá ficado, mas o que é certo é que já não era a mesma pessoa que influenciou a carreira de outras bandas texanas como os ZZ Top ou os Butthole Surfers. O novo Eriksson, no entanto, conseguiu formar uma banda - Roky Erikson & the Aliens - e continuar a tocar. Numa entrevista declarou ter criado um novo estilo musical denominado Horror Rock, algo encomendado pelo demónio e pelo extraterrestre que agora habitam no seu corpo, conceito que queria manter em segredo recendo plágio. As suas canções tinham agora temáticas provenientes de filmes de terror e títulos como "I Walked with a Zombie", "Night of the Vampire" ou "Creature with the Atom Brain", esta última



referente àquilo que Erikson dizia sentir na sua própria cabeça. Para quem desejar saber o desfecho desta história, é indispensável o visionamento do documentário sobre Erikson “You’re Gonna Miss Me”.

Enquanto o *punk* britânico virou as costas ao diabo e optou por uma aproximação mais literal aos temas das canções, o *punk* novaiorquino abraçou os filmes de terror como os seus antecessores abraçaram os livros de magia e oculto. A primeira banda que incorporou uma atitude “Taxi Driver” na sua música foi o duo electrónico Suicide, nome retirado de uma BD de “Ghost Rider”. Com um som concentrado na batida minimalista e perfurante das caixas de ritmo de Martin Rev e na performance vocal *rockabilly* de Alan Vega, este foi um dos grupos mais originais de todo o movimento. No álbum de estreia, os Suicide apresentam uma das experiências auditivas mais arrepiantes da história do *rock*, chamada “Frankie Teardrop”. Trata-se da triste balada de um veterano da guerra do Vietname, um pouco à semelhança da personagem de Robert de Niro no clássico de Scorsese, que luta pela sobrevivência no regresso a casa. A vida não lhe sorri e o seu emprego na fábrica das 7 às 5 não lhe permite ter dinheiro suficiente para alimentar a mulher e o filho, e após ser despedido resolve pôr em prática medidas drásticas – “*frankie is so desperate/ he’s gonna kill his wife and kid*”. A canção, com apenas a batida característica da banda por fundo, é cantada por Vega em crescendo, disparando na cabeça do ouvinte imagens bastante incómodas – “*frankie picked up a gun/ point it a six-month old kid in a crib/ oh frankie*” – que culminam no som de disparos e nos gritos lancinantes de Vega, que quase obrigam a parar o disco – “*oh what have i done?!/ my tears for frankie/frankie teardrop*”. Mais uma vez a sombra do *blues* paira sobre a canção para a qual a melhor descrição foi oferecida pelo escritor Nick Hornby: para ouvir uma vez só.

Outros músicos novaiorquinos se destacaram nesta galeria de monstruosidades sonoras. Os Cramps criaram um estilo que apelidaram de horror blues e que se caracteriza pela fusão do *rock* primitivo (ou *blues* eléctrico) com o universo dos filmes de terror e *sci-fi* dos anos 50. Liderados pelo casal Lux Interior e Poison Ivy Roschach, aliam a sua imagem de marca, a de zombies sexuais glamorosos, a canções despidas de grandes produções com títulos como “Zombie Dance” e “I Was a Teenage Werewolf”.

Enquanto os Cramps se posicionavam como divulgadores alternativos de cultura *rockabilly*, a greco-americana Diamanda Galás queria mesmo meter medo. Ligada ao movimento musical *avant garde* da cidade, o seu trabalho começou a radicalizar o seu discurso a partir do momento em que se tornou uma activista na luta contra a sida. O seu primeiro trabalho “Litanies of satan” deu a conhecer ao mundo uma voz única com um alcance de quatro oitavas, que só encontra paralelo na voz de *bluesmen* como Howlin’ Wolf ou Screamin’ Jay Hawkins (de quem gravou uma versão de “I Put a spell on You”). As potencialidades da sua voz extraordinária chamaram a atenção de alguns cineastas sendo utilizada

para sonorizar os mortos em “The Serpent and the Rainbow” de Wes Craven, ou as noivas vampiras em “Dracula” de Coppola; cedeu ainda uma canção para “Lord of Illusions” de Clive Barker e colaborou com o cineasta “satânico” Kenneth Anger. Ferozmente anticlerical, Galás convocava as imagens do inferno associadas à iconografia cristã para criticar a posição da Igreja em relação à doença. Particularmente difícil de escutar sem arrepiar o dedo mindinho do pé é o álbum ao vivo intitulado “Plague Mass”, gravado num concerto dado numa catedral da cidade. Na capa do álbum vemos como Diamanda Galás se apresentou em palco - de tronco nú e coberta de sangue. Assim que colocamos o disco escutamos, naquela acústica própria de cerimónias religiosas, a sua voz a anunciar “There are no More Tickets to the Funeral”. O desfile de litanias prossegue atingindo o auge em “Sono l’Anticristo”, em que se ouve uma voz semelhante à de uma bruxa possessa a conduzir uma missa negra. Aguentar sozinho esta faixa é tarefa de verdadeiros valentes, porque ao contrário dos Cramps, Diamanda Galás não brinca. Outra banda que não brinca com coisas sérias são os Swans de Michael Gira. Os seus primeiros álbuns são igualmente experiências difíceis de suportar integralmente, não por serem más mas pelos universos perturbantes que reúnem. São canções construídas num único *riff*, tocado quase *ad eternum* até criar um efeito hipnótico, sob o qual Gira balbucia letras mórbidas e violentas inspiradas em Genet e Sade. Não se trata de música para confortar quem a ouve mas antes para produzir uma reacção física imprevisível. Títulos sugestivos como “Raping a slave” ou “Young God” cantada do ponto-de-vista do *serial killer* Ed Gein - cuja história deu origem a três clássicos de terror: “Psycho”, “The Texas Chainsaw Massacre” e “Silence of the Lambs” – e as performances confrontantes ao vivo, que incluíam auto-flagelações, ajudaram à criação de uma aura misteriosa em torno desta banda.

## O Diabo nos antípodas

**D**o outro lado do mundo, mais precisamente em Melbourne, formou-se uma banda com semelhanças intencões, chamavam-se inocentemente The Birthday Party e eram liderados pelo jovem Nick Cave. O seu som incorporava elementos de *punk*, *rockabilly*, *free jazz* e *blues* rural mas estava para além de qualquer categorização. A música era abrasiva, frenética, minimalista, e as letras expressionistas de Cave, gritadas com sofreguidão. Os Birthday Party navegavam por mares revoltos e por isso capazes de proporcionar alguma náusea a quem se sentasse a ouvi-los. E quando a personagem ameaçadora de Cave se tornou maior que o grupo, dissolveu os Birthday Party, penteou-se, vestiu um fato preto e transfigurou-se num cronista tipo Johnny Cash, com os Bad Seeds. O ponto alto desta carreira, que nunca apontou ao pódio da indústria, chegou com um álbum de baladas acerca de crimes passionais intitulado “Murder Ballads”. Dez canções sobre amores turbulentos que terminaram em homicídio, sendo o ponto alto a reinterpretação de Cave do canção tradicional “Stagger Lee” bastante popular pelas plantações do rio Mississípi. Era uma canção do repertório de muitos *bluesmen* e narra um episódio na vida do assassino afro-americano de mesmo nome que, na versão de Cave é ilustrada com descrições requintadas como “*She saw the barkeep, said, “O God, he can’t be dead!”/Stag said, “Well, just count the holes in the motherfucker’s head” ou “I’m a bad motherfucker, don’t you know/But Ill crawl over fifty good pussies just to get one fat boy’s asshole”/Said Stagger Lee*”.

## O estranho caso dos duendes surrealistas

**F**alta juntar a esta lista o músico aparentemente mais inesperado, um norte-americano bastante volumoso de nome Charles Thompson. Outrora conhecido por Black Francis, quando liderava os Pixies, durante os cinco anos em que existiram. E o carácter bizarro salta-

va à vista imediatamente pelo visual da banda, tão inofensivo que nada faria prever que tocassem música com uma carga visceral tão forte, encaixada numa dinâmica rítmica quase matemática. Thompson era o mais estranho de todos, por detrás daquele ar de “Riquinho” que ostentava, antes de começar a ganhar peso, escondia-se alguém que cantava com naturalidade coisas como “*And while we’re at it baby, why don’t you tell me one of your biggest fears?/I said “Loosing my penis to a whore with disease”*”. Um dos ídolos de Thompson era o cineasta David Lynch e os Pixies costumavam tocar ao vivo uma versão da canção do final de “Eraserhead” intitulada “In Heaven (The Lady in the Radiator song)”. Esta associação é bastante eficaz para descrever o universo temático de Thompson, cujo leque de interesses abarcava extraterrestres, surrealismo e histórias violentas da Bíblia cantadas em inglês e castelhano arbitrariamente. E o álbum “Doolittle”, que contém a canção mais popular do grupo, “Here Comes your Man”, é o mais próximo que se pode estar de uma tarde a ouvir Charles Thompson no divã do hipno-terapeuta. As letras foram escritas como se se tratassem de um exercício de associação livre de ideias, por vezes não fazendo sentido e, ao mesmo tempo, convocando imagens daquelas que Lynch consegue capturar em película. A experiência que os Pixies propõem é desde logo apresentada na primeira faixa, através de uma canção inspirada pelo visionamento do clássico filme surrealista de Buñuel chamada “Debaucher”, que no verso convoca a imagem mais popular do filme – “*got me a movie/I want you to know/slicing up eyeballs/I want you to know*” e no refrão uma alusão directa ao título – “*but I’m a chien andalusia*”. Duas faixas são dedicadas aos amores impossíveis de David/Betsabá (“Dead”) e Sansão/Dalila (“Gouge Away”) tal como constam no livro sagrado, e uma outra à decifração da numerologia divina – “*if man is 5/then the devil is 6/then god is 7*” (“Monkey Gone to Heaven”). O chileno Jodorowsky (outra ligação a Lynch e ao surrealismo cinematográfico) costuma dizer que o seu cinema é o da criação de imagens que se gravem na mente do espectador e não uma ferramenta para contar histórias, atendendo a esta ideia então, a canção “Hey” merece ser vista como o momento Dalí do álbum.



14. The Birthday Party

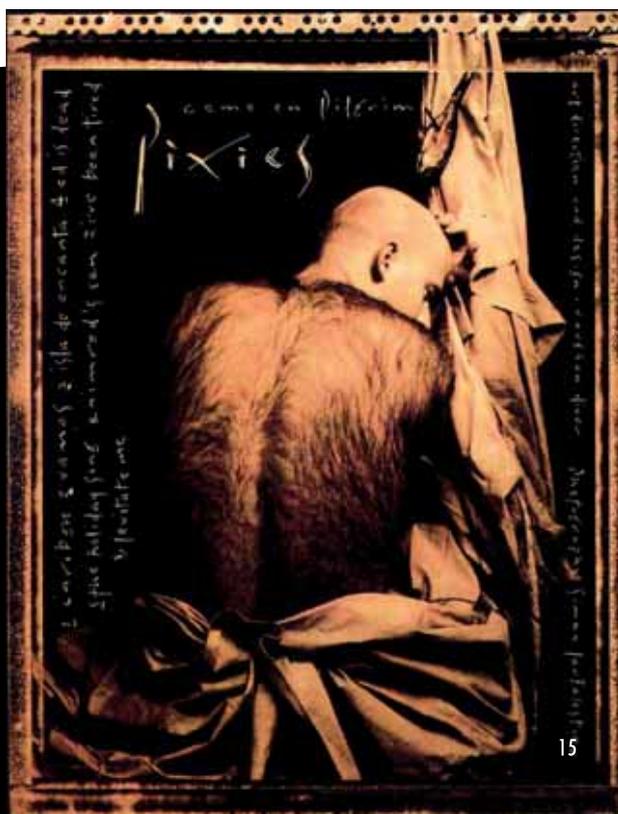
Balada cantada como se fosse um lamento de um deseperado, com uma batida sincopada com paragens para que a canção cresça de intensidade dramática; as palavras inicialmente são reminiscentes dos *blues* de Robert Johnson através da escolha de personagens (“*must be a devil between us/or whores in my head/whores at my door/whores in my bed*”) e progride para um momento de antologia em que Thompson grita com aquele vozeirão: “*uh is the sound/that the mother makes when the baby breaks*”. Este é um daqueles momentos a que os produtores de cinema independente de terror chamam “*money shots*”. Noutro registo é certo, mas “*Hey*” encontra-se ao nível de “*Frankie Teardrop*” dos Suicide.

### Uma espécie de monstro...

Faltaria a este texto um capítulo sobre o movimento de *rock industrial* representado por bandas como os britânicos Throbbing Gristle e Killing Joke, os germânicos Einstürzende Neubauten ou os favoritos Nine Inch Nails, e outros conjuntos ainda mais marginais mas igualmente fascinantes como os The Residents ou mesmo os neo-darwinistas Devo. Mas este artigo parte muito do meu próprio diário sonoro e certamente muitas bandas faltará referenciar para completar o texto o mais rigorosamente possível. O rock industrial é um dos exemplos dos meus limites de aventuras por estas regiões, mas enquanto modelo conceptual herdeiro das melhores distopias do séc. XX é, sem dúvida, assunto mais para o campo da ficção científica do que do terror. O ponto onde quero chegar é que para atingir experiências sonoras próximas dos melhores filmes de terror, há que procurá-las nos campos menos óbvios, porque a justaposição entre as imagens de um homem a ser brutalmente espancado ao som da nona sinfonia de Beethoven produz um efeito de contraste que enriquece o discurso filmico em vez de o limitar às regras impostas pelo estereótipo. Essa é uma das grandes lições de Stanley Kubrick quanto ao uso de música num filme. O *heavy metal* (e todas as suas variações possíveis) tem tido uso recorrente em filmes de terror populares entre os adolescentes, prática que

começa a verificar-se no cinema independente também. O seu efeito perceptivo é bastante limitado, este género musical destila principalmente agressão, reforçando o efeito de excitação de uma cena, o que impossibilita qualquer tipo de leitura mais ambígua das imagens e dos conceitos que estas evocam. E isso advém do casamento entre o cinema de terror e o *heavy metal* provocado pelos Black Sabbath há mais de quarenta anos. O principal inconveniente é a limitação da imaginação do ouvinte e do espectador, criando uma lógica de comunidade fechada, e como todas as comunidades, ao fim de uns tempos, tornam-se bastante sectárias e indisponíveis a ideias que fujam de um padrão pré-estabelecido de características que estas formas artísticas, o filme de terror e o *heavy metal*, devem ter em consideração para não ofenderem tradições musicais e comerciais.

No documentário sobre os Metallica chamado “*Some Kind of Monster*” vemos a banda em estúdio a tentar escrever letras para as novas canções porque o principal responsável por esse departamento, James Hetfield, padece de um bloqueio criativo. Resolvem então tentar um processo de colaboração que consiste em cada membro da banda escrever uma estrofe da canção. Vemo-los a todo o custo puxar pelo léxico satânico comum e tentar criar frases “à Metallica”, que os fãs não estranhem. O que está patente aqui é que o *metal* já não é apenas um estilo musical alternativo mas uma indústria de milhões de dólares, e os Metallica surgem-nos aqui, em registo quase paródico, como uma multinacional maior que os seus “funcionários”, que convém alimentar sob o risco de fazer desmoronar um império. Estas são as duas características mais reaccionárias deste estilo: o constante recurso a temas satânicos, que apenas servem instituições religiosas e não qualquer tipo de intenção subversiva; e a tendência para a mecanização de processos em virtude do mercado musical paralelo que conseguiu criar. A colagem ao universo satânico e à estética dos filmes de terror foi perdendo o seu conteúdo desde o tempo dos Sabbath e agora está reduzido à lógica do lugar-comum aceite automaticamente pelas sociedades de consumo ocidentais.



15. Capa do álbum “*Come on Pilgrim*” dos Pixies



## Video kill the radio star?

Não faria sentido terminar este artigo sem falar da outra face da moeda, ou seja, da apropriação da linguagem do filme de terror por esse intérprete visual da indústria musical, o *videoclip*. A lista, neste caso, é extensíssima e daria muitos outros artigos, por esse motivo, proponho fazer cinco sugestões para que o leitor possa aprofundar a sua pesquisa. Quando se fala de *videoclips* de terror é impossível evitar que surja imediatamente nas nossas mentes a imagem de zombies a dançarem ao som de Michael Jackson. “Thriller” foi provavelmente o primeiro filme de terror que a minha geração assistiu no dealbar da década de 80. Depois de ter visto a sequência antológica de metamorfose homem/lobo que Rick Baker criou para “An American Werewolf in London”, Jackson pediu ao realizador John Landis que lhe fizesse o mesmo. Neste vídeo estão presentes duas

gerações de terror: a primeira representada pela inconfundível voz de Vincent Price e a segunda pela mestria técnica desenvolvida pelos criadores de efeitos especiais que dominariam os filmes de terror dos anos 80. Jackson, num momento curioso visto à distância, identifica-se tanto com estas personagens monstruosas e amaldiçoadas que confessa à namorada: “*I’m not like other guys. I’m different.*” Ainda nesta década dois telediscos de duas bandas que competiam em pólos opostos: “Wild Boys” dos Duran Duran e “Lullaby” dos The Cure. O primeiro realizado pelo australiano Russel Mulcahy recupera muito do melhor cinema de género feito na ilha continente no final da década anterior, principalmente os cenários pós-apocalípticos da série “Mad Max” onde Simon LeBon & companhia se perdem; o segundo realizado por Tim Pope é muito mais evocativo da mística natural da banda de Robert Smith, ou seja,

enquanto o vídeo dos Duran Duran é atípico na sua carreira, já “Lullaby” é 100% Cure. Nele assistimos ao cantor ser devorado pela boca de uma aranha gigante numa estética que traz à memória os melhores

filmes de Terry Gilliam. Ainda no universo da pop comercial destaco o videoclip “Rock DJ” de Robbie Williams. Situado num cenário futurista de um ringue de patinagem só ocupado por *top models*, Williams surge no centro num altar ascendente onde vai tentar nos momentos que se seguem chamar a atenção da DJ através de um *strip-tease*. Falhando completamente os seus propósitos resolve passar a outro nível de exposição, começa por retirar a pele, ficando em carne viva e, gradualmente, arranca os seus músculos e tendões (lançados sobre patinadoras em êxtase) até restar apenas um esqueleto dançarino que conquista finalmente a atenção da DJ. Esta sequência final foi censurada pelos principais canais de música, sendo inclusivamente acusado de satanismo na República Dominicana, passando sem este final - o que torna o vídeo num objecto visual banal. *And last but not least*, talvez o melhor trabalho dentre os referidos, a obra-prima “Come to Daddy” realizado pelo videasta Chris Cunningham para os Aphex Twin. Cunningham, que trabalhou nos efeitos especiais da saga “Alien” e de “I.A. Inteligência Artificial”, é um dos grandes realizadores de videoclips da actualidade e colabora habitualmente com Björk e é o principal responsável pela forte componente estética ligada ao projecto de Richard D. James, Aphex Twin. “Come to Daddy” é uma experiência totalmente arrepiante e bizarra mesmo no pequeno ecrã. A sua acção decorre num subúrbio degradado onde uma





- 16. Imagem do videoclip "Thriller" de Michael Jackson
- 17. Imagem do videoclip "Rock DJ" de Robbie Williams
- 18. Imagens do videoclip "Come to Daddy" de Aphex Twin

16

idosa passeia o cão, que de repente é rodeada por um grupo de crianças, todas com a grotesca máscara da face de Richard D. James, que a impelem para junto de um televisor partido. Do seu interior emerge um demónio branco que acolhe todas as crianças debaixo dos seus braços. A linguagem visual é tão forte e ao mesmo tempo fresca, que é difícil esquecer este vídeo depois de o ter visto, principalmente por ter surgido na década menos memorável para o género cinematográfico em termos qualitativos, década que viu nascer por exemplo a febre dos *remakes*. Arriscaria mesmo considerar este trabalho de Cunningham como uma das imagens icónicas do bom terror do final do final do séc.XX. **BANG!**



João Monteiro nascido a 17/05/1977. Licenciado em História da Arte. Sócio-fundador do Cineclub de Terror de Lisboa (CTLX) e produtor/programador do MOTELx.

18



3<sup>a</sup>  
Edição

# CONCURSO MINI-CONTOS de FIÇÃO CURIOSOS & SIMETRIA

Concurso organizado pelo

“APRESENTAMOS AS 10 melhores MINI-  
FIÇÕES SELECIONADAS NO CONCURSO ANUAL  
DE MINI-CONTOS ORGANIZADO PELO Instituto  
Superior Técnico, Simetria – Associ-  
ação Portuguesa de Ficção Científica  
e Fantástico, e IAGE, COM O APOIO DO  
Grupo Saída de Emergência.”

VENCEDOR: rui monteiro

## Monumentos

Hordas de turistas enxameiam a cidade. Os cliques ininterruptos das máquinas digitais aprisionam séculos de história de diferentes ângulos e perspectivas.

Subitamente, um clarão. Ouvem-se gritos seguidos de um silêncio sepulcral e a terra estremece de forma cadenciada. Pelo chão, jazem guias turísticos e máquinas que diligentemente continuam a filmar.

Só mais tarde soube o que aconteceu. É bizarro contar isto, mas os monumentos despertaram do seu sono de pedra e andam mundo fora a fotografar pessoas que, submersas nos flashes, ficam petrificadas. O assunto é sério. Ainda ontem a Torre de Belém foi avistada em Londres, cujos habitantes foram classificados como património da UNESCO.

Felizmente Portugal tornou-se a estância balnear dos monumentos. Fomos poupados a um destino de pedra para lhes servirmos mojitos e caipirinhas. Hoje chegou a Torre Eiffel. Pediu-me champagne e uma cerveja para o seu namorado, o Muro de Berlim. Enquanto houver sol, estamos safos.

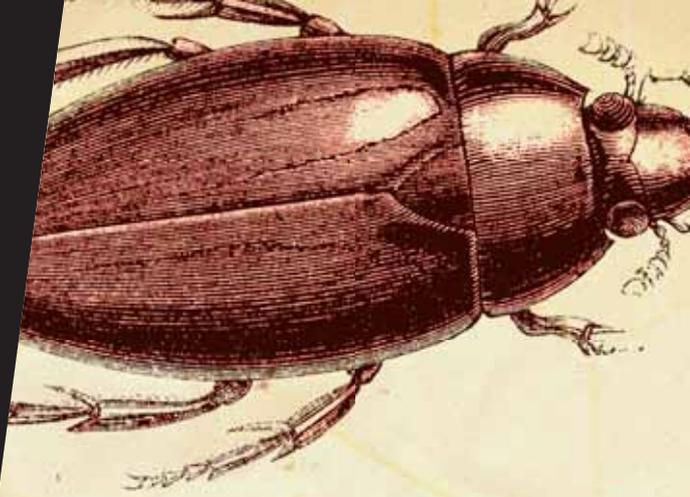
## A Barata

IGOR ROSA DIAS DE JESUS

Daqui a bem pouco tempo, chegarão os seres de outros planetas com suas armas prateadas e dizimarão a humanidade. Também destruirão a fauna e a flora, destruirão tudo. Só restarão mesmo as baratas, todos sabem disso.

Houve uma barata, certa vez, que continha uma mutação genética que se levada adiante para as próximas gerações, permitiria que as mesmas desenvolvessem seu potencial evolutivo até a complexidade dos seres humanóides como nós, num processo que levaria milhões e milhões de anos.

E foi num ruído surdo, milhares de anos antes de os seres alienígenas chegarem à Terra, que você acabou com qualquer possibilidade de reconstrução de alguma coisa parecida com o que atualmente somos, e a matou com uma chinelada.



## O nascimento do Logaritmo

ANTÓNIO NUNES DE ALMEIDA

Na Antiguidade estalou brava discussão na bancada especializada (como sempre...) sobre se deviam ou não incluir a Raiz Quadrada no nascituro Logaritmo.

As opiniões dividiam-se, mais animosas as opiniões da Base, surdas as do Expoente.

Estava impossível o acordo, acusando o Expoente a Base de tentar ser positiva sabendo-se as Bases fadadas para negativas.

Contrapunha a furiosa Base, que negativa era a família do Expoente e que talvez por isso, quisesse incluir as suas amigas Raízes Quadradas para aumentar o poder de decisão com mais votos.

– O Logaritmo deve ser positivo! Eu é que devo ser elevado! –  
Perorava irritado o Expoente.

– Invenção sua! – Clamava furibunda a Base.

– Ignorantes! – Apodava a mais nova das Raízes Quadradas.

E de dedo em riste, peremptoriamente impôs com pertinência feminina:

– O Logaritmo deve ser positivo! Nenhum número real tem potências negativas.

E assim ficou até hoje!



## Asche zu asche

FERNANDO QUEIRÓS

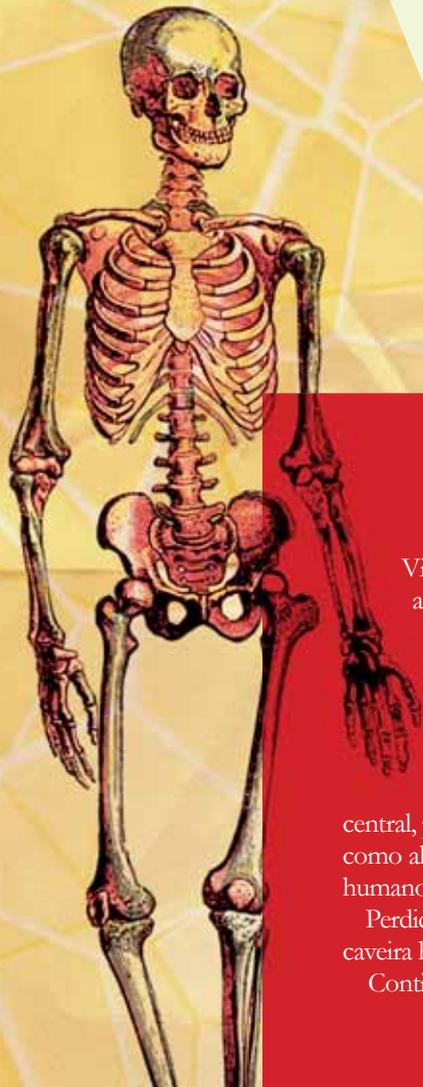
Viviam-se tempos em que a energia eléctrica era um bem mais oneroso que a dignidade humana.

Essa era razão suficiente pela qual Hermínia empurrava uma trave oitos horas todos os dias, confinada num cubículo quente e húmido. “Ainda bem que assim é”, pensava a operária, dando graças por trabalhar numa fábrica onde o ar exterior era depurado com filtros decentes, em vez dos trapos que usava em casa.

O seu trabalho era adequado à sua formação. Rodar uma trave, ligada a um torno central, para moer o lixo orgânico produzido continuamente. A papa liquefeita era então dada como alimento a um caldo de leveduras que iriam ser compactadas e vendidas para consumo humano.

Perdida nestes pensamentos, Hermínia deixou a mó encravar. Pegou num pau e empurrou a caveira humana de novo para o caldo.

Continuou a rodar, ignorando a relação de parentesco que teria com o almoço naquele dia.



## Álbum de Fotografias NUNO LOPES

O eco da pistola dissipou-se. Pfarr soltou uma baforada do charuto mastigado. O fantasma da vítima caída a seus pés naquele beco apareceu perfeitamente traçado no esturro do Cohiba, cujas moléculas se pegavam ao ectoplasma que o espírito ainda não tivera oportunidade de abandonar.

O fantasma refulgia indefeso quando Pfarr bateu a primeira fotografia. Os profissionais faziam aquilo à primeira. Liam a luz, compunham ângulo e pose, enfim... Uns estetas. Pfarr precisava do rolo inteiro, do nervoso rec-rec da rodinha da câmara descartável. Rapidamente, antes que se desvanecesse, completava o fantasma, aprisionado no rolo como um puzzle de 36 peças.

Estava feito.

A manhã surgia sobre os arranha-céus. Pfarr olhou em volta pela última vez. Nada lhe escapara. Deixou o local. Queria chegar a casa depressa para revelar os rolos daquela noite e acrescentar novas almas aos seus álbuns de fotografias. Quando abria um álbum, gostava de as ouvir gritar.

## a crise da crise RUI MONTEIRO

Os jornais acordaram de manhã aos gritos. “Acabou a crise!”, anunciava um, triunfalmente. “O país saltou a cerca dos porcos”, revelava outro, metaforicamente.

As pessoas estavam estupefactas, desorientadas. Tinham-se deitado com os cêntimos sofregamente contados e acordaram com a bolsa a escalar picos de prosperidade. A incredulidade deu lugar ao júbilo. Abraçavam-se, cantavam, sorriam.

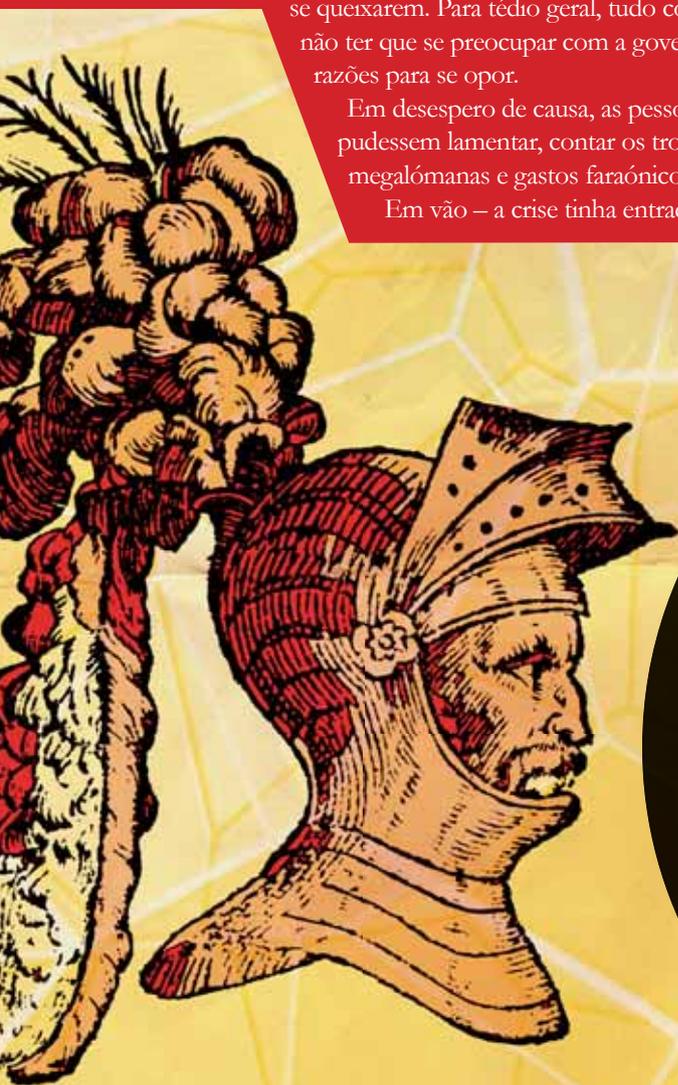
Depois, caiu a normalidade. Nos cafés, as conversas esmoreceram por falta de assunto. Nada havia para se queixarem. Para tédio geral, tudo corria bem. O governo também estava descontente por não ter que se preocupar com a governação, enquanto a oposição desapareceu por não ter razões para se opor.

Em desespero de causa, as pessoas começaram a emigrar para países em que se pudessem lamentar, contar os trocos. O governo ainda tentou resgatar a crise com obras megalómanas e gastos faraónicos.

Em vão – a crise tinha entrado definitivamente em crise. E o país ficou deserto.

## Passatempos H. S. COELHO

O Cavaleiro da Malícia coleccionava almas como alguns dos seus pares coleccionavam estrelas ou estilhaços de universos antigos. Sempre que uma lhe chamava a atenção, arrancava-a ao tempo e ao espaço para acrescentá-la ao seu colar. Enquanto pairava sobre a eternidade, entreteinha-se a brincar com as almas enfileiradas, esquadrinhando os seus medos e torturando-as com pesadelos até as transformar num grito perpétuo. Quando já nada mais restava de alguma delas, desinteressava-se, retirava-a do colar e passava-a à sua irmã louca, a triste sem nome, que transformava os gritos em luz e passava horas deslumbrada com as cores que assim criava. O Cavaleiro da Malícia nunca tinha dificuldade em encontrar almas novas para substituir as que abandonava. Só não se interessava minimamente pelas humanas. Essas já se torturavam a si próprias.



## Fado do Entusiasmo

PEDRO MARTINS

Há terras que nascem tristes. Nos sítios onde a chuva não pára, os habitantes tendem a personificar o clima – sombrios e estranhos ao calor, habituam-se a uma severa melancolia. Era o caso desta aldeia. A chuva caía na sua austera rotina. Talvez alguns dias acalmasse a sua intensidade, mas aguaceiros continuam a ser chuva. E a disposição geral não melhora por isso.

Serafim Fadista era a exceção. Chegara há alguns meses e, não obstante o clima, destoava na sua onerosa simpatia. As pessoas sentiam-se incomodadas, mas o incómodo era unilateral. Olhares azedos não bastavam para refrear a onda de tagarelice e bonomia que Serafim dispensava.

Alegadamente após uma noite de cantoria, anedotas e indesejadas palmadas nas costas na taberna local, Serafim desapareceu. No dia seguinte, a sua cabeça – divorciada do corpo – foi encontrada. . . quase como se soubessem onde estava.

Ah, nada acalma os ânimos como um bom funeral.

## Rolêta

### MORGANA DE AVALON

Toda criança acredita que há um monstro debaixo da cama ou no armário. Todas têm seu monstro particular, e acreditam que apenas elas são assombradas por eles. Comigo foi diferente.

Meu monstro começou a me visitar quando eu já era adulto. Tentando parecer ridículo, nada disse aos meus amigos, que me julgariam louco ou pensariam tratar-se de alguma piada. E foi assim que aos poucos ele se foi assenhoreando de meu quarto, de meus objetos, de minha família. Tomou a minha forma, e distorceu a minha imagem. Ninguém mais me reconhecia. Tornei-me uma cópia malfeita de mim enquanto a vil criatura assumia o meu lugar na minha vida.

Hoje busco uma cama debaixo da qual possa me esconder até o momento de fazer a outrem o que fizeram comigo. Será a sua?

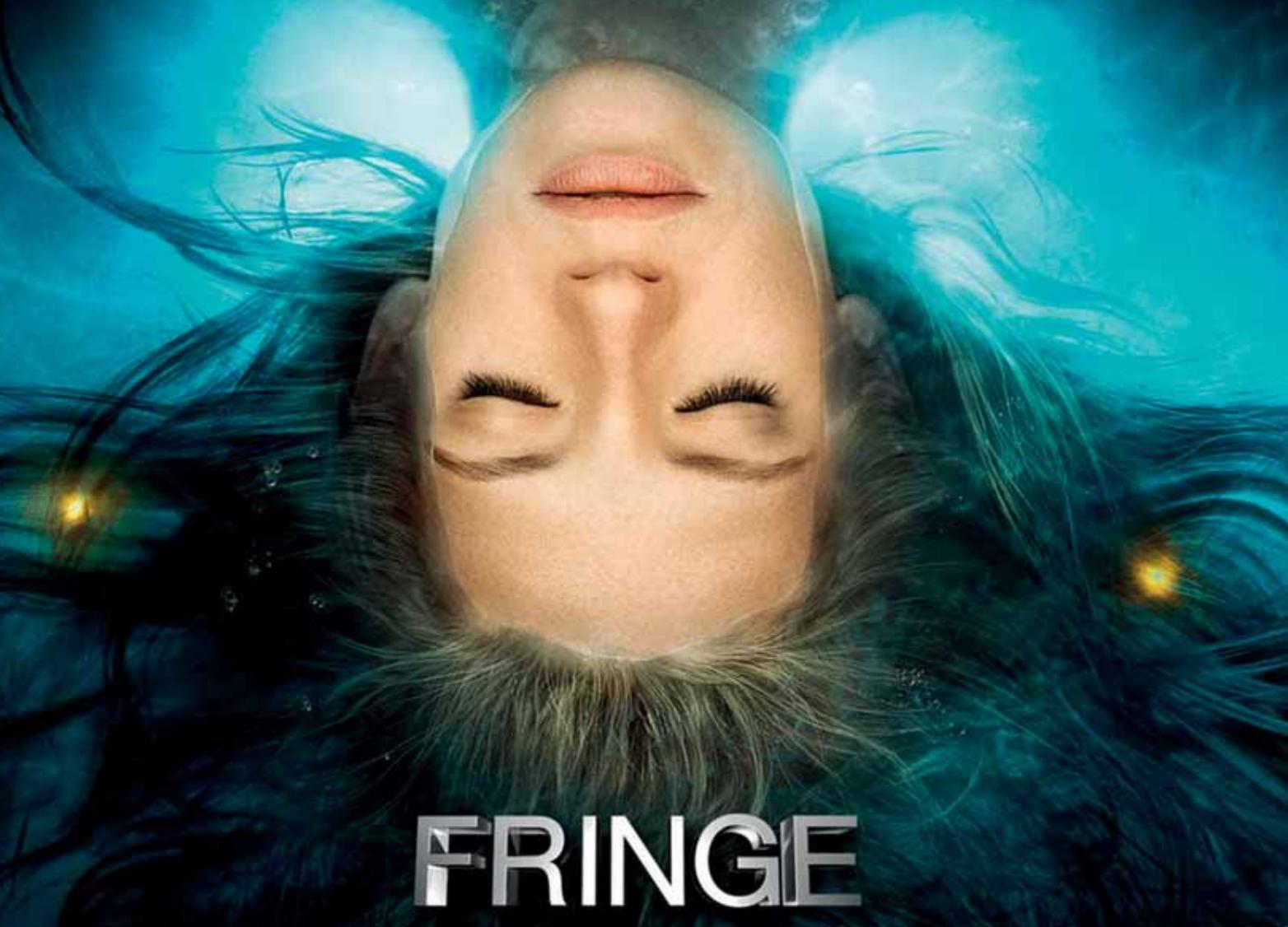
## Oroboro

H. S. COELHO

O Minotauro suspirou. Adivinhava, pelo pulsar das paredes do labirinto, que uma alma humana se aproximava. Outra decidida a matá-lo, sem dúvida. Sabia que lutaria, chegando o momento, mas às vezes sentia-se tentado a desistir. Estava cansado da repetição daquele ritual. Aceitara ser confinado ao interior dos muros construídos pelo Homem porque perdera uma batalha e acreditara que a Besta e a Humanidade poderiam coexistir se respeitassem determinadas fronteiras. Mas o Homem enganara-o, pois nunca desistira de tentar matá-lo.

Desta vez, a contenda foi breve. O Minotauro esmagou sem dificuldade o seu atacante, mas não urrou para celebrar a vitória, como fora seu hábito durante muito tempo. No labirinto do cérebro humano, umas vezes ganha o Homem, outras a Besta. Mas a Besta sabe que, para a sobrevivência desta simbiose, tem de ser discreta ao comemorar as vitórias. O Homem gosta de pensar que triunfa sempre.





# FRINGE

## GLORIOSAMENTE NA PERIFERIA POR INÊS BOTELHO

**A** 9 de Setembro de 2008 a Fox exibiu nos Estados Unidos da América o episódio piloto de *Fringe*. Começava com um terrível desastre de aviação e durante hora e meia avançava por uma viagem alucinante entre a investigação policial auxiliada por técnicas científicas, as histórias de mistérios e aventuras, os segredos de um jogo de espões e a promessa de uma conspiração de objectivos imprecisos mas capacidades temíveis. Ficava-se agarrado à história para entender o que acontecera aos passageiros do avião e terminava-se com o enorme desejo de continuar e perceber os muitos meandros de uma realidade e mitologia que já se adivinhavam mais interessantes do que as da maioria das outras séries em oferta.

Este primeiro episódio, o único de duração mais prolongada, servia também de introdução às personagens centrais da série com quem depressa se simpatizava: Olivia Dunham (Anna Torv), a agente do FBI auto-suficiente e determinada que se encontra mais ligada aos estranhos eventos

do que supunha ou gostaria, Walter Bishop (John Noble), o brilhante cientista encerrado numa instituição psiquiátrica que Olivia recruta para a ajudar nas investigações e que está relacionado com a origem e m

dos acontecimentos, Peter Bishop (Joshua Jackson), o genial filho de Walter habituado a ganhar a vida com trabalhos não totalmente lícitos e de quem Olivia precisa para que dêem alta a Walter, Philip Broyles (Lance Reddick), o agente especial do FBI que dirige a divisão *Fringe*, Astrid Farnsworth (Jasika Nicole), a jovem agente do FBI responsável por tomar conta de Walter e auxiliá-lo no laboratório, Nina Sharp (Blair Brown), a chefe operativa da Massive Dynamic, a companhia criada por William Bell (Leonard Nimoy), antigo parceiro de Walter sempre mais falado do que visto, e a vaca Gene, uma presença incontornável do laboratório.

Iniciava-se assim a nova série de J. J. Abrams, Alex Kurtzman e Roberto Orci.



## NO PRINCÍPIO

**N**ota-se em *Fringe* um respeito pelas séries emblemáticas de ficção-científica que lhe são precedentes, e de facto muitas constam da longa lista de influências citadas pelos criadores. Ao desenvolverem o novo projecto, decidiram começar por identificar as obras que mais os marcaram na juventude. Da lista constavam os filmes iniciais de David Cronenberg, *Altered States* de Ken Russell (onde entrava Blair Brown), os livros de Michael Crichton e Robin Cook, bem como as séries *A Quinta Dimensão*, *Kolchak: The Night Stalker* e *Ficheiros Secretos*. Esta última será a que mais frequentemente surge nas comparações, mas Abrams insiste que nunca quiseram refazer ou reinventar *Ficheiros Secretos*, essa foi apenas uma de muitas referências, todas elas de relevância quase óbvia. Apesar destas muitas influências, *Fringe* afirma-se original e inovador.

Orci admitiu ainda que estudaram as séries processuais como *Law & Order* ou *CSI: Crime sob investigação* pela importância que à época assumiam dentro do mercado televisivo e percebe-se como estas contribuíram para a estrutura de *Fringe*. No entanto, este modelo mais ou menos formulado revelou-se um dos aspectos menos estimulantes da série e não pareceu protegê-la das quebras de audiência.

Depois de uma primeira temporada com valores de audiência razoáveis, estes têm vindo a decrescer. Chegou-se mesmo a temer um cancelamento a meio da terceira temporada, mas a série conseguiu aguentar e garantir uma quarta temporada. Kevin Reilly, presidente do departamento de entretenimento da Fox, declarou já que dada a complexidade da série não esperam uma melhoria nos valores de audiência e que ficarão satisfeitos se repetirem os números da última temporada.

Conseguir-se-á a renovação para a quinta temporada? É demasiado cedo para tentar uma resposta. Em todo o caso, em 2008, pouco antes da série estrear, Abrams, Kurtzman e Orci garantiam ter um final para a história passível de utilização a

qualquer momento, depois de treze episódios ou ao fim de sete anos.

## AS TEMPORADAS

**C**omo costuma ocorrer com as séries em que Abrams se envolve, *Fringe* sofreu alterações significativas, descolando para um enredo cada vez mais elaborado. Embora Abrams tenha garantido em Novembro de 2010 que a série nunca se tornará tão difícil de compreender e seguir quanto *A Vingadora* ou *Perdidos*, sente-se uma necessidade progressiva de fidelização ou

de pelo menos acompanhar os episódios com certa regularidade.

A primeira temporada vive de um equilíbrio inteligente entre a lógica de uma série processual e a de uma dedicada a intrigas que roçam tanto a espionagem quanto a conspiração. Partindo de incidentes estranhos, alguns alicerçados em mitos, a equipa atarefa-se a seguir pistas e a entender mecanismos. Liderados por Olivia no terreno e Walter no laboratório, que para desespero de Peter e Astrid voga deliciosamente entre o matemático e o alucinado, o desamparo e o autoritarismo, encontram sempre uma explicação científica para os acontecimentos. A natureza periférica de eventos e ciência envolvida testam por vezes os limites da verosimilhança, incentivando o debate. Ao mesmo tempo, o que descobrem conduz a uma progressão no panorama geral da história.

Este fio condutor da narrativa revela-se essencial para provocar curiosidade a longo prazo e viciar audiências, mas esteve excessivamente ausente da segunda temporada. Depois de um início interessante, a temporada centrou-se demasiado nos casos da semana, com Peter a tender para um papel tanto de cavaleiro voluntarioso quanto de donzela em perigo. Por outro lado, desenvolveu-se a relação conflituosa entre pai e filho, o que conduziu em parte à estimulante mudança introduzida nos últimos episódios.

A existência de um mundo paralelo agora em interacção e conflito directo com

o mundo original, confrontou as personagens com os seus duplos e motivações, conferindo também uma nova dinâmica à terceira temporada. Contudo, se se tornou indesejável perder um episódio, também se criaram linhas de evolução narrativa desnecessariamente próximas da lógica tele-novelesca. Ainda assim, a série respira um renovado interesse e conserva-se gloriosamente diferente da restante programação televisiva.

## E AGORA?

**F***ringe* sempre sofreu de um incompreensível desinteresse por parte dos prémios televisivos. Os Emmy's atribuíram-lhe nomeações apenas em 2009 e 2010 e só em categorias técnicas. Este ano, apesar dos louvores da crítica e do público, nem a série nem as interpretações de Anna Torv e John Noble conseguiram qualquer nomeação nos Emmy's. Referindo-se à questão, o *The Guardian* defendia em Julho que, mesmo se ignorado, "Fringe permanece uma das séries mais cativantes na televisão norte-americana".

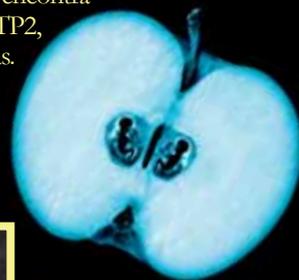
O último episódio da terceira temporada, inesperado e em certa medida arrojado, implica uma redefinição de toda a história, quase um recomeço. Poderá resolver fragilidades enquanto conduz a patamares ainda mais estimulantes, melhorando assim uma série que se destacou como um entretenimento inteligente. Contudo tem também o potencial para propagar incongruências excessivas e gerar mudanças narrativas desastrosas. Qual das hipóteses? Um pouco de ambas? Só se descobrirá na quarta temporada que estreou nos EUA a 23 de Setembro e já se encontra em exibição na RTP2, às quintas-feiras.

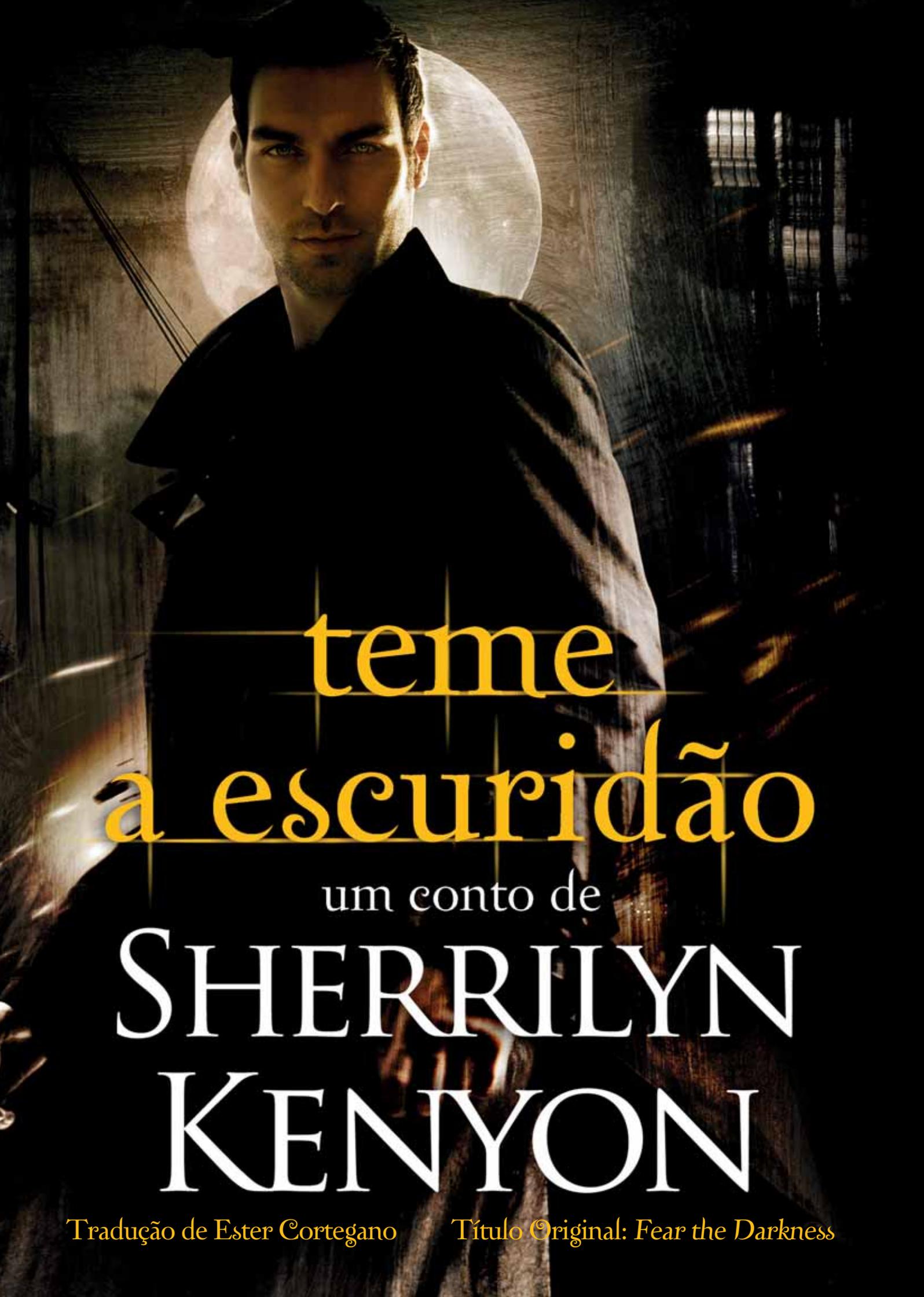
**BANG!**



Inês Botelho nasceu em Vila Nova de Gaia em Agosto de 1986.

Licenciada em Biologia, iniciou em 2009 um Mestrado em Estudo Anglo-Americanos. Completou o 8º grau de Piano e Formação Musical. É autora da trilogia de fantástico "O Cepetro de Aertzis", composta por "A Filha dos Mundos" (2003), "A Senhora da Noite e das Brumas" (2004) e "A Rainha das Terras da Luz" (2005). Publicou ainda os romances "Prelúdio" (2007) e "O passado que seremos" (2010).





teme  
a escuridão

um conto de

SHERRILYN  
KENYON

Tradução de Ester Cortegano

Título Original: *Fear the Darkness*

# NOVA ORLEÃES, 2007

**N**ick Gautier estava em casa.

E estava lixado. Enquanto o seu táxi fazia o percurso desde o aeroporto até à sua casa na Bourbon Street, a meio da manhã, pudera ver as cicatrizes que ainda restavam do Furacão Katrina, e o seu sangue fervera literalmente.

Como podia aquilo ter acontecido? Fechou os olhos e tentou apagar da mente as imagens das janelas entaipadas e dos sinais de trânsito derrubados. As caravanas brancas da Agência Federal de Gestão de Emergências. Mas essas imagens eram substituídas pelas das notícias que vira, com as vítimas penduradas nos telhados, os incêndios, as turbas pelas ruas...

Nick não conseguia respirar. Nova Orleães era o seu lar. A sua pedra de toque. Aquela cidade dera-o à luz. Ela era o seu sangue vital. E, num piscar de olhos, fora devastada. Mutilada. Nunca, na sua vida, vira uma coisa como aquela.

Tendo crescido ali, conhecera, ao longo dos anos, numerosos furacões. Como não tinham dinheiro para evacuar durante as piores tempestades, ele e a mãe metiam-se no velho *Yugo* vermelho e iam para Hattiesburg, no Mississípi, onde acampavam no parque de estacionamento de um supermercado, a comer sanduíches de pasta de presunto com pão velho e pacotes de mostarda até ser seguro regressar. A mãe sempre conseguira, de alguma forma, tornar aqueles dias divertidos, como uma aventura, mesmo quando tinham de se agachar no carro durante os avisos de tornado.

Depois voltavam para casa e o que viam era parecido com o que ele vira agora, mas, em poucas semanas, tudo regressava ao normal.

Agora, quase dois anos depois do furacão, ainda havia lojas fechadas — lojas que ali estavam há anos, há séculos, em alguns casos. Havia zonas inteiras da cidade onde parecia que o furacão acabara de passar.

Quase todos os seus amigos tinham morrido ou sido deslocados. Pessoas que conhecia há décadas.

Num piscar de olhos, tudo mudara.

Nick soltou uma gargalhada amarga perante este pensamento. Ele próprio mudara mais do que qualquer outra coisa. Já não era humano, e nem sequer tinha a certeza daquilo em que se tornara.

A única coisa que o fazia continuar em frente era a furiosa necessidade de se vingar daqueles que culpava pela sua catástrofe.

Ergueu uma mão para coçar o pescoço, depois estacou quando sentiu a marca da dentada. Com uma troca de sangue, Stryker tornara Nick seu agente. Se obedecesse ao líder *Daemon*, Stryker dar-lhe-ia meios para destruir o homem que arruinara a vida de Nick... e a da sua cidade.

Acheron Parthenopaus. Já tinham sido grandes amigos. Irmãos até ao fim. Depois Nick cometera o erro de dormir com uma mulher que ele ignorava ser a filha de Ash. Ash voltara-se contra ele por essa razão.

Com isso conseguira lidar. O que os tornara inimigos fora a noite em que a mãe de Nick morrera e Ash o permitira. Ao contrário dos outros seres imortais que faziam de Nova Orleães a sua casa, Nick conhecia os segredos que Ash bem

guardava. Ele não era apenas o líder dos Predadores da Noite, um guerreiro imortal que servia a deusa Artemisa e protegia a humanidade dos *Daemones* vampíricos que comiam as suas almas.

Ash era um deus. Tinha o poder para fazer tudo o que quisesse. Podia ter salvado a mãe de Nick ou, pelo menos, tê-la devolvido à vida, da mesma maneira como salvara Kyrian Hunter e a mulher, Amanda. Mas Ash não fizera nada disso. Virara as costas a Nick e deixara Cherise Gautier morta.

E também não protegera a cidade da tempestade. Até à noite em que Nick dormira com Simi, Ash amara aquela cidade mais do que qualquer outra coisa. Nunca teria permitido que Nova Orleães sofresse assim.

Mas isso fora antes de se tornarem inimigos. Agora Ash odiava-o tanto que lhe tirara tudo.

Tudo.

— Bonita casa.

A voz do taxista interrompeu os pensamentos de Nick. Olhou a mansão da Bourbon Street que era o seu lar desde que começara a trabalhara para Kyrian.

— Sim — disse ele, em surdina. — Pois é.

Ou, pelo menos, fora, quando ele a partilhara com a sua mãe. Nick saiu e pagou ao taxista, depois retirou a mala do assento. Fechando a porta com força, olhou para a casa e apertou a maneta com tanta força que os seus dedos doeram em protesto.

Comprara aquela casa como presente de aniversário para a mãe, quando tinha vinte anos. Ainda a conseguia ouvir soltar gritinhos de alegria quando ele lhe entregara a chave. Ainda a conseguia ver parada na sua frente, a olhá-lo, incrédula.

— Parabéns, mamã.

— Oh, Nick, o que foi que fizeste? Não mataste *pr'aí ninguém, pois não?*

*A pergunta dela consternara-o.*

— Mãe!

*Ainda assim, ela mostrara-se implacável, enquanto fixava no filho os seus olhos azuis e punha as mãos na cintura.*

— *E também não andas a passar droga, pois não? Olha que se andas, meu menino, eu amo-te muito, mas deixo-te negro de pancada.*

*Ele troçara dos seus avisos.*

— Mãe, tu conheces-me. Eu nunca faria nada que te deixasse envergonhada na frente dos teus amigos da igreja.

— *Então com'ê que arranjaste este dinheiro todo? Como conseguiste comprar uma casa tão chique com a tua idade? Ainda és um bebé, e eu não tenho dinheiro para pagar dois tijolos desta casa.*

— Já te disse, sou assistente de um corretor do *Garden District*. *Ele pôs a casa no meu nome mas, tecnicamente, continua a ser dele.*

*Estou só a alugá-la. — Fora uma mentira parcial. Parte do seu papel como escudeiro de Kyrian, nos tempos em que Kyrian era um Predador da Noite implicava que todas as propriedades dele estivessem no seu nome... pelo menos no papel. Aquela casa, porém, era mesmo de Nick. O seu salário ter-lhe-ia permitido facilmente comprar três casas como aquela, mas a mãe nunca teria acreditado que ele pudesse ganhar tanto dinheiro sem infringir a lei.*

— Corretor, *hmmm*. Isso a mim parece-me um desses eufemismos para um traficante de droga.

— *Oh, mãe, anda lá dentro ver a biblioteca. Já trouxe para cá a tua poltrona, para poderes ler aqueles romances que tanto adoras.*

— Querido, tu estragas-me com mimos. Sabes que não preciso de uma coisa tão grande e tão chique.

*Sim, mas, quando era miúdo, ouvira-a chorar muitas vezes a altas horas da noite por não poder*

**A única coisa  
que o fazia  
continuar em frente  
era a furiosa  
necessidade de se  
vingar daqueles que  
culpava pela sua  
catástrofe.**

dar-lhe melhor do que o seu dilapidado quarto alugado — por o único trabalho que conseguia arranjar ser como stripper. «O meu menino merece muito melhor do que isto.» Entretanto, os pais dela viviam numa bela casa em Kenner e possuíam dinheiro para dar e vender. Mas tinham-na deserdado ao descobrir que Cherise estava grávida dele. A mãe sacrificara tudo para manter o seu filho — a sua dignidade e o seu futuro. E, embora chorasse à noite por não lhe poder dar as coisas que julgava que um menino devia ter, era, durante o dia, a melhor mãe que alguém poderia desejar.

Desde o dia em que Nick nascera, tinham sido os dois contra o mundo.

— Sempre cuidaste de mim, mamã. Agora é a minha vez de cuidar de ti. Tenho uma casa grande porque quero dar-te um dia netos suficientes para a encher.

Nick estremeceu quando lhe pareceu ouvir o riso que ela soltara ao vento antes de correr para a casa para a inspeccionar. Enquanto continuava ali parado, a chuva começou a cair em cima dele, encharcando-o até aos ossos.

Encontrara a mãe morta naquela poltrona na biblioteca. . .

Uma dor, um sofrimento inexorável, rasgava-o com as suas presas feitas de aço. Dilacerava cada parte do seu ser.

Como podia ela ter morrido, e de uma forma tão horrível? Com a garganta cortada e o corpo exaurido de sangue. Ela era tudo para ele.

— Eu posso dar-te a vingança.

Fora a promessa que Stryker lhe fizera. O líder *Daemon* dissera-lhe que se Nick lhe desse informações contra Acheron, e os outros Predadores da Noite, e os escudeiros que os serviam, então Stryker oferecer-lhe-ia o poder de que necessitava para matar Ash.

Era tudo o que Nick desejava.

Depois ouviu a voz de Ash na sua cabeça.

— Sabes, Nick, invejo-te a tua mãe. É uma senhora e tanto. Não *há nada que não faria por ela*.

— Porque a deixaste morrer, Ash? — rosnou em surdina. — Maldito! — Mas, no seu coração, sabia quem deveria realmente culpar por tudo aquilo, e isso doeu-lhe ainda mais. Se tivesse sido um filho melhor. Um melhor amigo. Nada daquilo teria acontecido.

Fora ele que se introduzira naquele mundo do qual o perigo era uma parte intrínseca. Se tivesse contado a verdade à sua mãe, ela não teria ido para casa, naquela noite, com um *Daemon*. Teria ficado em segurança. A mãe morreria por sua causa e essa era uma verdade que o magoava até ao mais profundo do seu ser.

Não aguentando mais aqueles pensamentos, obrigou-se a continuar até ao teclado numérico ao lado do portão e

introduziu o código. Quase esperava que não funcionasse, mas funcionou.

Parou junto às petúnias que a mãe tinha plantado num grande vaso ao lado da porta das traseiras e desviou-o para poder retirar a chave suplente.

Estava tudo tal como o deixara quando era humano. . . Só que agora era tudo diferente. Com um aperto no estômago, abriu a porta e entrou em casa.

O amigo Kyl dissera-lhe que o local sofrera alguns estragos durante o Katrina, mas que a casa fora restaurada. Nick tinha de o conceder, parecia tudo impecável. Nada, para além da ausência da sua mãe, estava fora do sítio.

— Oh, Nicky, olha! Tem um desses trituradores de lixo! Nunca imaginei que alguma vez ia ter uma coisa dessas, e olha-me só os azulejos na parede. Aquilo é mármore italiano?

Ele olhou de relance para a direita, onde estava a ilha com bancada de mármore italiano.

— Para ti, só o melhor, mamã.

— Estragas-me com mimos, querido. És a única coisa boa que fiz em toda a minha vida. Não sei porque Deus foi tão bom para mim e te enviou do céu, mas ainda bem que o fez.

Mas Nick Gautier não fora enviado pelo céu. Como o inútil sacana que o concebera e depois fugira, ele era um filho do inferno.

Pousou a mala ao lado da porta e atirou a chave para cima da bancada. Na última vez que ali estivera, chamara pela sua mãe. Gritara o seu nome enquanto corria pela casa, a tentar localizá-la.

Encontrara-a no andar de cima.

Contra a sua vontade, os seus pés levaram-no ao sítio exacto. Ficou parado na ombreira da porta, a olhar a poltrona favorita da mãe. Na sua mente, conseguia ver ainda o seu corpo sem vida. Mas, na realidade, não havia quaisquer vestígios da morte dela. . .

Nem da sua. Naquele preciso local onde se encontrava agora, apelara à deusa grega Artémis para que o tornasse um Predador da Noite. Quando ela recusara e lhe dissera que ele tinha de morrer primeiro, Nick fizera explodir os miolos mesmo na sua frente.

Como medo da reacção de Acheron perante a sua morte, Artémis tornara-o imortal e marcara-o com o símbolo do arco e flecha no rosto, mas ele não pertencia ao seu exército de protecção da humanidade. Tinha poderes maiores do que os outros. Podia andar à luz do dia.

E agora partilhava poderes com Stryker. . .

Nick franziu o sobrolho ao ver uma garrafa de *Coca-Cola* meio bebida em cima da mesinha de apoio. A mãe nunca tocava em *Cola* normal, apenas *Diet*, e ele nunca teria ousado deixar uma bebida no seu santuário secreto.

Estivera ali outra pessoa e, uma vez que havia um jornal desse dia aberto, ele diria que alguém se mudara para aquela casa.

A sua casa.

Sentiu-se invadido pela fúria.

Quem se teria atrevido?

Sedento de sangue, investiu pelas várias divisões, mas encontrou cada uma delas vazia e sem sinais de invasão.

— Tudo bem — rosnou. — Trato de ti mais tarde.

Primeiro queria visitar a mãe. Estremeceu perante essa ideia. Não estivera no cemitério desde que morrera o inútil do seu pai. Embora passasse pelo cemitério de St. Louis quase todos os dias, nunca fora um sítio onde passasse muito tempo. Fazia-o lembrar o pai e o gangue com que em tempos convivera. Um gangue que costumava assaltar turistas que ousavam entrar sozinhos no cemitério.

Mas agora iria visitar a sua mãe. Não estivera presente no funeral. O mínimo que podia fazer naquele momento era dizer-lhe que continuava a sentir a sua falta.

De coração pesado, caminhou os poucos quarteirões que separavam a sua casa de Basin Street e chegou à entrada de pedra do cemitério de St. Louis. A chuva já tinha desaparecido, como era frequente em Nova Orleães. Agora a atmosfera estava quente e pegajosa.

Uma vez que era manhã, os portões de ferro forjado estavam abertos. Como *Daemon* e Predador da Noite, Nick não deveria ter sido autorizado a caminhar sob a luz do dia, mas um poder superior poupava-o a essa maldição. Como Ash, podia andar à luz do dia e, ao contrário de outros Predadores da Noite, podia entrar num cemitério sem ser

Crescia dentro de si o receio do que o aguardaria no local de repouso da sua mãe. Mas, ao dobrar a curva para a sepultura de Cherise, estacou.



possuído pelas almas perdidas ali encurraladas.

Sem se deter, dirigiu-se para o mausoléu da família Gautier. Enquanto passava pelas sepulturas elevadas que faziam com que os cemitérios de Nova Orleães fossem conhecidos como cidades dos mortos, reparou em quantas delas ainda evidenciavam sinais do furacão. Nem o túmulo de Marie Laveau parecia tão pitoresco como fora antigamente. A muitas das sepulturas faltavam nomes, e pedras.

Crescia dentro de si o receio do que o aguardaria no local de repouso da sua mãe. Mas, ao dobrar a curva para a sepultura de Cherise, estacou.

Menyara Chartier, uma pequena afro-americana de aparência frágil, estava sentada na frente do túmulo a conversar em surdina com a sua mãe, enquanto ordenava um ramo de lírios brancos. A Sumo-Sacerdotisa vudu parou a meio de uma frase e voltou a cabeça como se soubesse quem ali estava.

— Ni... — franziu a testa, impedindo-se de dizer o resto do nome.

— Tia Mennie — disse ele, e a sua voz estrangulou-se à medida que encurtava a distância entre ambos. Menyara era a inquilina que morava no quarto ao lado daquele onde crescera, e a mulher que assistira ao seu parto, uma vez que a mãe não tinha dinheiro para pagar um hospital. Ela fora o mais próximo de uma família que Nick e Cherise alguma vez tinham conhecido. — Ainda aqui está.

Ela ergueu-se lentamente. Com menos de um metro e meio, não seria intimidante para ninguém com mais de cinco anos, e, no entanto, havia nela algo tão poderoso que nunca deixava de o subjugar. Sem pensar, ergueu-a nos braços e abraçou-a com força.

— Eu sabia que voltarias — disse ela em voz baixa, antes de o beijar na face marcada. — A tua mãe pediu-me que olhasse por ti.

Para qualquer outra pessoa, este comentário poderia ter parecido estranho. Mas Menyara era uma dotada clarividente. Sabia coisas que mais ninguém sabia.

— Eu não matei a minha mãe — disse ele, depois de a voltar a depositar no chão. Esse fora o horrível boato que circulara.

Ela deu-lhe uma palmadinha no braço.

— Eu sei, Ambrosius. Eu sei. — Voltou-se e indicou a sepultura. — Todos os dias vim aqui no teu lugar, para a Cherise perceber que não está sozinha.

Ele baixou o olhar para os molhos de flores arranjados em torno do túmulo e viu um pequeno grupo de rosas negras que desabrochavam num minúsculo talhão de terra.

— Trazes-lhe flores?

— Não. Só arranjo as que o homem de cabelos negros lhe manda.

Nick franziu o sobrolho.

— Homem de cabelos negros?

— O teu amigo. Acheron. Sempre que está na cidade, também a vem visitar. E, todos os dias, sem falta, manda flores para a tua mãe.

Sentiu o sangue gelar nas veias.

— Ele não é meu amigo, Menyara.

— Tu podes não ser seu amigo, Ambrosius, mas ele é teu amigo.

Sim, pois. Os amigos não lixavam os outros da maneira como Nick fora lixado por Ash.

— Não o conheces. Não sabes aquilo de que é capaz.

Ela abanou a cabeça.

— Ah, sei, sim. Até melhor do que tu, acho eu. Sei exactamente quem ele é e o que é. Sei exactamente o que pode fazer. E, mais importante, sei o que não pode fazer. Ou o que não se *atreve*. — Levou-lhe a mão à marca e as suas feições suavizaram-se, mas não disse nada sobre a sua presença. — Tenho-te observado, durante toda a tua vida. A tua mamã sempre disse que reages sem pensar. Sentes com demasiada profundidade. Sofres com demasiada força. Mas um dia, Ambrosius, verás que tu e o teu amigo não são assim tão diferentes. Que há muito de ti dentro dele.

— Não sabes do que estás a falar. Eu não abandono os meus amigos, e nunca os magoo.

Ela indicou as flores com um aceno de mão.

— Ele não te abandonou. Estava aqui quando o diabo soltou a sua fúria sobre nós. Acheron salvou-me a vida, e as vidas de muitos outros. Trouxe-nos comida quando não tínhamos nada para comer e impediu que a tua

casa se incendiasse. Não o julgues por uma única má acção, quando ele fez tantas outras boas.

Nick não queria perdoar Ash. Não depois de tudo o que acontecera. Mas, apesar da sua fúria, sentiu o coração abrandar ao saber que Ash estivera ali — que não abandonara a cidade.

— Porque me estás a chamar Ambrosius?

— Porque é isso que tu és agora. Imortal. — Tocou-lhe a marca da mordedura no pescoço. — O meu Nick foi-se. Enterrado por emoções tão grandes que troçam da profundidade do oceano. Sabes dizer-me se o meu menino alguma vez regressará para casa?

Nick queria amaldiçoá-la. Queria gritar, mas no fim sentiu-se como uma criança perdida que só anseia pelo toque da sua mãe. Um profundo soluço soltou-se do seu peito e, antes que se pudesse impedir, fez o que não fizera desde a noite em que encontrara a mãe morta.

Chorou. Só queria que aquela dor impiedosa dentro de si terminasse. Queria poder voltar atrás, ao tempo em que a mãe estava viva e Ash era seu amigo.

Mas como? Tinha mudado tanta coisa...

Menyara puxou-o contra si e abraçou-o com força. Não disse nada. Mas o seu toque acalmou-o mais do que quaisquer palavras.

Ela pressionou os lábios contra o alto da sua cabeça e deu-lhe um beijo suave.

— Foste um bom rapaz, Ambrosius. Cherise ainda acredita em ti, e eu também. Ela quer que esqueças a tua raiva. Que sejas feliz outra vez.

Ele recuou com uma praga ao ouvir as palavras que o recordaram de uma coisa que a sua mãe diria.

— Como posso esquecer tudo enquanto a minha mãe está morta?

— Como podes não esquecer? — insistiu ela. — Era a hora da tua mãe, a sua hora de deixar este mundo. Ela agora está mais feliz, porque pode olhar por ti e...

— Não me digas isso — disse ele, por entre os dentes cerrados. — Odeio quando as pessoas me dizem essa merda. Ela não está mais feliz. Como podia estar?

Menyara abanou a cabeça.

— Então sai daqui e não manches a sua paz com o teu ódio. O ódio não pertence a este lugar. A tua mãe merece melhor do que isso da tua parte.

Ele abriu a boca para falar.

— Não quero ouvir, e a tua pobre mãe também não, Deus tenha a sua alma em descanso. Agora vai-te, sai daqui. Não voltes enquanto não puseres a cabeça em ordem e não conseguires pensar noutra pessoa para além de ti. Estás a ouvir-me?

Nick franziu os olhos. Podia discutir com ela, mas sabia que não valia a pena. Não havia como falar com Menyara, quando estava com aquele humor.

Enojado com tudo aquilo, voltou-se e saiu sem qualquer destino em mente. Limitou-se a caminhar, seguindo a direcção do Conti. As ruas eram sinistramente familiares e ao mesmo tempo tão vazias. Naquela altura do ano, devia haver montanhas de turistas por todo o lado. Comerciantes a lavar os vidros das montras e os passeios à mangueirada.

Em vez disso, havia cones de sinalização cor de laranja e coisas em construção em todo o lado. O som dos martelos pneumáticos substituíra o do *jazz* matinal e das buzinas a apitar. A dor infiltrava-se em cada partícula do seu corpo...

Até atravessar a estrada para o Acme Oyster House, em Iberville. Quantas vezes ali comera? Quantas gargalhadas e cervejas ali tinha partilhado com a mãe e os amigos?

Parecia na mesma, apenas mais fresco, da reconstrução. Parou junto à montra, a ver os empregados recolherem os pedidos e as pessoas a conversar, até o seu olhar se deter na mesa ao fundo.

O seu coração parou de bater. Era Kyrian Hunter e a mulher, com a filha Marissa e um bebé que Nick nunca tinha visto antes. Estavam a rir e a conversar com outras pessoas a quem Nick chamara amigos, Vane e Bride, Julian e Grace. Mas o que o desorientou





absolutamente foi o facto de estarem numa mesa com Valério e Tabitha. Uma vez que Tabitha era irmã gémea de Amanda, isso não era de estranhar.

O que o deixava atordoado era Valério.

Inimigo mortal de Julian e Kyrian, a família de Valério ludibriara e matara Kyrian — e depois destruíra o povo e a nação que ambos tinham lutado e morrido para proteger. Durante séculos, tinham alimentado um ódio amargo um pelo outro.

E agora Kyrian estava a depositar o seu bebé no colo de um homem a quem em tempos jurara decapitar...

Como acontecera *aquilo*?

— Nick?

Sobressaltou-se ao ouvir o baixo murmúrio atrás de si. Era a meia-irmã de Stryker, Satara. Alta e deslumbrante, era o epítome da beleza e graça femininas.

Deu um passo atrás para os outros não o poderem ver ali na rua.

— O que estás aqui a fazer?

— Tive uma estranha sensação que emanava de ti e quis ver o que a provocara.

Nick detestava que o facto de partilhar sangue com ela lhe permitisse sentir estas emoções. Era irritante haver alguém que o conseguia ler.

— Nada. Vai para casa, Satara.

Ela inclinou a cabeça para o lado, como se olhasse para Kyrian e os outros lá dentro.

— É interessante, não é? Porque é que Acheron os trouxe de volta à vida quando morreram mas se recusou a fazer o mesmo pela tua querida mãe? Porque será que os escolheu em detrimento dela?

— Não preciso que venhas pôr o dedo nessa ferida.

— É verdade. De certeza que está ainda em carne viva.

Nem ela fazia ideia como.

— Mas — continuou ela, aproximando-se o suficiente para lhe sussurrar ao ouvido — porque hão de eles estar aqui, a viver felizes, enquanto a tua mãe está morta?

— Não comeces, Satara. Aque-

le homem e a família são a única coisa que me resta.

Ela ergueu a cabeça.

— São? E o que achas que dirão quando descobrirem que és um *Daemon* Predador da Noite? Que, por teu intermédio, o Stryker consegue ver e ouvir tudo o que fazem?

Nick começou a afastar-se, mas ela agarrou-o para o deter. As suas longas unhas enterraram-se-lhe no braço.

— A velha cabra vudu contou-te que Acheron esteve aqui a ajudar, em Nova Orleães, depois do furacão, mas contou-te quem é a mãe dele?

Nick ficou estupefacto ao ouvir as suas palavras.

— Ash tem mãe? Viva?

Ela sorriu.

— Oooh, mais um segredo que ele te ocultou, não foi? Grandes amigos que eram. Dá que pensar, não dá, que outras coisas não saberás a seu respeito?

Sim, dava mesmo. Soltou-se da mão que o prendia.

— Quem é a mãe dele?

— A deusa atlante, Apollymi. Mas é mais conhecida no mundo imortal como a Grande Destruidora.

— Destruidora?

— Sim. Ao longo dos séculos, sem precisar

de qualquer outra razão para além de não gostar do seu cabelo num determinado dia, tem soltado terríveis tempestades contra civilizações, e estava altamente aborrecida naquela noite em que

Desiderius andou a causar estragos aqui em Nova Orleães.

Nick ficou sem respirar ao recordar essa noite. Desiderius fora agente de Stryker, e fora ele que matara a sua mãe.

Satara aproximou-se para lhe sussurrar outra vez ao ouvido:

— E ela também é mãe do meu irmão Stryker. Sabes de quem estou a falar. O líder dos *Spathi Daemones*. Quem achas que segura a coleira do meu irmão? Quem achas que controla o exército do Stryker?

Nick sentiu a raiva crescer dentro de si perante todas as verdades que Ash ocultara, dele e dos outros.

— A mãe de Ash é a líder dos *Daemones*?

— É, sim. Agora sabes porque Ash tem tantos segredos. Que diriam todos vocês se soubessem que é a sua querida mãe que controla os vossos inimigos? Foi por isso que ele não falou a ninguém dos *Spathi Daemones* como Desiderius. E é por isso que fica sempre de fora em tais conflitos. Ele não é o mau da fita. A mãe é que é. Habitua-te à ideia. Ash tem mentido a todos desde o princípio. Artémis não o controla. Ele é que a controla. Ela vive no mais absoluto medo dele.

Nick lembrou-se da noite em que se suicidara na frente de Artémis. Satara tinha razão. A deusa ficara com pavor de Acheron e da sua reacção à morte de Nick. Fora apenas isso que a fizera reanimá-lo. Mesmo sendo contra as regras.

Ainda assim, não conseguia tirar as palavras de Menyara da cabeça.

— Menyara nunca se enganou a respeito de nada.

— Menyara nunca tinha conhecido um deus que consegue alterar os pensamentos e percepções dos outros. Pensa nis-

so, Nick. Quantas vezes os Predadores do Homem interferiram com os pensamentos de uma pessoa para a fazerem esquecer que viram qualquer coisa sobrenatural?

Mais vezes do que ele podia contar.

— Mas Ash sempre se refreou de o fazer.

— Isso é o que ele te diz. E, no entanto, quantas vezes as pessoas dizem uma coisa e depois fazem outra?

Mais uma vez, ela tinha razão.

Satara encostou-se a ele e esfregou-lhe os bíceps.

— Tu és abençoado com a verdade. Nada é o que parece, no mundo dos Predadores da Noite. Acheron tem enganado toda a gente... excepto a ti. A questão agora é: vais deixar que continue a magoar as pessoas a mando da

Ainda assim,  
não conseguia  
tirar as  
palavras de  
Menyara da  
cabeça.

sua mãe ou vais impedi-lo? Quantas pessoas mais terão de morrer porque Acheron é um sádico cruel? Acheron ou nós, Nick. Em que lado queres ficar?

No seu próprio. Os outros que fossem para o inferno. Mas não queria que ela soubesse isto. Pelo menos naquele momento.

Satara brincava-lhe agora com o cabelo.

— O Stryker deu-te um meio de te vingares. A única questão agora é saber se és homem suficiente para o aproveitares.

Ele franziu o lábio num trejeito de desdém.

— Eu não sou homem, Satara. Sou um imortal com poderes divinos.

Ela inclinou a cabeça para ele.

— E, desde que não te esqueças disso, Acheron é teu.

Nick olhou de relance para o restaurante e a verdade feriu-o duramente. Teria sacrificado Kyrian e a sua família

para ter a mãe de volta. Amizade era uma coisa. Família era outra. Embora Kyrian tivesse sido como um irmão, não era do seu sangue. Nick fora capaz de vender a alma por vingança, e assim continuava.

— Sê verdadeiro para connosco, Nick, e nós podemos dar-te o que mais desejas.

Nick soltou um riso escarinho.

— Tu não sabes o que eu quero.

— Sei, sim. Queres vingança e queres a tua mãe de volta.

— Eu consigo vingar-me.

— Verdade, e nós podemos devolver-te a tua mãe.

De que raio estava ela a falar agora? A cabra era maluca.

— Não sejas estúpida. A minha mãe morreu. Não há como voltar atrás.

— Não? Tu estás aqui, e no entanto já estiveste morto. — Ela estalou os dedos. No instante seguinte, apareceu um homem alto de cabelos negros ao seu lado. Com um metro e noventa e dois de altura, Nick não estava habituado a ter de erguer o pescoço para olhar para muitos homens, mas com aquele teve de o fazer. E, pelo azul luminoso dos seus olhos, Nick soube exactamente o que era aquele homem.

Um Predador de Sonhos.

Deuses do sono, eram enviados do Olimpo para ajudar e

Deuses do sono,  
eram enviados  
do Olimpo para  
ajudar e proteger  
os sonhadores.

proteger os sonhadores. E, por intermédio de um pacto com Acheron, muitos deles eram enviados para ajudar Predadores da Noite. Para os ajudar a recuperar, especialmente enquanto dormiam, de forma a poderem continuar a proteger a humanidade do mal que a perseguia.

Aquele não era o primeiro Predador de Sonhos que o abordara. Já mandara embora M'Adoc, quando o deus se oferecera para o ajudar a esquecer a dor pela morte da mãe. Nick não queria esquecer a mãe nem aquilo que acontecera.

Acenou com o queixo na direcção do recém-chegado.

— Não preciso da ajuda dele.

— Claro que não, Nicky. Mas Kratos consegue fazer a única coisa que nem Acheron consegue.

— O quê?

— Trazer uma alma do seu sono eterno e devolvê-la à terra dos vivos.

Nick não era tão estúpido que fosse comprar o que ela estava a querer vender.

— A que preço?

— Um acto de lealdade por nós. Tu levas a filha de Kyrian, Marissa, para Kalosis, e nós devolvemos a tua mãe a este mundo.

Ele continuava céptico.

— Não podes fazer isso.

Satara fez um sorriso presunçoso.

— Kratos. Uma demonstração, por favor.

Antes que Nick se pudesse mover, o Predador de Sonhos tocou-lhe. O seu toque queimou-lhe a pele, fazendo-a arder e formigar à medida que ele era assaltado por imagens. Viu a mãe num jardim, rodeada de rosas. O cabelo louro pela altura do ombro cintilava à luz, enquanto ela se ria de um grupo de crianças que brincavam à sua volta.

Uma lágrima correu-lhe pelo rosto ao ver novamente o seu rosto bondoso.

No mundo dos Predadores da Noite nada é o que parece.

Vida e morte tomam todo um novo significado perante este panteão de guerreiros imortais que lutam para proteger a humanidade das criaturas e demónios que atacam os humanos. Sherrilyn Kenyon arrasta os leitores para um mundo perigoso e sensual onde apenas o amor pode salvar os Predadores deles próprios.



Para mais informações consulte [www.saidadeemergencia.com](http://www.saidadeemergencia.com)

— Mãe — murmurou.

Ela ergueu a cabeça, como se o tivesse ouvido.

— Meu Nicky — sussurrou. — Tenho saudades tuas.

— Posso levar-te para o Submundo — disse o Predador de Sonhos. — Mas não vai ser fácil. — Depois largou Nick e a imagem da sua mãe desvaneceu-se instantaneamente.

Nick teve de se esforçar para conseguir respirar.

— Como é que eu sei que posso confiar em tí?

— Eu não tenho emoções. Só faço o que me mandam. A traição é para aqueles que têm alguma coisa a ganhar.

Era verdade. Os Predadores de Sonhos tinham sido amaldiçoados por Zeus para não sentirem nada.

Satara sorriu-lhe.

— É demasiado cedo, Nick. Eu sei. Vai para casa e descansa. Quando estiveres pronto para ter a tua mãe de volta, traz-nos Marissa.

Nick anuiu antes de lhe virar as costas e fazer o que ela dissera.

Satara franziu os olhos enquanto Nick desaparecia de vista. Ele estava a mostrar-se bastante teimoso, mas ainda podiam controlá-lo. Ele precisava que o sangue deles continuasse a viver e, enquanto o tivessem atado, não havia nada que pudessem fazer para se escapar.

Pelo menos, nada que não envolvesse suplicar a Acheron por ajuda e essa era a última coisa que Nick faria.

— Queres mesmo que traga a mãe dele de volta do Submundo? — perguntou



Kratos. — Isso vai exigir uma tremenda dose de cooperação da parte de Hades.

Ela fez um riso de troça.

— Claro que não. Ganhamos a Marissa e ele e a mãe que fiquem a assar no inferno. Mas tu és uma outra história. Quero-te nos seus sonhos, todas as noites, a trabalhá-lo. Ele tem fúria suficiente para te alimentar, meu Skotos. Joga com essa fúria. Fá-la crescer até o deixares disposto a fazer qualquer coisa para libertar a sua mãe e matar Acheron.

Ela viu a hesitação nos olhos de Kratos.

Enrolou o lábio num trejeito de desdém.

— Oh, não me digas que também te vais tornar um mariquinhas. Estou farta de homens fracos à minha volta.

Ele agarrou-a e encostou-a à parede.

— Não sou mariquinhas, Satara. Será melhor para ti que não te esqueças disso.

Ela abanou a cabeça.

— Para um deus sem emoções, parece-me bastante irritável.

Ele soltou-a.

— Estou a ficar farto de ti e do teu ódio. Até neste reino, é pungente.

— Deixa o meu ódio em paz. Não o quero diminuído. Lembra-te, Predador de Sonhos, eu também sou uma deusa. Brinca comigo e eu trago a fúria de Zeus sobre ti.

— Não passas de uma semideusa, e de uma serva, ainda por cima.

— Mas o querido vovô Zeus vai ter

uma audiência comigo e depois arranca-te a cabeça. Estás disposto a correr esse risco?

Ele deu um passo atrás e lançou-lhe um olhar que a fez perceber que devia ter cuidado enquanto dormisse, de futuro.

— Limita-te a fazer a tua parte, Kratos, e eu faço a minha. Os Oneroi não controlam os sonhos dos *Daimones*. Ajuda-me a manter Nick contra Acheron e eu dou-te um campo de acção nunca sonhado pela tua irmandade.

Kratos engoliu a promessa. Três semanas antes, ele era um dos Oneroi. Um servidor dos deuses que protegia humanos e imortais enquanto dormiam. Depois Satara convocara-o nos seus sonhos e transformara-o em Skoti. Seduzira-o com o seu corpo e fizera-o ansiar por emoções como por uma droga. Agora ele não suportava o vazio da sua existência. Só queria sentir, e estava disposto a fazer qualquer coisa para manter aquelas emoções recém-descobertas.

Ela tinha razão. Os seus pares não cavavam *Daemones*, e se eles tivessem apenas metade do poder sedutor de Satara, então ele teria um banquete ao alcance dos dedos.

E a única coisa que tinha de fazer era alimentar o Predador da Noite com fúria e sofrimento. Simples.

— Combinado, Satara. Dá-me o que preciso e eu dou-te o que tu queres.

Ela sorriu. O que ela queria era sim-

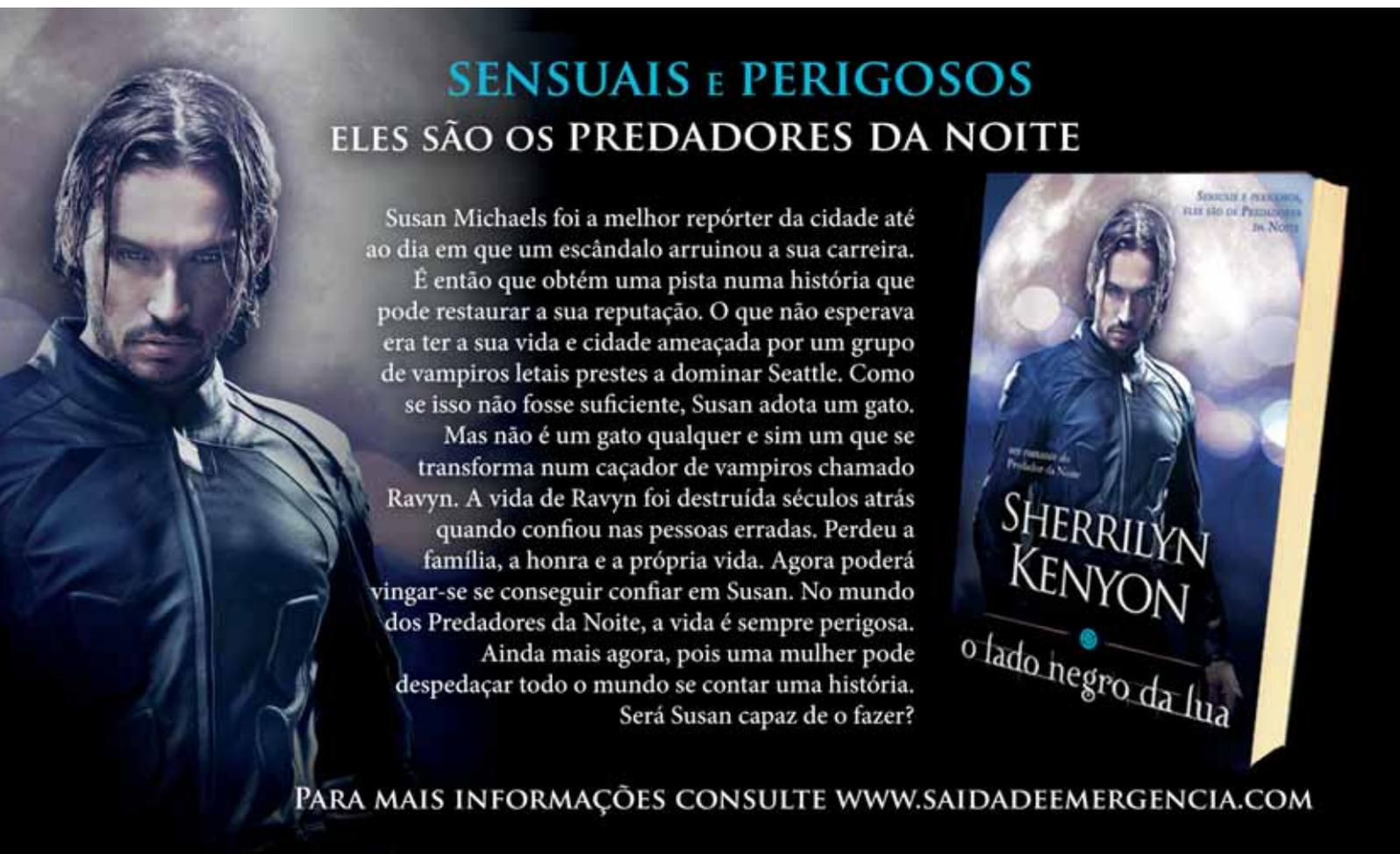
ples. A lealdade de Nick Gautier e a bebé Marissa. Com essas duas coisas, poderia derrubar tanto o panteão grego como o atlante.

Depois seria uma deusa, e faria Apollymi parecer uma fraca.

E Nick, Acheron e Kratos seriam seus eternos escravos. **BANG!**



A escritora norte-americana Sherrilyn Kenyon é uma das fundadoras do género do romance paranormal e conhecida pela sua aclamada série Predador da Noite sobre guerreiros imortais. Publicada em mais de trinta países, e com milhões de cópias vendidas, os seus livros têm presença garantida nos topos de vendas do New York Times, Publishers Weekly e USA Today. Uma autora de culto a nível internacional, escreve também romances históricos com elementos paranormais sob o pseudónimo Kinley MacGregor. Sherrilyn Kenyon vive em Nashville, Tennessee, com o marido, três filhos e os animais de estimação.



## SENSUAIS E PERIGOSOS

### ELES SÃO OS PREDADORES DA NOITE

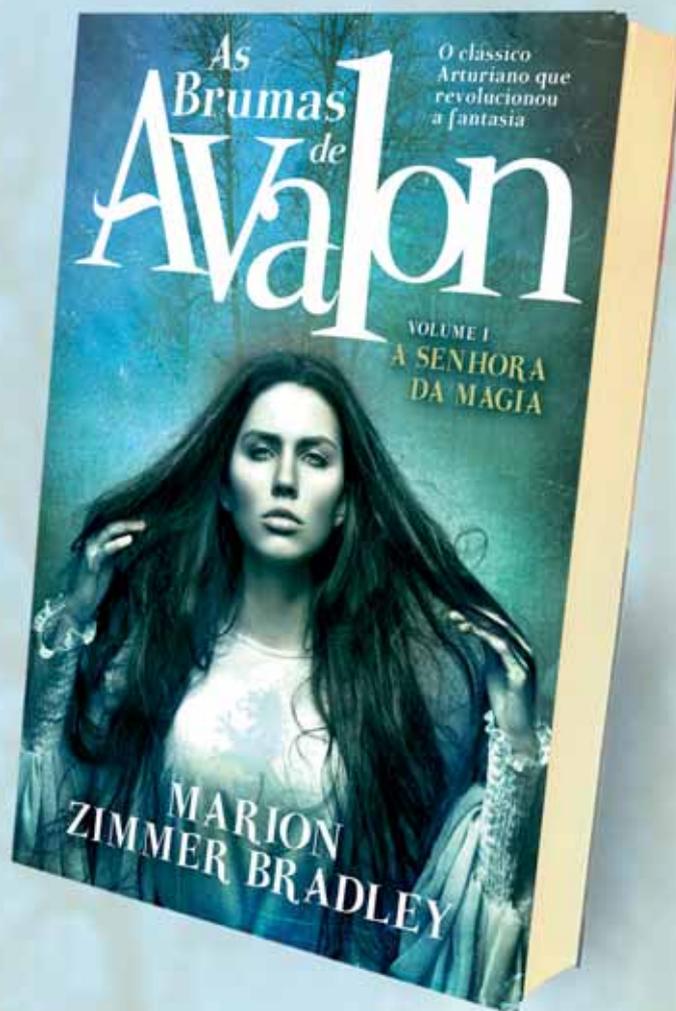
Susan Michaels foi a melhor repórter da cidade até ao dia em que um escândalo arruinou a sua carreira. É então que obtém uma pista numa história que pode restaurar a sua reputação. O que não esperava era ter a sua vida e cidade ameaçada por um grupo de vampiros letais prestes a dominar Seattle. Como se isso não fosse suficiente, Susan adota um gato. Mas não é um gato qualquer e sim um que se transforma num caçador de vampiros chamado Ravyn. A vida de Ravyn foi destruída séculos atrás quando confiou nas pessoas erradas. Perdeu a família, a honra e a própria vida. Agora poderá vingá-lo se conseguir confiar em Susan. No mundo dos Predadores da Noite, a vida é sempre perigosa. Ainda mais agora, pois uma mulher pode despedaçar todo o mundo se contar uma história. Será Susan capaz de o fazer?

SHERRILYN KENYON

o lado negro da lua

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONSULTE [WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM](http://WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM)

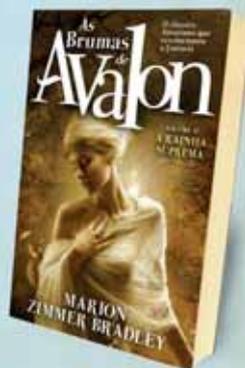
# O Senhor dos Anéis da fantasia arturiana



## As Brumas de Avalon

Descubra a história das mulheres que, por detrás do trono de Camelot, foram as verdadeiras detentoras do poder.

E não perca o próximo volume  
*A Rainha Suprema*  
já nas bancas em Maio de 2012



Para mais informações visite-nos em  
[saidadeemergencia.com](http://saidadeemergencia.com)

  
SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina

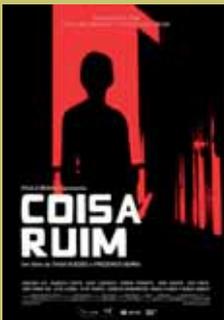
SPLITSREEN

[splitscreen-blog.blogspot.com/](http://splitscreen-blog.blogspot.com/)

COISA RUIM (2006)

TIAGO GUEDES E FREDERICO SERRA

★★★★★



Numa altura em que se fala da perda da identidade nacional, *Coisa Ruim* explora o horror no cinema português mantendo sempre a personalidade como um dos mais atípicos objectos do seu cinema. Através do ocultismo, superstição, folclore popular e religioso e das lendas, entramos no domínio da crença de uma forma tão original quanto madura. Uma primeira e ambiciosa obra de Tiago Guedes e Frederico Serra que através do argumento de Rodrigues Guedes de Carvalho, que absorve influências de grandes mestres do suspense como Alfred Hitchcock ou Roman Polanski consegue criar um mosaico de personagens

tão verdadeiras quanto portuguesas. Um filme a (re)descobrir porque o verdadeiro preconceito nasce da ignorância. / Tiago Ramos

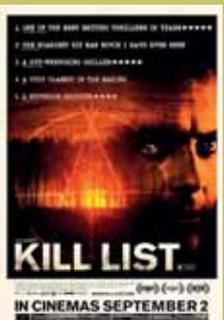
KEYZER SOZE'S PLACE

<http://sozekeyser.blogspot.com/>

KILL LIST (2011)

BEN WHEATLEY

★★★★★



Bem-vindos ao *neo-noir* de horror britânico, onde a crítica às "enfermidades" das sociedades contemporâneas é personificada por dois assassinos profissionais com passado obscuro, encarregues de abaterem alvos simplesmente identificados como Padre, Bibliotecário e Membro do Parlamento — indubitavelmente, três metáforas aos principais poderes institucionais — e que enfrentam, num sangrento e visceral terceiro acto, forças reminiscentes às de *THE WICKER MAN* (1973).

Como se pode depreender, não estamos perante um filme de terror no sentido convencional do termo: a estrutura narrativa elíptica, a sua aparente incoerência e um argumento que, teimosamente, não providencia respostas, fazem com que o irascível e surpreendente climax de *KILL LIST* potencie a sua "candidatura" a filme de culto. Sem moralidades políticas nem pendões estéticos claramente reconhecíveis, Ben Wheatley concebe uma obra de horror moderno que tanto pode ser o perfeito *midnight movie* para Halloweens vindouros, como o prenúncio de uma nova e revigorante faceta do género. / Samuel Andrade

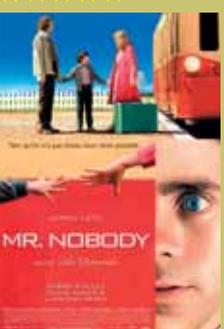
ANTE-ESTREIA

<http://antestrelia.blogspot.com/>

MR NOBODY (2009)

JACO VAN DORMAEL

★★★★★



Nemo está a contar a história da sua vida a um jornalista. Divide-a em três etapas cruciais: aos 9 anos, quando os pais se separaram; aos 16, quando o seu coração tomou um rumo e aos 34, quando percebeu os erros de toda a vida. Só que em cada uma dessas etapas ele vai viver não uma, mas dezenas de vidas, fazendo com que se cruzem numa infinidade que nenhuma pessoa sozinha conseguiria viver. Porque ele não é apenas um, ele é a memória de todos nós. É o humano mais velho e o último da espécie.

Porque devemos viver apenas uma vida? Se somos o último de uma espécie, não deveríamos ter o privilégio de saborear todas as existências que quisermos da Humanidade? Cabe-lhe ter essa derradeira vida. Plena. É todos e não é ninguém num filme confuso e brilhante que pode ser visto vinte vezes com conclusões diferentes. / Nuno Reis

# ARQUIVO MORTO

*Arquivo Morto é uma série de terror em BD. Numa sociedade de consumo desenfreado, o desafio é conseguir envolver – e satisfazer – o leitor em apenas uma ou duas páginas. Para este efeito, Paulo Stenzel mistura o poder de síntese, aprendido em quase 20 anos a trabalhar em publicidade, com temas clássicos do terror e do fantástico. A riqueza dos detalhes e a opção do preto e branco, nas ilustrações de Gilmar Fraga, completam o ambiente denso e sombrio das histórias. Apesar de curtas, as histórias convidam a uma atenta apreciação, pois cada nova leitura proporciona uma nova descoberta: seja na subtileza oculta nos textos, seja nos pormenores incluídos nas ilustrações. BANG!*



Gilmar Fraga é ilustrador, caricaturista e artista plástico premiado em salões de humor brasileiros e internacionais. O seu gosto pelo desenho vem desde a infância e a sua curiosidade em experimentar novas técnicas e materiais reflecte-se no ecletismo do seu trabalho. Já ilustrou mais de 15 livros, dezenas de BDs e muitas outras publicações. Publicitário de formação, mas apaixonado por ilustração editorial, trabalha desde 96 no maior Jornal do sul do Brasil, Zero Hora, em Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, onde ocupa o cargo de editor adjunto de arte.



Paulo Stenzel trabalhou, como redactor e director criativo, em mais de uma dezena de agências de publicidade no Brasil e em Portugal; e como apresentador e redactor do programa Zinco Quente (TV Unisinos – Brasil). Na música, fez parte de uma popular banda brasileira de punk rock. Actualmente, dedica-se aos seus estilos de eleição: o terror e o fantástico. As suas actividades mais recentes incluem dois filmes (em processo de produção), o guião do episódio piloto de uma série televisiva, um romance de terror a ser publicado em 2013 e ainda dois projectos de BD, sendo um deles este que é agora apresentado, em primeira mão, na Bang! .

# Arquivo Morto

Paulo Stensel  
(texto)  
Gilmir Fraga  
(arte)

# IR PAR

OLAF VIVIA  
OBCECADO POR  
UMA RELIGIOSIDADE  
INVENTADA POR  
SI PRÓPRIO.

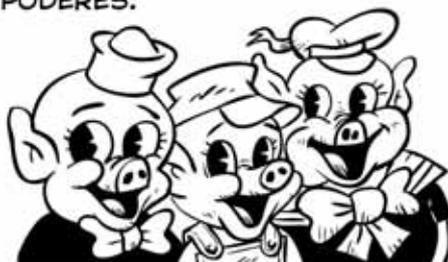
IRON MAIDEN  
666

A SUA CRENÇA  
INCLUÍA UMA  
FIXAÇÃO DOENTIA  
POR NÚMEROS  
ÍMPARES:

UM, O NÚMERO QUE REPRESENTA  
O DEUS ÚNICO, O HOMEM, O  
PILAR QUE TUDO SUSTENTA.



TRÊS, A TRINDADE, A RESSURREIÇÃO DE CRISTO NO TERCEIRO DIA, A UNIDADE FAMILIAR, OS TRÊS PODERES.



CINCO, O NÚMERO DO  
PENTAGRAMA, DOS  
CINCO ELEMENTOS.

SETE, O ÚNICO NÚMERO  
SAGRADO EM TODAS AS  
CULTURAS.



NOVE, O NÚMERO DE TUDO  
O QUE É NOVO, DO PERÍODO  
DA GESTAÇÃO HUMANA.  
O PRÓPRIO NOME CONFUNDE-  
SE COM "NOVO" NA MAIOR  
PARTE DAS LÍNGUAS.



NOVE, O NÚMERO QUE  
ASSINALA A TRANSIÇÃO  
DE UMA FASE DO  
DESENVOLVIMENTO  
ESPIRITUAL PARA OUTRA.

NOVE!

E, GRITANDO O NOME DO NÚMERO,  
O OBSESSIVO HOMEM LEVANTOU  
O MACHADO E DESFERIU  
UM GOLPE FIRME E CERTEIRO.  
SEM NENHUMA MANIFESTAÇÃO DE  
DOR, OLAF APENAS ERGUEU A MÃO  
MUTILADA E COBERTA DE SANGUE  
E SORRIU. JÁ NÃO TINHA  
MAIS DEZ DEDOS.

# Arquivo Morto

Paulo Stenzel  
(texto)  
Gilmar Praga  
(arte)

O MAIS RECENTE  
INTERNO DO  
HOSPITAL  
PSIQUIÁTRICO  
INSISTIA EM DIZER  
QUE ERA UM  
LOBISOMEM.

DURANTE MUITAS  
SEMANAS, ISTO SERIA  
MOTIVO DE PIADA...  
SERIA.

NO ENTANTO, AO  
AMANHECER, DEPOIS  
DA PRIMEIRA NOITE  
DE LUA CHEIA...

...SE TIVESSE  
RESTADO ALGUÉM  
PARA RIR,  
CERTAMENTE  
NÃO ACHARIA  
GRAÇA NENHUMA.  
POR TODO O  
HOSPITAL, PEDAÇOS  
DE CORPOS  
DILACERADOS  
TORNAVAM DIFÍCIL  
A CONTAGEM  
DAS VÍTIMAS:  
QUARENTA E OITO  
MORTOS E UM  
DESAPARECIDO.

# OS LIVROS DAS MINHAS VIDAS

TEXTO DE  
LUÍS FILIPE SILVA

«Na literatura, como no amor,  
ficamos espantados com as  
escolhas dos outros.»

– André Maurois

## 1. *Havia um muro.*

(A caneta detém-se a poucos milímetros da superfície. Cada palavra determina um rumo – encerra possibilidades – compromete, não o texto que passou, mas o que vem a seguir. A página em branco está no início de tudo, mãe de todas as obras, clássicas e ignoradas. Mãe do universo. A caneta vacila. No útero, o texto ainda é perfeito. Dar-lhe forma vai retirar-lhe força e substância, e banalizá-lo com tiques de idioma e circunstâncias temporais da fala. A escrita está para a ideia como o adulto está para a criança: uma versão enrugada, amolgada, inútil da promessa.

Mas não há outro veículo.

A caneta pausa.)

2. *Começo:* o leitor depara-se com a página escrita, com a *performance* ensaiada. Não pondera as possibilidades – excepto se for um crítico atento – que se despegam vertiginosamente da narrativa à medida que avança.

*Risca. Começo:* viagem – expe-



«É uma vida boa»  
– e outros contos  
magníficos da época  
dourada da FC



Anuncia-se o culpado  
na frase de abertura –  
e nem por isso deixa  
de ser fascinante.

riência – ilusão: a leitura ocorre num espaço muito próprio, entre o sonhar acordado e o estar atento, formando memórias que não são íntimas sobre pessoas e lugares e eventos que não existiram.

*Risca. Começo:* as leituras divertidas trazem uma bagagem recheada de emoções, deslumbram com truques de magia. As leituras importantes transformam o leitor: ao levantar os olhos, é agora capaz de ver o que antes lhe estava oculto.

*Risca. Começo:* a experiência da leitura é única, íntima, solitária. Não há escritor mediano que não tenha sido leitor exímio, como não há carpinteiro que não entranhe primeiro a natureza das árvores.

*Anotação na margem:* «O universo é pequeno, só os planetas são grandes», disse Clarke. Mas também se aplica aos livros.

3. Onde estão elas, essas personagens com quem passei tantos dias? Onde está a Zé e o Tim, o Gordo e o grupo dos Sete? Assentaram na vida, engordaram, tiveram filhos, tomarão medicamentos? Sentem-se mais perplexas pela declaração do IRS do que pelas luzes em faróis abandonados e vultos na noite? E o Langelot, o que é feito dele? De trás da secretária, director de uma empresa de segurança privada, a

analisar gráficos de rendibilidade – os olhos cavados de não dormir, aquele tremor constante no pulso que o retirou do activo, incapaz de acertar no alvo à distância de antigamente? *A vontade guia a bala.* Que vontade te guia agora?

Conta-me um segredo que só os escritores conheçam, avô – e o avô pensou e disse: as personagens podem calar-se mas nunca se vão embora.

E assim comecei a acompanhar os Cinco em aventuras decalcadas mas com ligeiras transformações. Combati os Fios ao lado de F'lar e apoiei Jaxon na difícil conquista do crescimento – nada encanta mais um adolescente do que aquele momento em que outro adolescente encontra a sua razão de ser no mundo. Mergulhei incauto nas águas turbulentas das colecções existentes, em romances para adultos a transbordar de conceitos novos – engenharia genética, mecânica quântica, velocidades relativísticas, controlo populacional, drogas, sexo, relacionamentos, organização social, política –, fruto de décadas de debate literário e da revolução dos anos 60, apresentando um manancial vasto de visões e conhecimento, além dos subúrbios enfadonhos, do existir mundano num país da periferia. Havia

um muro, e era o estar preso a um idioma, a uma terra, a uma função do ser – condenado à morte sem apelo, a uma breve passagem pelo palco que transborda de improvisadores, condenado a saltar e jogar as mãos ao alto e berrar como um louco, sem poder fugir ao sádico Dramaturgo que, escondido pelos holofotes, vai traçando riscos no rol de personagens. Ridículos seres envoltos na carapaça de um fato espacial, saltando de órbita, preocupados em sobreviver à entrada na atmosfera apenas para aceitar a certeza do solo. *Ecce homo*.

4. Havia o muro – e depois havia a literatura.

5. A literatura de escadote às costas, subindo a parede, olhando do alto, a assobiar descontraidamente, enfrentando o esquecimento com um encolher de ombros. Infantil e frágil Humpty Dumpty, equilibrada entre linguagem (que não perdura) e formato (que se desfaz), e todavia confiante que não vai quebrar-se. Descobridor-te, espantada, debruçando-se sobre ti, descendo o corpo serpenteante, fixando aqueles olhos morenos que contêm constelações, estendendo mãos que tapam o horizonte e contudo cabem na tua.

«Ninguém, nem mesmo a chuva, tem mãos tão pequeninas.»

A voz dela faz tremer o muro, ecoa no ar, tão suave que mal se ouve.

Diz: *sobe, criatura humana. A tua espécie evolui passo a passo. Não temerás nenhum mal. A tua vida é uma parte da vida do Universal. O teu nome é legião.*

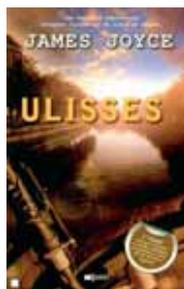
Diz: *o medo sufoca o espírito. Que passe por ti e através de ti, e no fim só tu restarás.*

Diz: *até a solidão tem um fim, se fores bastante solitário durante bastante tempo.*

6. Diz-me antes, o que há do outro lado

*Criança eterna, tão mal te fica o bibe na meia-idade*

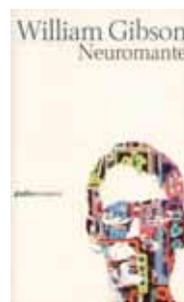
do muro



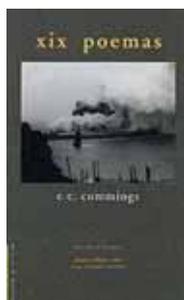
A versão de António Houaiss.



Se apenas vos deixarem levar um romance para a ilha deserta...



O século XXI começou aqui



(pois deus ama raparigas e amanhã e a terra)

*Não vejo muro algum*

em que te sentas

*Toca-lhe*

aqui... ãh?

7. O tijolo desprende-se cai na mão

um livro

o aroma de papel impresso identifica a edição e recorda a capa antes de olhar, momento *madeleine*, um daqueles cartazes de cinema em que o filme se impôs ao romance: uma mulher fuma, um homem empunha a arma enovelado (na mulher?) no fumo do cigarro, entre ambos espetam-se os zigurates futuristas de uma metrópole sobrepovoada, cá em baixo, envergonhado pela designação publicitária, o título original espreita

a presença do lar de antigamente, o sabor da juventude, o prazer de uma colecção de Ficção Científica construída aos poucos

8. São livros. A argamassa cede vez a prateleiras. Esticas o pescoço mas não encontras o fim, encostado assim à imensa estante. Mas afinal, estás deitado e os livros forram a superfície de um terreno que se estende até minuar na impossibilidade da vista. Eis Trantor da literatura, mas aquele mundo é mais vasto. Encontre a Biblioteca.

Encontre-a nas páginas de um conto publicado na *Interzone*, ainda não conhecias tu as paisagens só vistas por aqueles cristalinos olhos argentinos. Entender o livro como uma sequência de letras, meros caracteres. Sujeito como todos os arranjos numéricos à matemática combinatória. Desprovido de intenção, desnudo de sentido, esqueleto que se veste somente quando é lido. Todas as hipóteses possíveis no interior de poucas centenas de páginas. Todas as histórias, todas as verdades e todos os enganos e todas as respectivas provas e seus desmentidos. Todas as versões de todas estas com gralhas e variações, multiplicadas por milhentos idiomas – existentes ou inventados. Todos os volumes que con-

têm a lenta transição, letra a letra, entre um romance e outro – qual imagem que se forma e deforma num ecrã ao sintonizar-se o canal. As biografias de toda a gente que existiu ou existirá. A minha história. A tua. Todas as vidas que nunca teremos.

É sublime. É avassalador. Sentes-te tonto, ajoelhas no chão de lombadas. Nunca imaginaste nada assim. Não sabias que ignoravas, que era importante. *Seguras o infinito na palma da mão*. Descreves o inconcebível com a simplicidade de um número.

Antes da percepção terrível.

Antes do som do Relógio.

9. Dantès precisou de cento e cinquenta volumes para alcançar a sabedoria. Quantos custará a tua? Qual o preço das frias equações?

10. (Considerando uma parábola de Grimm) Imagina que uma águia ascende ao topo da montanha, para afiar o bico, e que o faz apenas uma vez por ano, a cada ano que passa. Ao morrer, outra águia sucede-a, e assim por diante. Quando a montanha, por esse processo, ficar totalmente gasta, terá passado apenas um segundo da eternidade. (Pois, mas nem assim teremos percorrido uma estante inteira da Biblioteca)

(Para um entendimento mais íntimo, há que recorrer à Ficção Científica)

Uma cave escura. Uma faixa de luz solar, no chão, indica o traço de uma porta. Está trancada.

Uma figura esgravata contra a abertura. Bate na porta, procura enfiar os dedos, a cara, todo o corpo naquele mísero centímetro. Dói escutar-lhe o pranto. Dói mais ao perceber que se trata de uma criança. Uma menina.

Não falas, observas. O tempo passa – não muito tempo – e finalmente o sol desaparece, a luz fica cinzenta. Ressoam trovões, o som da chuva.

Pouco depois, a porta abre-se. Crianças envergando uniformes escolares encaram-na mudas, assustadas. Envergonhadas. A me-

nina arrasta-se para fora do espaço. E tu lembras-te do conto.

Fecharam-na ali para lhe ensinarem uma lição, e entretanto o sol despontou. O sol que conheciam apenas dos manuais. Aquele sol que rompia a camada de nuvens uma vez a cada cem anos.

Abandonaram-na ali no escuro, esquecida, enquanto corriam para o recreio aproveitar o momento que não voltaria a acontecer nas suas vidas. O mundo avança sem ti.

*Tiquetaque.*

11. As páginas voam. «Eunice Parchman matou a família Coverdale porque não sabia ler nem escrever.» Mais. «Nunca mais viu Molly.» Mais. «Não há nada tão veemente quanto um interesse fixo disfarçado de convicção intelectual.» Mais. «Agora, *sim*, Deus existe!» Mais. «Entre uma e outra todos os dias são meus.» Mais. «As três figuras com armadura entraram pela escotilha aberta da *Boise*, desligou-se o raio-tractor e o velocirápido fugiu num clarão da supernave agora estacionária.» Mais. «Faziam parte daquele mundo, de todos os mundos, pois ao atravessarem o buraco branco a substância que os formava dispersara-se.» Mais. «Contra a estupidez, até os deuses lutam em vão.» Mais. «Sete tributários desacoplam-se da mente=social e biblioteca e navegam por transbordador para o Mundo-Escola, onde são carregados num corpo somático, um modelo antigo, físico, com oito pernas vermelhas, compridas e flexíveis, tornando-se Nós.» Mais. «Mentes que estão para as nossas como estamos para os animais abatidos, intelectos vastos e frios e antipáticos, observavam este planeta com pensamentos gananciosos.» Mais. «O inferno é vermos nos olhos dos outros.» Mais.

*Tiquetaque.*

12. Nunca se encontrarão. John Carter nunca defrontará moínhos, imaginando monstros. Bloom não precisa de guiar os Fremens. Karenina não é salva por Holmes. Seldon não abandona o seminário açoriano em busca de trabalho nas Américas. O primo Basílio não tem Hyde como contraparte. Onde vivem, é sempre Verão, sempre Inverno, as mesmas ruas, os mesmos passos e falas, no conforto redutor do espaço finito a que infinitamente os condenámos.

13. Quem escreveu isto?

*O quê?*

«A manhã surgiu sobre a Cidade da Carne como um bálsamo tardio.»

*Não diz?*

A capa está em branco, nem sequer tem título.

*Bem, nesse caso... coloca aí o teu nome.*

14. Deixemos a triste e ridícula figura lutar inutilmente contra a aproximação do Relógio e consideremos uma perspectiva mais vasta. Despejemos vários séculos neste aleph de bolso, agitemos-os bem. O que fica?

Formigas agitam-se, espavoridas, ante mudanças de formato, e muito se brada sobre papel e electrónica, sobre ecrãs e tinta, sobre uma tempestade que ainda nem acabou de passar. Muito se brada sem dizer que a tipografia existe apenas há quinhentos anos, que o romance pariu-se há pouco mais de século e meio, e que o livro-de-bolso, coitado, ainda nem largou as fraldas. A verdade (que nenhuma geração assume) é que o mundo começa na data em que nascemos e tudo o mais são enredos, as eras passadas nada têm para ensinar, a vida é para olhar em frente!

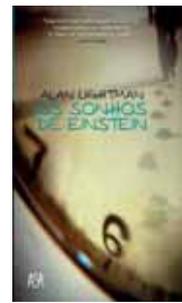
O que será de ti, Literatura, penso agora, quando te considerarmos dispensável?

Quando ler for um hábito do passado, quando a tecnologia nos entregar quem leia por nós e resuma, sintetize, explique, traduza, aqueles milhentos parágrafos que não conseguimos *arranjar tempo* para decifrar. Ler, que maçada! Que coisa antiga, ultrapassada, *démodé*. Senhores e senhoras, se ler fosse essencial à espécie seria uma aptidão inata, genética, e não algo que é preciso ensinar e investir o dinheiro&esforço&etc do nosso colectivo, não concordam?

15. (*Ah! Lá está ele com invenções de coisas que nunca acontecerão!*)

Conta-me um segredo que só os escritores de Ficção Científica saibam, avô – e o avô pensou e disse: a tua ficção nunca será tão implacável quanto a realidade.

16. É bem possível que tivessem como expectativa outro percurso de viagem. Mas pediram-me mapas e não sou cartógrafo. Se querem chegar a horas,



Se apenas vos deixarem levar um romance para a ilha deserta...



O século XXI começou aqui

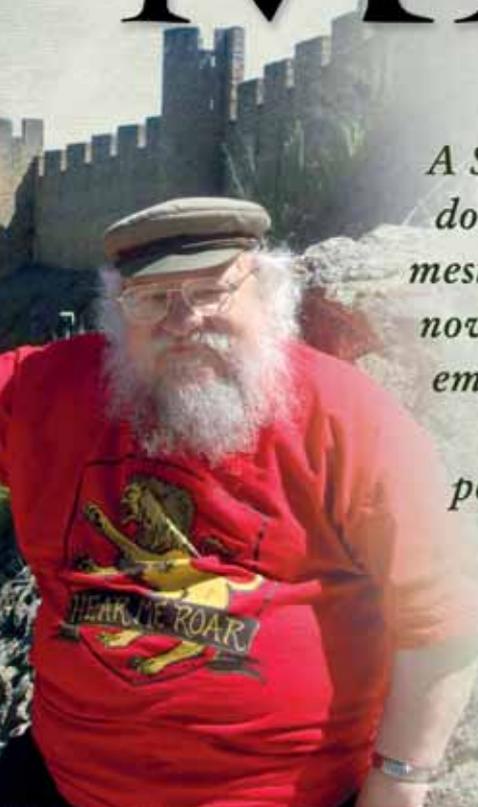
não perguntem a mim, pois vagabundeio. Opto por uma das estradas que cada cruzamento me oferece, jamais sabendo se foi a errada. Talvez erre continuamente em torno da cidade, agora perto, agora longe. Teria já chegado a algures se tivesse método? Mas isso interessa, realmente? Lembrem-se que até no caminhar ébrio se encontra matemática.

Vejo-vos a observar as minhas mãos. Procuram nomes de terras, auto-estradas, títulos, autores. Procuram e não encontram: um mapa, uma bússola. Está tudo aqui, tudo aqui. Tudo o que posso dar, tudo o que vale a pena dar. Tudo nestas mãos – *vazias, como sempre*. **BANG!**



Luís Filipe Silva escreveu quatro romances (*O Futuro à Janela* recebeu o Prémio Caminho de Ficção Científica 1991) e publicou dezenas de contos em edições lusófonas e estrangeiras (Espanha, Dinamarca, Sérvia, E.U.A.). Também organizou as antologias “Por Universos Nunca Dantes Navegados” com Jorge Candeias e “Vaporpunk” com Gerson Lodi-Ribeiro.

# TOUR 2012 EM PORTUGAL DE GEORGE R. R. MARTIN



*A Saída de Emergência tem o prazer de anunciar que um dos seus autores mais populares e um dos mais reputados mestres do género da literatura fantástica irá honrar-nos de novo com uma visita a Portugal. Tendo já estado presente em 2008, o autor de As Crónicas de Gelo e Fogo regressa em Abril para falar das suas mais recentes edições portuguesas e o trabalho que a HBO tem desenvolvido na adaptação televisiva de A Guerra dos Tronos.*

*Os interessados em comparecer aos eventos públicos podem marcar na agenda as seguintes datas:*



## ABRIL

D S T Q Q S S

01 02 03 04 05 06 07

08 09 10 11 12 13 14

15 16 17  21

22 23 24 25 26 27 28

29 30

### 18 DE ABRIL

*- Teatro Villaret, Lisboa, a partir das 18h30 - Sessão de apresentação de "O Cavaleiro de Westeros & Outras Histórias" e pré-venda exclusiva do livro com sessão de autógrafos (entrada livre)*

### 19 DE ABRIL

*- Evento Syfy: Ante-estreia do 1º episódio da 2ª temporada de "Game of Thrones" numa sala de cinema em Lisboa (por definir) - 21h seguida de sessão de perguntas & respostas com autor (entrada limitada)  
Mais informações brevemente em: [www.syfy.pt](http://www.syfy.pt)  
[www.facebook.com/syfypt](http://www.facebook.com/syfypt) e [www.twitter.com/syfypt](http://www.twitter.com/syfypt)*

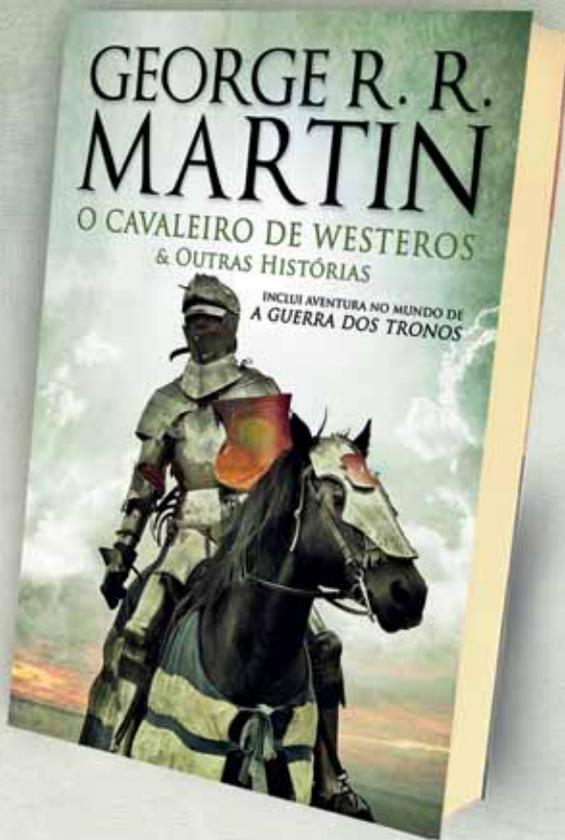
### 20 DE ABRIL

*- Sessão com fãs na Fnac Norteshopping, Porto - 19h com sessão de autógrafos limitada a 2 livros por pessoa (edições da SdE)*



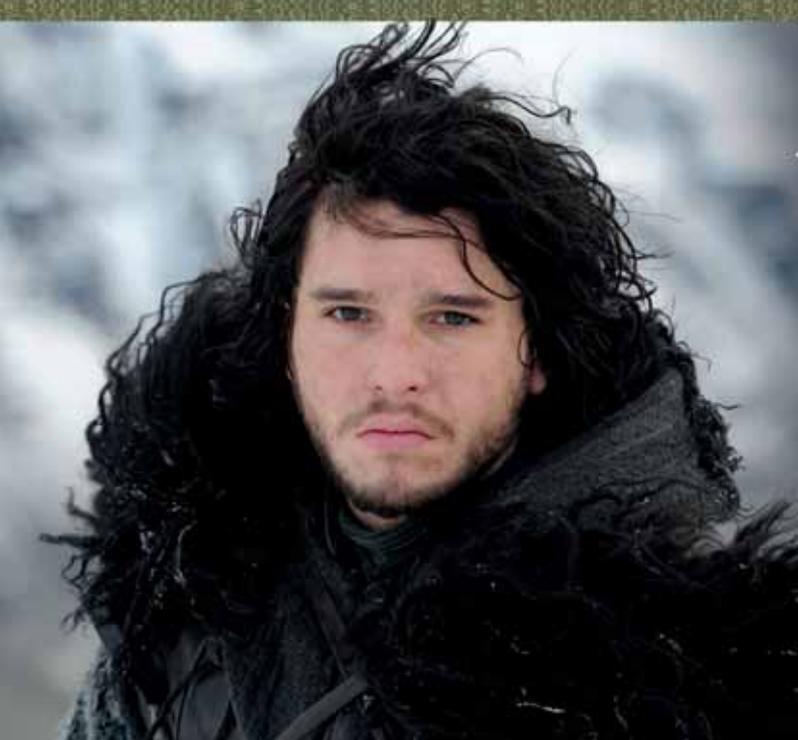
LIVRO EM PRÉ-VENDA  
EXCLUSIVA NO TEATRO VILLARET,  
DIA 18 DE ABRIL

Sessão de autógrafos com **George R. R. Martin**:  
Só será permitido um autógrafo por pessoa,  
ou dois autógrafos no caso de ser adquirido o exemplar  
*O Cavaleiro de Westeros & Outras Histórias*  
em pré-venda exclusiva.  
O autor não irá autografar edições estrangeiras  
ou que não pertençam à editora Saída de Emergência.



Cerca de um século antes dos eventos narrados em *A Guerra dos Tronos*, um jovem escudeiro parte em busca de fama e glória num dos mais famosos torneios de Westeros. Mas o destino prega-lhe uma partida e coloca-o no caminho de um rapaz misterioso que irá mudar a sua vida para sempre. A não perder para os fãs da melhor série de fantasia da actualidade.

*O Cavaleiro de Westeros* faz parte desta colectânea com os melhores contos de George R. R. Martin. Nela encontrarão também uma cidade dominada por uma elite de lobisomens, onde ocorrem horrendos acontecimentos; um magnata excêntrico com gosto por espécies exóticas que vai ser confrontado com o que não esperava; um padre em crise de fé num mundo distante; uma mulher que vasculha universos em busca do amor perdido; ou um homem que se vê confrontado com a derradeira escolha, num mundo em que o fim da vida não equivale necessariamente à morte. Dez histórias nascidas da imaginação do criador de *As Crónicas de Gelo e Fogo*.



*A Guerra dos Tronos*  
regressa à televisão  
com novos episódios  
a 23 de Abril  
no canal Syfy

**Syfy** **meo**  
o comando é meu

# as PORTAS do Diabo

DAVID SOARES

**D**iz a sabedoria popular que as mãos ociosas são o instrumento do Diabo; e é neste chavão que reside a noção, difundida pelas fés de raiz ou têmpera protestante, de que a ociosidade é um pecado. Esta ociosidade, contudo, difere do pecado mortal da preguiça – que não é uma preguiça do corpo, mas do espírito: a falha em realizar os propósitos de Deus. Com efeito, no que concerne à preguiça e à divagação, o cristianismo é relativamente benevolente, de acordo com a ideia da divina providência, que cuida de todas as criaturas sem que estas precisem de laborar. Coteje-se esta concepção com a do Diabo trabalhador, frequente tanto nas fontes populares como nas eruditas, embora seja nas primeiras que os relatos fabulosos de diabos construtores reverberem com maior vigor o espírito do seu tempo.

Não deixa de ser revelador da real diferença de atitudes em relação à ociosidade “malandra” e ao pecadilho canónico da preguiça, mesmo em culturas onde o protestantismo medrou com mais viço, como as do Norte da Europa. Encontramos um excelente exemplo dessa dicotomia numa cândida gravura incluída no livro *Historia de Gentibus Septentrionalibus (História das Gentes do Norte)*, publicada em 1533 por Olaus “Magnus” Mansson. Nesse desenho, três demónios do Inferno parecem genuinamente felizes em ajudar os homens a realizar traba-

lhos pesados, como extrair minério, varrer o estábulo e tratar dos cavalos e, ainda, remar um barco cheio de passageiros, ao mesmo tempo que, por artes mágicas, se produz um clima agradável à viagem. Extraordinária é, também, a carroça voadora – com passageiros – que é puxada pelos ares por um demónio serpentiforme que faz lembrar os dragões chineses ou, com as devidas distâncias, o dragão Falkor do livro *Die Unendliche Geschichte (A História Interminável)* do escritor alemão Michael Ende (1979) – centenas de anos antes do advento da aeronáutica, consiste numa representação inesperada. Porém, a mais conspícua representação do Diabo construtor é a de *pontífex: fazedor de pontes*.

Existem imensas histórias sobre pontes construídas pelo Diabo – em alemão são tão numerosas que cunharam um adjetivo próprio: *teufelsbrücke (pontes do Diabo)*. Na Suíça há uma ao lado da casa em que nasceu Paracelsus; e em França uma ponte fortificada do século XIV, a Pont de Valentré da comuna meridional de Cahors, cujos arcos góticos sustentam cinco belíssimos torreões, é tida como uma das obras-primas do Diabo e para que ninguém se esqueça de quem foi o construtor, pode ver-se, empoleirada numa das esquinas superiores do torreão central, uma escultura de um diabo atrevido, entre o réptil e o primata. Uma das pontes fortificadas mais célebres da literatura fantástica e que me evoca a Pont de Valentré, uma das mais magníficas

e bem-conservadas pontes fortificadas, é a formada pelo conjunto de ponte e duas torres, chamado *The Twins (As Gémeas)*, integrante na série de fantasia *A Song of Ice and Fire (As Crônicas de Gelo e Fogo)*, do escritor norte-americano George R. R. Martin, e consiste na casa do untuoso lorde nonagenário Walder Frey.

Um elemento presente na maioria das histórias sobre as pontes construídas pelo Diabo é o do pagamento por ele exigido na forma da primeira alma que passar pela obra recém-erguida e os diversos artificios que os homens engendram para ludibriá-lo. De modo geral, encontram uma maneira de chamar um animal e fazê-lo atravessar a ponte, como cães ou gatos. Uma lenda popular conta como o santo galês São Cado, na altura bispo, enganou o Diabo, dando-lhe um gato como pagamento pela construção da ponte que liga a Ilha de São Cado à região francesa da Bretanha. Ao já mencionado Jack o’Kent também é imputada uma façanha semelhante, mas com um cão.

Em Portugal existem diversas pontes do Diabo, como a Ponte de Val-Telhas que, segundo as gentes da freguesia de Torre de Dona-Chama, do concelho de Mirandela, foi construída pelo Diabo numa só noite, enquanto cantava alegremente. Outra é a Ponte de Domingos Terne, sobre o Rio Ave, na freguesia de Esperança, do concelho de Póvoa do Lanh-

so, feita pelo Diabo para ajudar dois namorados que moravam em margens separadas. Conta a história que o Diabo todas as noites levantava a ponte para o rapaz encontrar-se com a namorada (na gíria local diz-se *conversada*). O padre da paróquia calhou a ver o sucedido e na noite seguinte, quando o Diabo levantou a ponte, benzeu-a e o mafarrico deixou de ter poder sobre ela, deixando-a onde ficou até hoje. Acrescente-se que o orago de Esperança é São Bartolomeu, o carcereiro do Demo, e na minha opinião é possível que, algures no tempo, a sua figura tenha dado origem à do padre que benzeu a ponte. Tanto a ponte de Val-Telhas como a de Domingues Terne (ou de Mem Guterres) são românicas (não confundir com *romanas*, já que muitas construções, em principal pontes e estradas, têm sido chamadas de *romanas* sem sê-lo): a primeira já aparece referenciada em 1258, nas inquirições gerais de D. Afonso III sobre as posses da nobreza e do clero, e a segunda data, provavelmente, dos últimos decénios de 1300. E falando no século XIV, e no Diabo, concluo este texto com a lenda das portas da catedral parisiense de Notre-Dame.

Começada a construir no século XII e concluída em meados do século XIV, Notre-Dame é uma das mais antigas igrejas góticas europeias e uma das primeiras nas quais se ergueram com sucesso os revolucionários arcos botantes: estruturas que contrariam a pressão lateral exercida pelas paredes altas de uma construção de grandes dimensões. O nome *catedral* relaciona-se com o facto de ser a igreja em que está situada a *cadeira* do arcebispo (*cathedra* significa *cadeira* em latim). Ainda hoje, Notre-Dame é a sede do arcebispado de Paris e guarda três relíquias da Paixão: um dos pregos com que Cristo foi crucificado, um pedaço da cruz e, talvez a mais importante, a proverbial co-

roa de espinhos; normalmente, são mostradas aos fiéis nas primeiras sextas-feiras de cada mês e todas as sextas-feiras durante a quaresma, às três horas da tarde, e na Sexta-Feira Santa das dez horas da manhã até às cinco horas da tarde. Apesar de tão veneráveis preciosidades, o edifício sempre manteve uma aura endiabrada e uma das suas lendas conta como as portas de ferro forjado que testemunharam a sua inauguração foram, de facto, feitas pelo Diabo.

A fachada Oeste (a principal) de Notre-Dame tem três entradas: a Porta da Virgem, a Porta do Juízo Final e a Porta de Santa Ana, cada uma decorada de modo distinto nos tímpanos, arquivoltas e colunas de pedra, de acordo com a vida da personagem bíblica à qual é dedicada. A lenda conta que um ambicioso ferreiro ou caldeireiro à jorna, deseioso de ser promovido a mestre, ofereceu-se para criar as novíssimas portas de ferro de Notre-Dame (na verdade, são seis portas, porque cada entrada tem duas portas). No entanto, ele depressa descobriu que a tarefa era demasiado difícil para os seus dotes e sentiu-se desesperado; foi nessa hora maldita que apareceu um misterioso artífice chamado Biscornet e lhe propôs ser ele a fazer as portas.

Quando o espantado jornaleiro perguntou como poderia pagar, o estranho respondeu-lhe que podia pagar com a alma: Biscornet era, claro, o Diabo disfarçado. A perspectiva de ser arrebanhado para o Inferno era desconsoladora, mas a emergência da tarefa não deu escolha ao pobre jornaleiro que concordou com o pacto diabólico. Ao chegar à oficina no dia seguinte o jornaleiro descobriu que quatro portas já estavam terminadas: cada uma consistindo num trabalho lindíssimo e impecável, feito numa só peça de ferro forjado, sem remendos ou soldaduras, espalhando-se

com finura em formas graciosas; olhando com atenção, descobriu no ferro forjado diversas pequenas figuras cornutas em relevo: eram a marca d'água do mestre infernal.

Embevecido e receoso ao mesmo tempo, o jornaleiro perguntou ao Diabo porque é que não fizera as duas portas para a entrada do meio (a principal), e ele respondeu que era incapaz de fazê-las porque seria por elas que a hóstia e o vinho da eucaristia passariam nas procissões. Desse modo, o jornaleiro salvou-se de ser roubado da alma pelo Diabo, porque este foi incapaz de completar a tarefa, e ainda ficou com quatro magníficas portas, graças às quais foi promovido a mestre. A história, contudo, não diz nada sobre a feitura das remanescentes duas portas.

A versão mais popular da lenda conta que as Portas do Diabo foram substituídas na recuperação total do edifício chefiada pelo subversivo arquitecto francês Eugène Viollet-le-Duc, iniciada em meados do século XIX, e perdeu-se o seu paradeiro. Quem sabe se o próprio Diabo, saudoso de um trabalho bem-feito, não foi buscá-las ao armazém para servirem de portas ao Inferno. Gosto de imaginar os motivos intrincados que ele modelou a ganharem vida com o calor do mundo inferior e a estorcegarem-se como vermes de fogo à aproximação das almas danadas. **BANG!**



David Soares é autor dos romances "Batalha", "O Evangelho do Enforcado", "Lisboa Triunfante" e "A Conspiração dos Antepassados". A revista literária Os Meus Livros considerou-o «o mais importante autor português de literatura fantástica».

Gostou de ler este excerto?  
Então deixe-se assombrar pelo  
**"Compêndio de Segredos Sombrios  
e Factos Arrepiantes",**  
a nova obra de David Soares  
Com lançamento e apresentação oficial na Feira do Livro de Lisboa

UM CONTO DE  
J. B. MACHADO

# ENTRE LOLITA E MARGARITA

**P**reparou-se para se sentar no local que mais favorecia a sua disposição para a escrita. Estava tudo em perfeita harmonia na secretária de preto-castanho comprada há quatro anos numa grande superfície. O suporte para as canetas de várias cores e marcas, os clips coloridos, o agraphador, alguns objectos que tinham sobrevivido ao longo dos anos e dos vários cursos universitários. Mas claro que a coisa mais importante naquela mesa era a folha branca do monitor a olhar para ele e a reflectir a sua determinação em escrever.

Tinha elaborado mentalmente uma rotina inflexível e rigorosa que passaria a adoptar até atingir a sua meta. Ele sabia, porque todas as pessoas que desejam escrever algo sério sabem, que a disciplina é o calcanhar de Aquiles, é perante a disciplina que todos se quebram como mastros de navios ao encontro de rochas na tempestade. A vontade férrea de concretizar boas ideias despedaçava-se em estilhaços que vão dar a uma costa estéril.

Mas ele não queria ceder perante a primeira adversidade, perante a primeira distração, a vontade de ir comer ou a luz do sol a bater nas folhas de árvores do outro lado da janela. E, principalmente, não queria ceder perante a primeira intrusão. Era ali, naquele espaço, naquela mesa, numa sala em parte forrada com os seus livros favoritos, que se dedicaria à escrita.

A mulher e filho estavam ausentes àquela hora do dia e não tinha tarefas ou deveres para cumprir. Já respondera ao seu quinhão de anúncios de emprego naquele dia, inclusive os anúncios marcados pela mulher no jornal abandonado em cima do aparador da entrada.

Ao lado do computador portátil, colocara uma folha de papel com vários tópicos rabiscados para não se esquecer do essencial ao longo do caminho percorrido. Lera tantos livros na sua vida. Ler tornara-se uma segunda pele que vestia com conforto e nada substituíra a sensação feliz de ler sozinho um bom livro. Lera tantos livros de que se convencera de que saberia construir um enredo com início e fim, com todos os necessários elementos para manter um leitor fascinado. E as ideias vinham-lhe nos sonhos. Nos sonhos alucinantes da sua mente vívida.

Começou a escrever as palavras, a formar o encadeamento, a evitar cuidadosamente as frases feitas, ou a repetição dos vocábulos. Tentou ladear a armadilha das descrições entediadas ou de revelar em demasia as acções das personagens que começava a esboçar. Desligara a ligação à Internet e se fosse necessário, pesquisaria algo mais tarde.

Parara de reler os seus autores favoritos no momento em que abraçara uma nova rotina. Não queria sentir-se envergonhado perante a eloquência dos mestres. Todavia, isso não o impediu de sentir o calor humano nas costas e a mão em cima dos ombros. Esta era a intrusão que tanto receara e sabia quem era. Ela acariciava-o suavemente mas ignorou-a e retomou o martelar no teclado, talvez com um pouco mais de nervosismo desta vez. Bonita, sensual e uma autêntica distração infernal, como Humbert soubera, ela fora o seu pecado, a sua alma. A rapariga-mulher nunca falava quando o abordava neste momento, apenas mantinha-se ligada a ele através de uma estranha comunhão feita de afecto, talvez desejando algum tipo de retribuição da parte de alguém que não destruísse a sua vida por luxúria.

Os russos tinham sido a perdição do escritor. Nunca encontrara tanta dor, sofrimento e abnegação como nos romances russos. Um tumulto interior que abarcaria o mundo inteiro se pudesse. Ainda hoje sentia em si a cratera deixada pelo impacto das histórias feitas de calma histeria, de intensa solidão e busca por salvação. Sentia-se infeliz por já ter lido as obras dos grandes mestres russos porque nada tira o prazer da primeira leitura, da primeira descoberta.

Ela ainda estava atrás dele a tocá-lo na nuca, passando os dedos, com alguma garra e um certo torpor, pelo emaranhado de cabelos curtos e pretos, já um pouco manchados pelo cansaço da idade. Foi na poltrona do canto, o seu sítio predilecto para a leitura, que sentiu a segunda intrusão. Não precisava de olhar directamente para a mulher para saber que ela estava nua e feliz depois de planar sobre os céus soviéticos. A sua nudez nada tinha a ver com a explícita sensualidade das mãos da mulher que o tocava. A figura nua vivia apenas para o seu grande amor, o Mestre.

Tentava escrever sobre uma mulher corajosa como ela; escolhida por forças negras para interpretar um papel de vital importância. A escolhida de Satanás para ser a anfitriã do seu baile. Nela vivia o poder de uma bruxa vingativa mas também uma mulher dedicada e perdida de amores. Na sua alma coabitava o anjo e o demónio.

Começou a suar de tensão. Era tão difícil manter a disciplina entre ambas as mulheres. Tão difícil manter a concentração e as ideias focadas enquanto sentia os dedos de uma e ouvia os movimentos da outra a retirar livros das estantes. Era tão injusto. Ele sabia que podia escrever, sabia que podia retirar das profundezas as palavras, as imagens que o assombravam constantemente, sabia que podia exprimi-las de uma forma sem igual. Mas aquelas mulheres, ambas aquelas criações, eram uma danação que bloqueava o seu caminho e nada mais restava a não ser aquela opressora energia criativa completamente sufocada. Podia render-se ao inevitável, mas já assistira a demasiadas derrotas na sua vida e não queria de todo aceitar mais uma.

Ouviu a mulher nua suspirar de enfado. Os dedos da jovem prococe atrás dele começavam a fazer-se sentir como garras a abrir feridas nos cantos mais sinistros da sua mente. A folha branca à sua frente diminuía vagarosamente, obstinadamente.

Como podia a leitura dar-lhe tantas ale-

grias mas a escrita tanta amarga desilusão? Como podia viver em constante fascínio pelos mestres e as suas criações e não ser capaz de se livrar desse jugo insuportável? Não era mais um homem jovem, crescer, oferecera o seu quinhão de sacrifícios. Mas no meio de uma vida insatisfeita, os russos e a vontade de se exprimir como eles continuaram a ecoar sempre dentro de si, silenciosos como aquelas duas mulheres.

Lágrimas de frustração começaram a rolar-lhe pelas faces. Estava apenas a enganar-se a si próprio. Não escrevia realmente, apenas teclava, com azedume, palavras atrás de palavras até deixar de fazer qualquer sentido a meio da segunda folha branca.

Lembrava-se bem da primeira vez que as suas personagens favoritas materializaram-se e o choque e júbilo por ter-se julgado, por algum tempo, escolhido. Nunca fora tão feliz como naqueles primeiros anos, mas o tempo não trouxera sucesso na forma de uma obra-prima, ou reconhecimento, nem tão pouco ficou esclarecido sobre a sua falta ou não de talento.

Tudo tornara-se um pesadelo e ainda não lhe avistara um fim. A sedução era interminável, ao princípio tentadora, mas agora nem as caras das personagens era capaz de enfrentar, na sua vergonha.

Desligou o computador de forma abrupta. Respirou fundo várias vezes até sentir que estava sozinho na sala. Teriam passado horas ou minutos? Calçou os sapatos e saiu para o elevador e a rua, de



cabeça ausente e gestos automáticos. O vento fresco da rua acalmou-lhe os ânimos e todos os traços de lágrimas e raiva gradualmente desvaneceram-se. Num impulso, comprou o jornal e carregou-o debaixo do braço, com ideias de o ler num banco de jardim. Mas a tarde falhada de escrita e a memória das mulheres ainda o perseguia.

Ao fim da tarde, quando entrou na sua casa e ouviu as vozes da mulher e do filho, foi tomado por sentimentos contraditórios de miséria e alívio. Dirigiu-se para a fonte de calor humano, à cozinha. A mulher perguntou-lhe por onde andara enquanto ele levantava o filho para o colo.

– Escreveste muitas páginas hoje?

– Não foi um dia mau. – respondeu com recato.

– Quando é que podemos lê-lo?

– Já há um fim à vista...

Mentiras, mas mentiras inofensivas. A mulher não precisava de saber a verdade. Voltou a entrar no escritório recheado de alguns dos livros que mais marcaram a sua vida, tão estimados que se tinham tornado uma maldição e um fardo. Tocou algumas lombadas, e passou com o dedo no leve pó da superfície da madeira.

A mulher interrompeu-lhe as divagações ao entrar no escritório:

– Isto é uma oferta que veio dentro do jornal. Não é um dos teus livros favoritos?

Olhou para a capa e nela viu escrito “LOLITA de Vladimir Nabokov”.

Lolita. Mas também Margarita. O seu pecado, a sua alma, a sua maldição de escritor. **BANG!**



J. B. Machado nasceu na Beira Alta e é consultor em projectos de comunicação e marketing nas horas de expediente. Tornou-se emigrante para continuar ao lado da sua cara-metade.

Já publicou contos em diversas publicações mas estreia-se em Portugal com “Entre Lolita e Margarita”. Sonha, um dia, conseguir ler todos os livros que tem acumulados na sua casa.

# “ Para os críticos literários, um livro é considerado culpado até provar a sua inocência.”

Crítica Literária

Nelson Algren

▶▶▶ Lá fora

**Agressor Six**  
Will McCarthy  
Roc

Para quem gosta do género de FC vulgarmente apelidado de *Space Opera*, deve decerto recordar-se da pequena tragédia quem em 1977 quase lhe deu o golpe de misericórdia. Estou a falar, claro, da estreia do primeiro filme da segunda trilogia, *Star Wars*, realizado por George Lucas. Um filme maldito que sufocou o futuro no marasmo da mais absoluta estupidez.

Aliás não é preciso fazer grandes esforços para perceber que, de ciência, o *Star Wars* nada tem. O vácuo encheu-se de sons. As espadas de plasma têm um tamanho limitado e assombrosas cores garridas, *juste pour faire joli*. Os disparos dos canhões laser inter-naves são visíveis, mesmo em lugares onde não há atmosfera. A força da inércia é esquecida e descartada como um peso inútil, pois os caças de combate, sujeitos a uma aceleração de vários gês, travam e curvam no vazio sem reduzirem a geleia os seus pilotos. Todos os planetas têm atmosfera respirável por humanos. Por ali abundam as justificações místico-gasosas: no ataque final à Estrela Negra, Luke Skywalker abandona o computador de ataque, cerra os olhos e acerta no alvo confiando apenas na “Força”.

E a moda pegou. Pegou e estendeu-se como um rastilho de pólvora a todos os filmes que se seguiram, e que nos dias de hoje, parece ter chegado ao mais absoluto Nadir no *Avatar* do Cameron. E dos filmes a moda passou aos livros, obrigando autores consagrados do género a escrever intermináveis sequelas do ciclo do *Star Wars*, *ou else!* De facto o resultado é assustador.

Recentemente, na contracapa da edição portuguesa do Salman Rushdie, *Grimus*, dizia um certo crítico: “demasiado bom

para ser uma obra de Ficção Científica”! Como se o género fosse algo de tão maldito que qualquer aproximação que se lhe faça, vinda da parte do *mainstream*, tivesse que ser escondida sob o escudo da inovação autoral.

Mas, como diria Buzzati, “a eternidade chega, mas chega devagar”. Disse-o nos anos 50. Infelizmente o futuro aproxima-se de nós com a velocidade de um comboio Expresso, rumo à Singularidade que nos vai absorver a todos, mais dia menos dia. O futuro há-de chegar, cruel como uma bofetada de mão aberta, a todos os que compraram uma casa sem electricidade na campina Alentejana, entretidos a cantar baladas, a altas horas da noite, sob a luz das estrelas mortas. O futuro vai chegar e ninguém está preparado para o receber de braços abertos.

E contudo, lá no fundo das prateleiras das livrarias abandonadas, o género *space opera* continua a existir, a renovar-se, a produzir obras excelentes, contra tudo e contra todos. Obras que provavelmente nunca serão traduzidas nesta periferia do Império. E nelas há naves espaciais, guerras galácticas e alienígenas quanto basta. Amanhãs sombrios. Ditaduras implacáveis. Radicais transformações das nossas biologies. E sim, claro, sempre e sempre, o contacto com o Outro, o estrangeiro, o verdadeiramente diferente.

**A**gressor Six do Will McCarthy, é uma pequena mas surpreendente *space opera* militar. Quando eu digo militar, estou a falar de uma guerra contra uma civilização alienígena, a anos-luz dos esforços cripto-fascistas

do Robert Heinlein. Um grupo de humanos mais um cão é treinado a conviver numa pequena nave espacial de combate, numa simulação de uma família alienígena. Pois para vencermos uma guerra, temos de pensar como o inimigo, falar como ele fala, acreditar no que ele acredita... Temos de agir como se fossemos “eles”, para só então percebermos as razões do ataque.

Infelizmente isto significa começar a perder aos poucos a nossa humanidade. Uma armada alienígena, vinda da Constelação de Orion começa a destruir, sem apelo nem agravo, todas as colónias terrestres. Pouco antes do massacre, sempre a mesma mensagem: “rendam-se”. E os humanos não se rendem, claro, pois isso é contrário às suas naturezas. Ripostam. E são massacrados. Sempre.

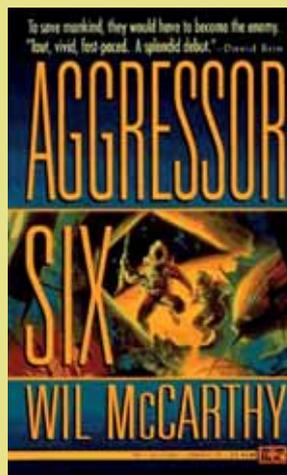
E a invasão avança rumo ao sistema Terra-Sol. Um pequeno grupo de humanos biotransformados, denominado Agressor Seis é treinado para pensar e agir como um alienígena. Todos têm um implante no cérebro de Broca, com os códigos linguísticos dos “Waister”.

O grupo está sozinho numa pequena nave de ataque, num *hous dos* demencial, cada vez mais a pensar e agir como um alienígena, cada vez mais distante da verdadeira humanidade. Até chegar o momento em que todos estão contra todos.

E sim, temos direito a ver combates durante a penetração de uma das naves inimigas. E sim, temos direito a saber o que significa a frase “rendam-se”.

Mas não vou contar mais nada. Resta o silêncio. E um gosto amargo na boca ao pensar o que a FC perdeu por ignorar uma pequena obra-prima como esta, e dedicar-se ao horror dos livros para adolescentes acrílicos que só consomem fantasia onde nada é mais estranho do que um elfo lourinho a espinotear por bosques e prados da perdida Arcadia. /

João Barreiros



# The League of Extraordinary Gentlemen, vol. III Century

Alan Moore & Kevin O'Neill

Knockabout

Em 1999, Alan Moore iniciou a publicação de *A Liga dos Cavalheiros Extraordinários*, uma liga de justiça composta por personagens fictícias da era vitoriana do séc. XIX, cada um com a sua personalidade excêntrica, liderada por Mina Harker.

Expondo um conceito arrojado em que a ficção de outros é posta ao serviço de uma nova ficção que reflecte sobre a nossa sociedade em diferente séculos/décadas, combinada com uma investigação meticolosa social e política presente na quantidade de detalhes ilustrados e referências da época, a BD tornou-se rapidamente um sucesso e transitou da era vitoriana para os séculos posteriores.

Após o título *The Black Dossier*, um interlúdio bizarro situado em 1958, retomamos a série principal no séc. XX, com a habitual colaboração com o artista Kevin O'Neill, dividida em três volumes que ocorrem em datas específicas: *1910*, *1969* e um terceiro volume ainda por publicar, no ano de 2009.

Ninguém duvida de que a preocupação principal tanto do artista como do autor é a de criar uma Londres atmosférica e fiel à época que retrata, mas o problema reside no facto de Moore não nos presentear tanto com uma história, mas antes com um esboço de uma história no primeiro volume do séc. XX.

Em *1910*, enquanto uma sociedade secreta de magos congemma a criação de um *moonchild*, o AntiCristo que irá desencadear o fim do mundo, a Liga, desta vez focada em Mina e Allan Quatermain, o/a imortal Orlando (de Virginia Woolf) e o detective sobrenatural Thomas Carnacki (de William Hope Hodgson), tenta deslindar o mistério da seita e um caso de assassínios de prostitutas. A canção baseada na Ópera dos Três Vinténs de Brecht constitui a banda-sonora deste estranho mosaico de personagens que acabarão por se cruzar (ou não) num desfecho com sabor a pouco.

Os fãs da BD poderão ter tido dificuldades em acompanhar a quantidade de referências e seguir uma linha lógica narrativa que por vezes perde-se no meio do manancial de informação. Lamenta-se que um enredo tão fino seja incapaz de abarcar uma tão rica panóplia de personagens.

Passamos para o volume *1969* em que a eventual criação de um *moonchild* por uma seita de magos é ainda uma das principais obsessões da líder da Liga, Mina Murray. Numa época marcada pelos *Swinging Sixties*, as drogas psicadélicas, a música de excêntricas estrelas de rock como Turner (a

figura do vocalista de banda é claramente uma homenagem ao filme *Performance* e à personagem de Mick Jagger), a presença de assassinos profissionais como Jack Carter, o encontro com aventureiros e viajantes como Jerry Cornelius e Andrew Norton ou as várias referências à tentativa falhada do nascimento do Anti-Cristo, nos EUA, por parte da seita satânica de Adrian Marcato (*Rosemary's Baby* de Ira Levin), mergulham a Liga a fundo nas vivências das décadas de 60/70, embora também não falem referências a... Harry Potter. O trio Allan, Orlando e Mina subitamente vêem-se afogados nas alucinações de uma década liberal mas perigosa em que a figura mágica de Oliver Haddo continua a assombrá-los e a ameaçar o equilíbrio já de si precário de um mundo cada vez mais desolado.

Se Mina é uma líder cada vez mais frustrada e assolada por dúvidas em relação à sua imortalidade, as últimas páginas com Allan e Orlando são um claro sinal de que a Liga está em ruptura e sem direcção, um reflexo da própria década retratada.

O interessante final de *1969* não impede que note que o conceito que foi tão brilhantemente criado nos primeiros volumes da Liga ultrapassa-se a si próprio, tornando difícil obter um enredo sólido e cativante, de tal forma foi mergulhado em dezenas de referências que tornam a leitura difícil de acompanhar para quem não conheça as épocas em questão. Saúda-se, ainda assim, a ousadia em dar novo fôlego a personagens ficcionais. Mas acreditem que precisarão de várias releituras e o acesso constante à Wikipédia ou outras fontes para usufruírem realmente do poder desta formidável liga de justiceiros, vilões e heróis da ficção clássica e moderna. / Safaa Dib

## ▶▶▶ Cá dentro

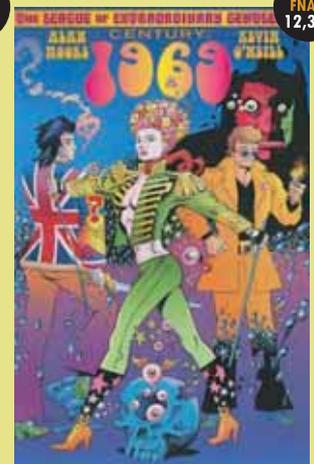
### Para Cima e Não Para Norte

Patrícia Portela  
Caminho

Quando um Homem Plano intui a existência de um Mundo ExtraPlano, habitado por Homens Espaciais capazes de contactarem directamente com o Mundo Plano, decide mudar o mundo que habita. Confrontado com a resistência dos concidadãos, o Homem Plano opta por se alterar a si próprio. Esta é a história dos seus esforços para se tridimensionar.



PREÇO  
FNAC:  
8,03€



PREÇO  
FNAC:  
12,38€

Logo desde a maravilhosa dedicatória, *Para cima e não para norte* propõe-se pensar, de forma algo alegórica e certamente não linear, sobre a ficção e a sua influência. Durante a primeira parte o Homem Plano apresenta a realidade que habita e explora-a, desconstrói-a, já não se limitando a deslizar por letras e palavras mas atribuindo-lhes também um significado, aprendendo a ler a diferentes níveis. Apesar de tanto as experiências que elabora como as descobertas a que chega serem menos inovadoras do que supõe, estas provam-se essenciais à sua evolução, mesmo quando o conduzem a erros de percepção. E progressivamente passa-se da esfera individual para a social, dos efeitos que a ficção pode exercer sobre cada um para as suas diversas e vastas influências nas civilizações. Se a segunda parte se revela uma delicada e intrincada reflexão sobre as consequências de querer ser visto e receber atenção, estabelecendo ligações quer com a televisão quer com o terrorismo, a terceira avança por uma situação desenfreada com todas as subtilidades, reviravoltas e conclusões tragicómicas da contemporaneidade. A partir de um discurso televisivo tão hilariante quanto preciso, surgem ecos das reacções da opinião pública, das instituições governamentais, dos políticos, dos académicos, dos anónimos apanhados no fluxo dos eventos; espelha-se toda a sociedade que nos forma e somos.

Patrícia Portela apresenta desde o início as premissas que sustentam a vida do Homem Plano e não só as explica bem como as desenvolve e distende. Além disso, serve-se activamente do grafismo do livro para auxiliar a compreensão e enriquecê-la.

*Para cima e não para norte* afirma-se pleno de originalidades,

diversões, diferentes leituras, e termina a sugerir novos princípios.

/ Inês Botelho



PREÇO  
FNAC:  
10,60€

# Sugestões Fnac

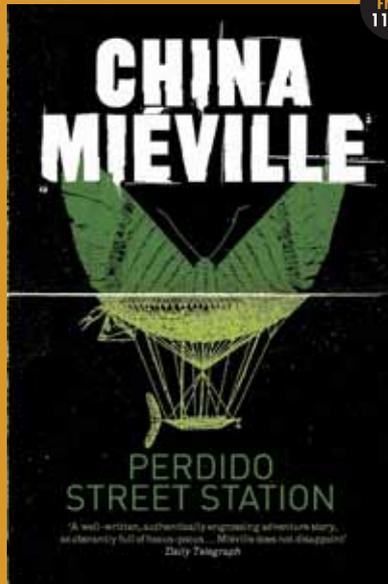
por Ricardo Monteiro / Fnac Portugal

## Marketing e Comunicação Comercial

**A**atenção dos editores mais audazes: ainda por traduzir entre nós, China Miéville perfila-se como o porta-estandarte de uma nova geração de autores de fantasia ligados a uma corrente geralmente denominada por *New Weird*. São autores que, indo beber à tradição da *pulp* e do horror do início do século XX, desafiam e subvertem agora as fronteiras do género fantástico, explorando novos temas e conceitos.

*Perdido Street Station* é o segundo livro do autor e o primeiro da série Bas-Lag, o mundo ficcional criado por China Miéville onde decorre a acção. No centro desse universo está New Crobuzon, uma cidade-estado num cenário pós-industrial, que tanto remete para cenários quase apocalípticos de decadência urbana como para a Londres vitoriana alternativa que já conhecemos do *steampunk*.

Tão bizarras como os cenários são as personagens que os povoam. Um vasto contingente de mutantes, humanoides, ciborgues, zombies e magos que conferem à narrativa uma autenticidade que nos chega a fazer duvidar da (in)existência deste universo. No seio destas personagens encontramos o nosso herói: Isaac Dan der Grimnebulin,



PREÇO  
FNAC:  
11,03€

um cientista excêntrico que, pretendendo restaurar as asas a um homem-pássaro mutilado, acaba por despoletar uma ameaça que prenuncia um destino trágico para toda a sociedade.

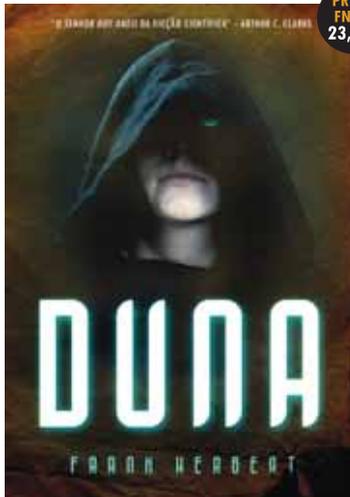
No fundo, trata-se de uma história de absoluta contemporaneidade. Não deixa de ser uma ficção inventiva e uma aventura assombrosa, mas trata essencialmente das relações entre o homem e o que lhe é estranho; do erro hu-

mano e de como ele nos transforma; das formas desesperadas como tantas vezes queremos corrigir o nosso passado, presente e futuro.

Um autor e uma saga a descobrir. Com urgência. **BANG!**

## EVENTOS: CLUBE DE LEITURA DO FANTÁSTICO

**O**s amantes de literatura fantástica vão ter a oportunidade de discutir os seus livros favoritos. Uma vez por mês, a Bertrand Livrários irá organizar o Clube de Leitura do Fantástico na Livraria Bertrand do Chiado para aqueles que apreciam uma boa conversa à volta de obras importantes da literatura fantástica, tendo em conta sempre que possível a oportunidade do lançamento de edições nacionais. Nas palavras da Bertrand, “Uma vez por mês, todos os meses, no espaço da livraria, proporcionamos a convivência e a discussão entre quem gosta de explorar e de ir mais além, tornando a experiência da leitura ainda mais estimulante.”



PREÇO  
FNAC:  
23,85€

Decorrendo na primeira sexta de cada mês, as sessões de Lisboa serão orientadas por Rogério Ribeiro que iniciou o Clube a 2 de Março com o clássico de ficção científica, *Duna* de Frank Herbert. Cada sessão (a iniciar-se a partir das 19h) terá também um convidado especial, tendo sido Luís

Filipe Silva, o organizador da antologia *Os Anos de Ouro da Pulp Fiction Portuguesa*, o convidado da primeira sessão.

As sessões do Porto serão orientadas por Rui Baptista na Livraria Bertrand do Porto Gran Plaza, cuja primeira selecção incidiu no título *Little Brother* de Cory Doctorow. Para além da discussão em torno dos livros, as sessões na Bertrand da área de Lis-



PREÇO  
FNAC:  
18,50€

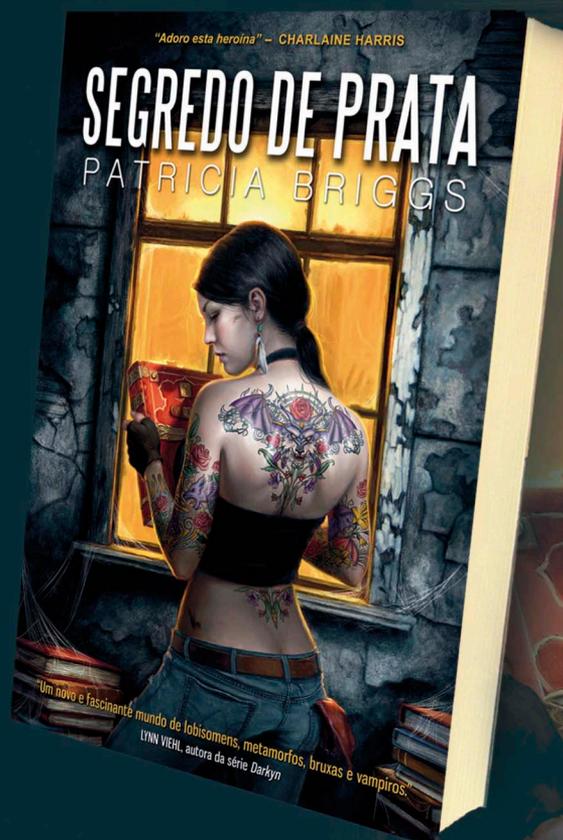
boa irão promover também a Tertúlia Noite Noite Fantástica, um jantar que promete prosseguir o convívio e conversa entre todos os membros e interessados do Clube de Leitura.

Coimbra também terá direito ao seu próprio Clube com sessões orientadas por Cláudia Pinto.

Para os interessados em se tornarem membros, basta preencher um formulário no blogue do Clube de Leitura, sendo vinte o máximo de membros admitidos.

A Bertrand assume assim uma aposta sólida na literatura fantástica que já se firmou entre os leitores portugueses, cada vez mais rendidos às narrativas estimulantes que os livros deste género têm proporcionado. **BANG!**

# TEMOS MUITOS SEGREDOS PARA CONTAR... PERDÃO... PARA OFERECER.



**Temos 50 *Segredo de Prata* para oferecer. Visita a nossa página ([www.saidadeemergencia.com](http://www.saidadeemergencia.com)), lê o excerto do livro e responde a 5 questões. Se fores um dos primeiros 50 a responder correctamente, recebes em tua casa o novo besteller da Patricia Briggs.**

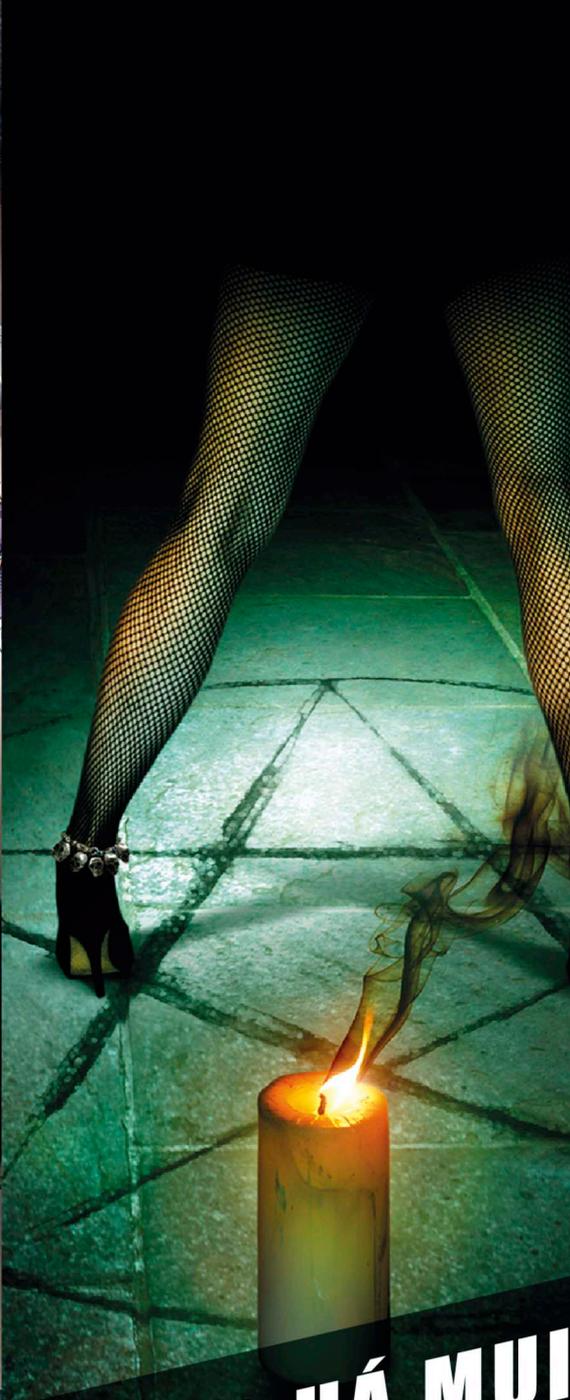
*Bem-vindo ao mundo de Patricia Briggs, um lugar onde bruxas, vampiros, lobisomens e seres feéricos vivem lado a lado com os humanos. Só uma mulher invulgar como Mercy Thompson poderia sentir-se em casa num lugar assim.*

Depois de ter escapado a custo das garras de Marsília, a temível rainha dos vampiros, Mercy só deseja paz e sossego para se integrar no bando de lobisomens do seu companheiro. Mas as coisas começam logo mal...

Quando tenta devolver um livro mágico, descobre que este contém segredos que as fadas farão tudo para proteger. E de seguida informam-na de que um amigo desapareceu e que as fadas estão envolvidas. Ou seja, só lhe resta usar os seus poderes – sobrenaturais e humanos – para se salvar a si e aos seus amigos.

Como se não fosse suficiente enfrentar o mundo implacável e perigoso das fadas, Mercy ainda tem de lidar com o lado depressivo do seu amigo Samuel (mas será só um amigo?), cada vez mais atormentado pelo conflito entre a sua natureza humana e animal.

Conseguirá Mercy Thompson encontrar uma forma de manter o seu mundo e amigos ilesos?



**ROMANCES HÁ MUITOS  
MAS OS PARANORMAIS ESTÃO AQUI:  
[WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM](http://WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM)**

Quem gosta de romance paranormal tem de visitar a nossa página. Temos as melhores autoras, as heroínas mais corajosas, os adversários mais sensuais, os enredos mais tortuosos, as séries que mais vendem. E para que saibas exactamente o que queres ler, para além de sinopses e críticas oferecemos sempre excertos super longos de todas as obras. Então, do que estás à espera para teres um romance paranormal?

P.C. Cast

Sherrilyn Kenyon

Patricia Briggs

Kim Harrison

Laurell K. Hamilton

Charlaine Harris